

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM COMUNICAÇÃO E
SEMIÓTICA

JULIANA GOMIDE ARRUDA

PALAVRA-PAISAGEM:
ecologia da palavra no Instagram de Lilia Schwarcz

Mestrado em Comunicação e Semiótica

São Paulo
2023

JULIANA GOMIDE ARRUDA

PALAVRA-PAISAGEM:
ecologia da palavra no Instagram de Lília Schwarcz

Mestrado em Comunicação e Semiótica

Dissertação apresentada ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Comunicação e Semiótica.

Orientador: Prof. Dr. Norval Baitello Junior.

São Paulo

2023

Arruda, Juliana Gomide
Palavra-Paisagem: ecologia da palavra no Instagram
de Lilia Schwarcz / Juliana Gomide Arruda. -- São
Paulo: [s.n.], 2023.
133p. ; cm.

Orientador: Norval Baitello Junior.
Dissertação (Mestrado)-- Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo, Programa de Estudos Pós-Graduados em
Comunicação e Semiótica.

1. Palavra. 2. Ecologia da mídia. 3. Ambiente. 4.
Instagram Lilia Schwarcz. I. Baitello Junior, Norval.
II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e
Semiótica. III. Título.

CDD

Banca examinadora

Prof. Dr. Norval Baitello Jr – Orientador
Programa de Estudos Pós-Graduados em
Comunicação e Semiótica da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo
(PEPGCOS/PUC-SP)

Prof. Dr. Fábio Cypriano
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
(PUC-SP)

Prof. Dr. Luciano Guimarães
Escola de Comunicações e Artes da
Universidade de São Paulo (ECA-USP)

O presente trabalho foi realizado com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) - processo nº 148450/2021-0.

This study was financed by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) - processo nº 148450/2021-0.

À minha avó, Guiomar (*in memoriam*), que me
mostrou o caminho das palavras.

AGRADECIMENTOS

Ao Paulo, meu companheiro de vida, pelo apoio e pela escuta atenta.

Ao meu orientador, Norval Baitello Junior, pelo incentivo, pelas aulas apaixonadas e por todo o aprendizado.

À professora Lucia Leão, que me acolheu no início da jornada e me abriu horizontes na banca de qualificação.

À professora Cecilia Almeida Salles, pelas trocas que permitiram os primeiros passos deste projeto.

A Fabiana Bruno e Milla Jung, professoras inspiradoras e responsáveis por semear o meu caminho acadêmico.

A todas as amigas e aos amigos do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, em especial à Beatriz Couto, que me ajudaram a percorrer este trajeto.

À Cida Bueno, assistente do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, pela paciência em esclarecer minhas dúvidas.

Ao meu corpo, que aguentou firme as horas de pesquisa e de escrita na frente da tela.

Ao CNPq, pelo apoio e fomento por meio da bolsa concedida.

*Não temos outra coisa [que palavras]. Somos
as palavras que usamos. A nossa vida é isso.*

(José Saramago)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo investigar a palavra no ambiente hipermidiático a partir de uma abordagem fenomenológica do perfil de Lilia Schwarcz no Instagram, a fim de refletir se essa palavra produz um ambiente cultural. Para essa finalidade, a pesquisa se baseia em múltiplas categorias de dados, como as publicações do perfil e os comentários dos usuários, as informações de *sites* de análise de mídias sociais e as entrevistas de Lilia Schwarcz. Considerando que hoje grande parte das palavras é provida por mecanismos midiáticos e que muitos dos processos comunicacionais ocorrem em plataformas de redes sociais, como o Instagram, entendemos que é necessário olhar para a dinâmica comunicacional desse espaço. Discutiremos a palavra no Instagram com base no conceito universalizante de imagem de Aby Warburg – afinal, toda palavra é uma imagem – para entendê-la como uma mídia e um recurso de vinculação, capaz de impactar e de criar ambientes culturais. Abordaremos a palavra como um meio primário de comunicação, uma prática do corpo, e dado que este corpo é biológico e cultural, trataremos da palavra em diálogo com o ambiente. A hipótese de pesquisa centra-se no entendimento de que o emprego de uma palavra analítica e majoritariamente escrita no perfil de Lilia Schwarcz cria componentes diferenciados de leitura que constroem um ambiente. Como desenlace, constatamos que a palavra e o meio, envolvendo os corpos mediados por aparatos, estão conectados e atuam em conjunto na criação desse ambiente cultural em torno da palavra no Instagram de Lilia Schwarcz. A fundamentação teórica assenta-se, essencialmente, em Aby Warburg, Boris Cyrulnik, Harry Pross, Norval Baitello Junior e Vilém Flusser.

Palavras-chave: palavra; ecologia da mídia; ambiente; corpo; Instagram Lilia Schwarcz.

ABSTRACT

This work aims to investigate the word in the hypermedia environment based on a phenomenological approach of Lilia Schwarcz's profile on Instagram, in order to reflect on whether this word produces a cultural environment. For this purpose, the research is based on multiple categories of data, such as profile publications and user comments, information from social media analysis sites and Lilia Schwarcz interviews. Considering that today most words are provided by media mechanisms and that many of the communication processes take place on social media platforms, such as Instagram, we understand that it is necessary to look at the communication dynamics of this place. We will discuss the word on Instagram based on Aby Warburg's universalizing concept of image - after all, every word is an image - to understand it as a media and a linking resource, capable of impacting and creating cultural environments. We will approach the word as a primary means of communication, a practice of the body, and given that this body is biological and cultural, we will deal with the word in dialogue with the environment. The research hypothesis is centered on the understanding that the use of an analytical and mostly written word in Lilia Schwarcz's profile creates different reading components that build a cultural environment. As a result, we found that the word and the environment, involving the bodies mediated by machines, are connected and act together in the creation of this cultural environment around the word in Lilia Schwarcz's profile. The theoretical foundation is essentially based on Aby Warburg, Boris Cyrulnik, Harry Pross, Norval Baitello Junior and Vilém Flusser.

Keywords: word; media ecology; environment; body; Lilia Schwarcz's Instagram.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Detalhe de “O som do silêncio”, de Alfredo Jaar.....	27
Figura 2 – Detalhe de “O som do silêncio”, de Alfredo Jaar.....	28
Figura 3 – Tempo diário de acesso à internet.....	36
Figura 4 – Tempo diário de acesso às redes sociais.....	37
Figura 5 – Ranking do uso do Instagram por países.....	37
Figura 6 – Tipo de perfil do Instagram.....	38
Figura 7 – Modos de interação no Instagram.....	41
Figura 8 – Visão geral da ferramenta insights.....	42
Figura 9 – Visão específica da ferramenta insights.....	42
Figura 10 – Perfil de Lilia Schwarcz.....	48
Figura 11 – Post de agradecimento aos 500 mil seguidores.....	52
Figura 12 – Amostra do uso da palavra no perfil de Lilia Schwarcz.....	56
Figura 13 – Post XP.....	66
Figura 14 – Exemplo de comentário com “textão”.....	68
Figura 15 – Post Afeganistão.....	72
Figura 16 – Post Beyoncé.....	81
Figura 17 – Retratações de Lilia Schwarcz.....	83
Figura 18 – Retratações de Lilia Schwarcz.....	83
Figura 19 – Post Folha.....	88
Figura 20 – Post aula.....	99
Figura 21 – Infográfico do Instagram de Lilia Schwarcz.....	119
Figura 22 – Evolução das chamadas para as lives.....	123
Figura 23 – Evolução da identidade visual dos vídeos (uso de thumbnails e cores).....	123
Figura 24 – Evolução da identidade visual dos textos publicados como imagens.....	123
Figura 25 – Combinação texto e vídeo.....	124
Figura 26 – Combinação texto e imagem.....	125
Figura 27 – Combinação texto, imagem e elementos gráficos.....	125
Figura 28 – Combinação texto e palavra-imagem.....	126
Gráfico 1 – Tipos de postagens mais frequentes no perfil de Lilia Schwarcz.....	52
Gráfico 2 – Média de engajamento por tipo de postagem.....	54
Tabela 1 – Recorte das amostras analisadas.....	61

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 O CORPO DA PALAVRA	16
1.1 A palavra é uma imagem	17
1.2 A palavra como mídia	22
1.3. A ambiência da palavra	26
2 A PALAVRA DO CORPO	34
2.1 O Instagram	35
2.2 O perfil de Lilia Schwarcz	46
2.3 A palavra no Instagram de Lilia	55
3 A PALAVRA-PAISAGEM NO INSTAGRAM DE LILIA SCHWARCZ	60
3.1 Uma paisagem da escrita e da leitura	63
3.2 Uma paisagem da análise crítica	77
3.3 Uma paisagem da porosidade	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	110
APÊNDICE A.....	115
ANEXO A	119
ANEXO B	124
ANEXO C	128

INTRODUÇÃO

As palavras sempre nortearam minha trajetória, ganhando significância como gestos através da minha avó materna, professora da rede pública, e sua prática de contar histórias em voz alta. Foi ela também que me apresentou os livros e a literatura, despertando meu interesse pelas palavras escritas, o que me levou à formação em Direito, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1995.

Em 2012, quando mudei a área de atuação profissional – migrando para a fotografia e para as artes visuais –, as imagens ocuparam o espaço predominantemente habitado por palavras. Como forma de questionar o excesso e a impermanência das imagens, incorporei à prática artística experimentações manuais e outras linguagens, sendo uma delas a palavra nas formas escrita e oral, e passei a explorar intersecções e sobreposições entre a palavra e a imagem.

Assim, trouxe para o mestrado o desejo de investigar a palavra nos ambientes e formatos tradicionais e analógicos. Contudo, por ocasião da concessão de bolsa pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da vinculação ao projeto do Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica (COS) da PUC-SP, denominado “Inovação e convergências tecnológicas em tempos de hipermídia: perspectivas da produção de conhecimento nos processos comunicacionais”, a investigação deslocou-se para o ambiente hipermidiático e o meio digital. A partir de uma abordagem fenomenológica, discutiremos a palavra no Instagram de Lilia Schwarcz e refletiremos se essa palavra, com suas características específicas, produz um ambiente cultural.

No primeiro capítulo, nomeamos a palavra estudada, compreendida em toda a sua complexidade e numa perspectiva ampla, que contempla seus aspectos visual e sonoro e a aproxima da imagem. Toda palavra é uma imagem, seja por sua forma gráfica e visualidade, seja por sua sensorialidade. A palavra é uma construção sensorial do corpo, uma imagem acústica porque representa a reprodução da voz. Em decorrência, abordamos a palavra com base no conceito universalizante de imagem de Aby Warburg, a fim de entendê-la como uma mídia e um recurso de vinculação, capaz de impactar e de criar ambientes culturais.

Em seguida, buscamos em Baitello os conceitos de mídia e de vínculo. Partimos de uma concepção expandida, que não se restringe ao suporte e ao meio, mas que entende mídia como uma ponte apta a formar vínculos e comunicar. O

vínculo resulta da experiência do corpo e seus múltiplos sentidos e é construído com base no modo como vivenciamos e nos conectamos com o ambiente. Os vínculos são estabelecidos entre corpos através das mídias e, nesse sentido, as palavras são mídias que funcionam como pontes e podem criar conexões e vínculos.

A palavra nasce do corpo e é essencialmente um meio primário de comunicação. Nessa perspectiva, o conceito trazido por Harry Pross, de que toda comunicação começa e termina no corpo, nos ajuda a compreender a palavra no meio digital e nas redes sociais, porque, por trás dos aparelhos, ainda existem corpos – corpos que produzem palavras e são impactados por elas, além de serem os responsáveis por lhes atribuir uma significação simbólica. Dado que um corpo não é apenas biológico, mas também cultural, tratamos a palavra em diálogo com o ambiente, conforme ensina Baitello (2010), e finalizamos discorrendo sobre as particularidades desse ambiente de capilaridade mediática no qual a palavra se insere.

O segundo capítulo traz a palavra no corpo de pesquisa, o Instagram de Lilia Schwarcz. Começamos com um panorama resumido da rede social, desde seu surgimento até suas principais ferramentas e o funcionamento, além dos elementos maquínicos (algoritmos), para situarmos a palavra de Lilia Schwarcz no ambiente onde ela se manifesta. Depois, apresentamos as características do perfil de Lilia Schwarcz, particularmente os critérios de seleção e de apresentação dos conteúdos e a sua performance na plataforma. O Instagram de Lilia Schwarcz possui um número significativo de comentários, e apuramos que não são simples, mas comentários elaborados com palavras e frases inteiras. Por fim, traçamos as especificidades da palavra de Lilia Schwarcz, como a ênfase na palavra analítica e primordialmente escrita, esta última expressa numa linguagem direta e formal, em textos densos e críticos, sempre combinada com outros elementos.

O Instagram foi selecionado por ser uma rede social na qual as palavras podem ser associadas a múltiplos recursos, como imagens visuais, o que particularmente interessa à autora tendo em vista sua prática artística que aposta no encontro entre a palavra e a imagem. Na rede social, encontramos desde imagens estáticas e em movimento até palavras orais, escritas e imagéticas, que se unem a pictogramas e outros elementos, numa diluição de fronteiras entre as diversas linguagens. Além disso, a plataforma permite aos usuários uma interação quase imediata através de curtidas e principalmente de comentários, o que viabiliza o

acompanhamento e a análise dos conteúdos. Outra circunstância que igualmente motivou a opção pela plataforma é que muitos professores, acadêmicos, pesquisadores e intelectuais têm ocupado as redes sociais como o Instagram para ampliar o alcance de suas palavras a um público maior, tal qual Lilia Schwarcz.

Já a escolha do perfil de Lilia Schwarcz considerou os seguintes fatores:

- Sua conta é pública e aberta e permite o acompanhamento e a leitura dos comentários;
- A constância e a periodicidade das publicações;
- A ênfase e a versatilidade no uso da palavra, que se vale de linguagens visuais, verbais e sonoras;
- A capilaridade e o alcance, dado o número de seguidores e de interações a cada postagem;
- A opção pelo emprego de textos longos e densos, sem quaisquer abreviações de palavras ou uso de *emojis* e *hashtags*, que fogem ao padrão da rede social;
- Por ela ser profissional do meio acadêmico e usar as redes sociais para falar a um público maior; e
- Pelos comentários e debates críticos do seu perfil.

No terceiro capítulo, dissertamos sobre a existência de um ambiente em torno da palavra no Instagram de Lilia Schwarcz, tomando como base alguns fenômenos recorrentes verificados após um período de praticamente um ano e meio de acompanhamento do perfil. Abordamos e discutimos cada um dos seguintes fenômenos a partir de amostras de publicações: a palavra escrita e a temporalidade de leitura e de produção de novas palavras; a palavra analítica e as críticas e reflexões nos comentários; e a permeabilidade da palavra para o debate e para outros ambientes. A suposição é de que o emprego da palavra analítica e majoritariamente escrita no perfil de Lilia Schwarcz cria componentes diferenciados de leitura que constroem um ambiente cultural nesse espaço.

Para investigar a hipótese de pesquisa, utilizamos uma abordagem empírica de observação e análise do perfil de Lilia Schwarcz explicada em detalhes no preâmbulo do último capítulo. A extração de dados de redes sociais pode ser feita por programas (*softwares*) específicos que permitem uma coleta de informações mais abrangente. Todavia, esses programas possuem um custo elevado e muitos

demandam conhecimento específico de programação para o correto manuseio e a extração das informações. Assim, os dados do perfil de Lilia Schwarcz foram extraídos manualmente pela autora, trazendo para a investigação o seu corpo (que, diga-se de passagem, terminou exausto), o que sabemos ser limitante. É limitante porque o corpo físico cansa, especialmente porque a pesquisa se desenvolve na frente da tela para extrair informações. Cansado, o corpo não enxerga – e exigiu que a autora lesse e relese mais de uma vez os conteúdos. Igualmente é limitante porque o próprio Instagram impede o acesso e, por conseguinte, a leitura dos comentários a partir de um determinado ponto. Para compensar tais limitações, as informações foram coletadas com base em múltiplas categorias de dados, de modo que, além das publicações do perfil e dos comentários, foram consideradas também as informações de *sites* de análise de mídias sociais e entrevistas de Lilia Schwarcz, incluindo a entrevista que foi concedida à própria autora. O método empírico permitiu enfrentar os desafios advindos dos fatores-problema do ambiente, em que múltiplos aspectos se relacionam como corpos, aparelhos e algoritmos, e lidar com a mutabilidade e a volatilidade desse meio.

Vivemos numa época em que a maior parte das palavras é produzida por meios eletrônicos; considerando que muitos dos processos comunicacionais ocorrem em plataformas de redes sociais, é necessário olhar para a dinâmica comunicacional desse ambiente, em especial do Instagram – que é a terceira rede social mais utilizada no país. Nesse contexto, a maior parte das pesquisas sobre a palavra no Instagram traz para o debate influenciadores digitais e a capacidade de sugestionar a tomada de decisão de seus seguidores. Os influenciadores frequentemente são pessoas que produzem conteúdo e auferem rendimentos a partir das atividades na plataforma, geralmente por meio de parcerias comerciais com marcas e serviços, o que definitivamente não é o caso de Lilia Schwarcz. Ela é uma professora e acadêmica que passou a usar ativamente a rede social após a eleição do ex-presidente Jair Bolsonaro, logo, dentro de uma conjuntura política, social e cultural, e se vale da palavra predominantemente escrita para trazer conteúdos – notícias e imagens em evidência na mídia – por meio de análises.

Entendemos que, ainda que produzida virtualmente, essa palavra não pode ser dissociada do corpo, que deve ser compreendido como um corpo biológico e cultural. Por conseguinte, julgamos relevante estudar a palavra ecologicamente, compreendendo-a como uma mídia com potencial de impactar e criar ambientes,

conforme o trajeto teórico e investigativo estabelecido por esta pesquisa. Assim, acreditamos que contemplamos a complexificação do processo comunicativo sem promover a separação de sujeito e objeto que, na prática, são inseparáveis, uma vez que o objeto somente existe em relação a um sujeito e o sujeito somente existe em relação ao meio (Morin, 2015).

1 O CORPO DA PALAVRA

As palavras preenchem a vivência antes mesmo do nascimento, quando estamos no conforto do útero e sentimos as vibrações e a sonoridade da voz materna. É através do corpo e da sensorialidade que estabelecemos os primeiros vínculos, pois “muito antes da convenção do verbo, o mundo vivo é estruturado pela sensorialidade que lhe dá uma forma perceptível precisa. Este mundo palpável possui um sentido suplementar que lhe é dado pela flecha do tempo” (Cyrułnik, 1997, p. 16). Depois, elas alcançam o mundo através das primeiras experiências e dos primeiros aprendizados. As palavras nos tornam únicos quando ganhamos nomes e sobrenomes. Usamos palavras para nos comunicar e estabelecer vínculos. Palavras alimentam e machucam. Palavras abrandam e encolerizam. Palavras vivem e morrem. Palavras dizem e ocultam.

Segundo o dicionário on-line *Dicio*¹, a palavra é definida como uma unidade linguística que pode ser escrita ou falada. Apesar disso, a palavra é usualmente associada exclusivamente à escrita, do mesmo modo que a imagem é associada à visualidade. A palavra não é apenas escrita e a imagem não é apenas visual. Palavra e imagem estão interligadas, uma vez que palavras geram imagens e imagens geram palavras. Acima de tudo, palavras são também imagens. A palavra é uma imagem tanto em sentido estrito, por sua forma gráfica e visualidade, quanto em sentido amplo, entendida como uma construção sensorial do corpo, uma imagem acústica que expressa a reprodução da voz.

Discutiremos a palavra a partir de uma perspectiva ampla, que contempla ambos os aspectos, ou seja, o visual (palavra escrita) e o sonoro (palavra falada), aproximando-a da imagem. Para tanto, recorreremos ao conceito universalizante de imagem de Aby Warburg, entendendo a palavra como uma mídia com capacidade para impactar e constituir ambientes culturais.

A palavra é essencialmente um meio primário de comunicação, uma prática do corpo que não é apenas biológico, mas também cultural. Como consequência, abordaremos a palavra em diálogo com o ambiente conforme Baitello (2010). Desse modo, trataremos, inicialmente, dos conceitos de mídia e de ambiente para, em seguida, particularizar a ambiência da palavra na atualidade e suas especificidades.

¹ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/palavra/>. Acesso em: 2 maio 2023.

Num mundo saturado de palavras, a grande maioria é provida por mecanismos midiáticos, sobretudo dispositivos eletrônicos e tecnologias digitais, e circula em plataformas de redes sociais como Instagram e Facebook, dentre outras. As palavras hoje se propagam rapidamente e nos alcançam em todos os lugares e a todo momento através dos dispositivos móveis que carregamos conosco dia e noite. É da palavra como imagem com força de mídia e desse ambiente da capilaridade mediática (Baitello, 2010) que cuidaremos neste capítulo.

1.1 A palavra é uma imagem

A palavra e a imagem frequentemente são vistas como elementos díspares, uma vez que a palavra é sempre associada à forma escrita ao passo que a imagem é associada à visualidade, o que faz com que, via de regra, sejam consideradas isoladamente. Quando consideradas em conjunto, muitas vezes a relação entre ambas se dá segundo a ótica da dissolução de fronteiras entre linguagens ou da complementaridade nos casos em que a ausência ou a transgressão sintática do signo escrito contribui para a formação da imagem.

No entanto, a palavra não é apenas escrita, da mesma forma que a imagem não é somente visual. Palavra e imagem estão interligadas, afinal, palavras geram imagens e imagens geram palavras. Como afirma o curador da 30ª Bienal de São Paulo, Luis Pérez-Oramas², ao falar sobre o mito de Eco e Narciso e a relação entre a palavra e a imagem, discorrendo sobre o papel da arte quando ambas se desencontram, “cada palavra potencialmente é uma imagem e cada imagem potencialmente é uma palavra”³. De fato, as palavras nos conduzem a visualidades, que podem se transformar em múltiplas possibilidades de imagens de acordo com o ambiente, o contexto e o repositório de sentidos subjetivos em que estão inseridas, e as imagens nos levam a associações de significados que se traduzem em palavras. “As palavras estimulam nossa imaginação, enquanto a imaginação, por sua vez, transforma as palavras nas imagens que elas significam” (Belting, 2006, p. 38).

Além desse liame, que por si só já justifica um estudo que não se limite às suas respectivas materialidades, devemos ter presente que toda palavra é também

² Poeta, historiador da arte e curador venezuelano (1960-).

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8alRYmRm0M8>. Acesso em: 10 jun. 2022.

uma imagem, tanto pela forma gráfica quanto pela sensorialidade e, como tal, precisa ser vista em sua complexidade. Senão, vejamos.

A palavra escrita advém da “simplificação dos registros iconográficos, dos desenhos e das pinturas”, segundo Baitello (2014, p. 49). A visualidade e a aparência imagética da palavra, notadamente na escrita alfabética ocidental, se traduzem nas letras que pouco se modificaram no decorrer dos tempos, conforme Vilém Flusser (1985)⁴.

Aliás, é curioso que as formas das letras originais se tenham conservado durante estes milênios todos. São provavelmente os objetos culturais mais antigos e mais arcaicos aos quais recorreremos diariamente. As letras continuam mostrando que originalmente eram pictogramas de objetos (de touros, de casas, de camelos), e que mais tarde foram transcodadas para significarem o primeiro som da palavra semítica que designa tais objetos.

Baitello (Serva; Guimarães, 2022, p. 132) lembra, inclusive, que Vilém Flusser “foi um dos primeiros a dizer que a palavra nasceu da imagem, que ela é a imagem rasgada em tiras para construir uma linha”, que introduz uma nova forma de sistematizar o pensamento, agora orientado por um código unidimensional linear.

Entretanto, a palavra não é apenas escrita, mas igualmente falada. O corpo é um acervo vivo, que se expressa por meio de diferentes formas e linguagens; como ensina o líder indígena Ailton Krenak⁵, a oralidade é um oceano e a escrita, apenas um braço de mar. Aliás, os povos originários sempre usaram a oralidade para compartilhar saberes e conhecimentos próprios de cada etnia e suas distintas cosmovisões numa leitura de mundo que dispensa a escrita alfabética. A palavra falada representa o som que emana do corpo; assim, é uma construção sensorial, uma imagem acústica. Aqui, adotamos o conceito de Baitello, que compreende imagens como complexos perceptivos que envolvem diversos sentidos e sensorialidades, e não se restringem exclusivamente à visão.

Imagens, em um sentido mais amplo, podem ser configurações de distinta natureza, em diferentes linguagens: acústicas, olfativas, gustativas, táteis, proprioceptivas ou visuais. Portanto, nesse sentido, já a maioria delas é invisível e pode apenas ser percebida por seus vestígios ou pelos outros sentidos que não a visão (Baitello, 2014, p. 63).

Segundo Baitello (Cagliari; Oliveira, 2022, p. 7), “nós não somos só olhos, nós

⁴ Filósofo tcheco naturalizado brasileiro (1920-1991).

⁵ Disponível em: <https://youtu.be/AGtJYaXNNp0>. Acesso em: 21 jun. 2022.

somos olhos, ouvidos, boca, nariz, mãos, pele etc.”. De fato, ao lermos um livro, imaginamos cenas para as palavras da história, sentimos os personagens, ouvimos o narrador. Ao escutarmos um som ou uma música, associamos imagens, nos emocionamos. Ao lermos uma receita afetiva, salivamos. A poesia, escrita ou declamada, provoca sensações e visualidades com seus inúmeros recursos e figuras de linguagem, tais como metáforas, antíteses, eufemismos, dentre outras (Arruda, 2022).

Como diz José Saramago em seu livro *As Pequenas Memórias* (2006, p. 57-58), ao falar sobre a lembrança de sua avó Carolina:

Do que me lembro muito bem é de ter a avó Carolina estado doente em nossa casa durante um tempo. A cama em que jazia era a dos meus pais, onde teriam eles ficado durante esses dias não tenho a menor ideia. No que a mim diz respeito, dormia na outra divisão da parte de casa que ocupamos, no chão e com as baratas (não estou a inventar nada, de noite passavam-me por cima). Recordo ouvir repetidamente aos meus pais uma palavra que nessa altura julguei designar a doença de que a avó padecia: albumina, que tinha albumina (suponho agora que sofreria de albuminúria, o que, vendo bem, não faz grande diferença, porquanto só quem tenha albumina poderá ter albuminúria). Minha mãe punha-lhe parches de vinagre aquecido, não sei para quê. Durante muito tempo, o cheiro de vinagre quente esteve associado na minha memória à avó Carolina.

Logo, a palavra é uma imagem por seu traço tanto imagético quanto acústico. Sobretudo, a palavra é uma imagem por sua força de mídia e, para entendê-la nesse contexto, recorremos ao conceito universalizante de imagem do historiador alemão Aby Warburg (1866-1929), reconhecido (ainda que tardiamente) por seus estudos sobre as imagens e por ter criado uma importante biblioteca que levava seu nome, a Biblioteca Warburg (*Kulturwissenschaftliche Bibliothek Warburg*).

A Biblioteca Warburg nasceu como espaço de reflexão e de pensamento (*Denkraum*) das ciências da cultura, e não abrigava apenas livros, mas também “fotos, recortes de jornal, registros de imagens e mapas de suas migrações”, de acordo com Baitello (2020, p. 15). Isso se vislumbra já na sua concepção, porque a biblioteca era organizada em quatro andares: o primeiro tinha como tema a Imagem (*Bild*); o segundo, a Palavra (*Wort*); o terceiro, a Orientação (*Orientierung*); e o quarto, a Ação (*Aktion*). Os livros, as imagens e os documentos estavam dispostos segundo o critério da “boa vizinhança”, o que permitia a aproximação de objetos variados e diálogos entre as mais diversas temáticas distribuídas pelos andares da biblioteca.

Adriana Gomes Penido (2022, p. 2) diz o seguinte acerca da metodologia de organização da Biblioteca Warburg:

O assunto iniciado em um livro relacionava-se com o assunto tratado no volume ao lado e assim sucessivamente. A disposição dos livros obedecia a uma ordem conceitual que direcionava o leitor pela biblioteca, criando uma narrativa constituída por uma sequência de associações. Para o visitante, era quase impossível encontrar o livro que procurava, mas certamente encontraria tantos outros, que possivelmente apresentariam uma estreita e surpreendente afinidade com o livro inicialmente desejado.

As associações entre os assuntos eram provisórias e a biblioteca encontrava-se em constante movimento, uma vez que os elementos do acervo rotineiramente mudavam de lugar a fim de permitir novas associações e reflexões. Para Warburg, o mais importante eram as conexões interdisciplinares proporcionadas pelo conjunto da biblioteca. Nesse particular, a palavra já se aproximava da imagem e ocupava um dos patamares da biblioteca como parte integrante e suporte do pensamento warburguiano.

No mesmo local, Aby Warburg erigiu um de seus mais conhecidos trabalhos, o *Atlas Mnemosyne*, formado por pranchas cobertas de tecido preto que reuniam diversas imagens, igualmente reagrupadas e deslocadas a todo instante. Penido (2022) observa que Warburg investigou a relação entre a palavra e a imagem também a partir das conexões entre a biblioteca e o *Atlas Mnemosyne*, conferindo à imagem o mesmo *status* dos escritos (e entendemos que o inverso também se aplica), sem qualquer relação de hierarquia entre ambos.

Ao aproximar diferentes imagens e palavras de épocas distintas, Aby Warburg “diagnostica que as imagens são transportadas de uma época a outra e de um espaço a outro” e “fazem verdadeiras correntes migratórias” (Baitello, 2020, p. 15), inferindo alguns fenômenos da imagem, dentre os quais nos interessam particularmente dois, pois se aplicam à palavra. O primeiro compreende a imagem como a presença de uma “pós-vida” (*Nachleben*), ou seja, formada por camadas históricas que se acumulam umas às outras e carregam gestos, expressões e sentidos de diferentes épocas e culturas, engendrando na imagem uma enorme carga energética que não pode ser desprezada (Baitello, 2010). O segundo compreende a imagem como uma fórmula de *pathos*, ou fórmula da paixão (*Pathosformel*), com a capacidade de capturar nosso olhar e mobilizar paixões para o “para o bem e para o mal” (Baitello, 2019a, p. 66).

Nesse sentido, as contribuições de Aby Warburg ampliam os limites de expressão do que é uma imagem e, portanto, da palavra, para além do artístico e de uma visão exclusivamente formal e estetizante, entendendo-as como recursos de vinculação, como mídias (Baitello, 2010). Para Baitello (Cagliari; Oliveira, 2022, p. 6), “uma imagem é o produto de um ambiente, que significa de uma cultura, que significa de uma época, que significa de uma mentalidade”. As imagens e as palavras ganham sentidos e expressividades em diferentes contextos, uma vez que são constituídas de camadas as quais carregam cargas energéticas que nem sempre convivem harmoniosamente entre si, causando grandes arrebatamentos. Ainda conforme Baitello, “Uma imagem [e a palavra porque é imagem]⁶ é algo que produz um ambiente em torno dela” (Cagliari; Oliveira, 2022, p. 6), mas trataremos especificamente do ambiente mais à frente.

As palavras guardam marcas que igualmente se transportam entre tempos. Palavras surgem, caem em desuso, ganham novas grafias, simbolismos e significados em distintos ambientes e conjunturas históricas. Ao investigarmos, por exemplo, as camadas da palavra “denegrir”, descobrimos que ela advém da união de duas: *de* e *niger*. Segundo o *Dicionário Etimológico*⁷, *de* é uma preposição que pode ter diversos sentidos, dentre os quais intensidade, enquanto *niger* designa negro ou escuro. Assim, a palavra “denegrir”, do latim *denigrare*, significa “tornar mais escuro”. Ao longo do tempo, a palavra ganhou também o significado de manchar, impingindo-lhe uma conotação negativa. No sentido figurado, “denegrir” designa manchar a reputação de algo ou alguém e, por isso, no contexto atual, de acordo com os movimentos negros, a palavra tem uma acepção racista e deve ser evitada. Além disso, as palavras possuem a capacidade de afetar e impactar positiva e negativamente, porque tanto podem ser ditas ou escritas a esmo, “no calor do momento”, como dizem – especialmente nas redes sociais, que se sobressaem pela instantaneidade –, quanto podem ser ponderadas e refletidas.

Então, conceber a palavra como uma imagem significa “não banalizá-la, porque ela tem uma história, tem uma densidade de camadas imagéticas”, de acordo com Baitello (Serva; Guimarães, 2022, p. 131), ao falar sobre o uso da etimologia na sua escrita em entrevista para a revista *MATRIZES*, do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. E é

⁶ Observação entre colchetes da autora.

⁷ Disponível em: <https://www.dicionarioetimologico.com.br/denegrir/>. Acesso em: 1 maio 2023.

nessa perspectiva ampla que entendemos e trataremos da palavra, contemplando seus aspectos visual (palavra escrita) e sonoro (palavra falada) e aproximando-a da imagem para entendê-la como mídia, com potencial para despertar paixões e eventualmente constituir vínculos e ambientes.

1.2 A palavra como mídia

Uma vez que se compreende a palavra como recurso apto a vincular, devemos entender o que é uma mídia e essa ação vinculadora. Nesse aspecto, evocamos novamente os ensinamentos de Baitello, que volta seu olhar para as arqueologias e as camadas imagéticas da palavra. Assim explica o autor sobre a mídia:

Mas o que é uma mídia? Vamos começar pela resposta arqueológica, pela origem da palavra. “Mídia” vem de “*media*”, palavra latina, plural de “*médium*”. Por sua vez, “*médium*” vem de “*medhyo*” em indo-europeu, com o significado simples de “aquilo que fica no meio”. Então, é o que fica entre uma pessoa e outra, o meio de campo entre uma coisa e outra. Não é a coisa nem a outra coisa. Não é a pessoa nem a outra pessoa, mas o que fica no meio delas. Deve-se acrescentar apenas que esse meio de campo pode receber e conservar rastros. E os rastros serão vistos por outras pessoas em outros tempos. Os rastros são as primeiras imagens que os homens deixam para outros homens, a primeira mídia, ainda uma janela não recortada por retângulos. (Baitello, 2012, p. 58).

Destarte, a mídia é o meio de campo que pode deixar rastros, os quais vão sendo modificados e aperfeiçoados ao longo do tempo. Na prática, os rastros se transformaram em desenhos e nas imagens tradicionais; mais tarde, ganharam incisões sobre objetos e passaram a ser aplicados sobre suportes com a escrita, até chegar às superfícies imaginadas das imagens produzidas por aparelhos.

Conforme esclarece Baitello (2012), o ser humano se utiliza da mídia como um elo entre ele e o outro, um elo que pode estabelecer conexões e vínculos. Usualmente, a mídia é vista em seu aspecto funcional como um suporte ou meio que aproxima as partes para a troca de informações, estabelecendo conexões na corriqueira visão emissor e receptor. Contudo, precisamos ir além e enxergar a mídia de forma expandida, como uma ponte apta a formar vínculos e, dessa maneira, comunicar, já que a comunicação é a construção de vínculos (Baitello, 2008).

Mas o que vem a ser o vínculo? O vínculo é da natureza da experiência. Jorge Larossa (2020, p. 18) define experiência como “o que nos passa, o que nos

acontece, o que nos toca” e acrescenta que “informação não é experiência”, “a informação não deixa lugar para a experiência, ela é quase o contrário da experiência, quase uma antiexperiência”. Para chegar a essa definição, o autor também mergulha nas camadas imagéticas de significados da palavra “experiência” nas mais diversas línguas.

Começarei com a palavra experiência. Poderíamos dizer, de início, que a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”, em italiano, “quello che nos accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”. (Larossa, 2020, p. 18).

O vínculo advém da experiência do corpo e seus múltiplos sentidos. Ele nasce a partir das vivências da falta e da saciedade que se intercalam entre si, inicialmente na relação entre a mãe e o bebê⁸ e, depois, na relação com o outro e com o mundo. Como um corpo não se restringe a uma única vinculação, mas “é um catalisador de ambientes”, a sua presença produz a necessidade de se criar vínculos, porque traz a lembrança “de que somos seres de incompletude, dependentes – desde o nascimento – de outros seres para sobreviver” (Baitello, 2008, p. 99). O vínculo é da ordem espaço-temporal, ou seja, é construído a partir do modo como vivenciamos e nos relacionamos com o ambiente e com o tempo, este último dado pela cultura⁹. Portanto, a comunicação é o processo que forma vínculos entre corpos vivos por intermédio das mídias, em função do que “sempre há um corpo no início e no final de todo processo de comunicação”, conforme Baitello (2010, p. 62) ao citar Harry Pross¹⁰.

A mediação entre os corpos pode se dar pelos meios primários, secundários e terciários de acordo com a teoria da mídia de Harry Pross, abordada por Baitello (2010). A comunicação primária se realiza diretamente entre os participantes no mesmo tempo e espaço físico, com os recursos dos próprios corpos e suas diversas possibilidades de produção de linguagens, através da fala, dos gestos, das expressões, dentre outras. A comunicação secundária expande o alcance dos corpos para um tempo e um espaço diversos do presencial, uma vez que o

⁸ Conforme as aulas da disciplina “Semiótica da Cultura: a teoria ecológica da mídia de Harry Pross”, ministradas pelo professor Norval Baitello Junior, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

⁹ Conforme a nota 7.

¹⁰ Cientista político, jornalista e comunicólogo alemão (1923-2010).

transmissor necessita de um aparato ou suporte físico para transportar a mensagem até o receptor, que pode estar fisicamente distante do primeiro. Por sua vez, a comunicação terciária exige que ambos os participantes tenham acesso a aparatos para transmitir e receber a mensagem, eliminando a necessidade de transporte dos suportes e aumentando o alcance do sinal, tornando desprezível o espaço e flexível o tempo. Os meios não se excluem, mas se acumulam, de modo que, a cada um, apenas se acresce uma etapa à anterior, o que significa que a mídia secundária não anula a primária, da mesma forma que a terciária não anula a primária e a secundária (Baitello, 1999).

As palavras são mídias que funcionam como pontes e podem criar conexões e vínculos, independentemente da natureza da mediação. Lembremos das palavras que antes eram trocadas por cartas enviadas pelo correio. Lembremos das palavras que hoje são trocadas pelo celular ou por plataformas como o WhatsApp. Lembremos das palavras das histórias contadas em voz alta pelos pais aos filhos na infância e das narrativas dos avós que acompanhavam reuniões familiares. Lembremos das palavras das histórias e das narrativas que hoje são contadas com o auxílio de vídeos ou livros digitais. Todas elas palavras, algumas distribuídas por meios primários e outras, por meios secundários e terciários.

Na contemporaneidade, é fato que a maior parte das palavras circula por meios terciários, como as redes sociais, que promovem o distanciamento dos corpos e conduzem de modo geral ao empobrecimento das trocas e das experiências. A esse respeito, Walter Benjamin (2012, p. 217), ao analisar a obra de Nikolai Leskov¹¹, em um texto célebre que já alertava para o declínio da narrativa, afirma que: “O narrador retira o que ele conta da experiência: de sua própria experiência ou da relatada por outros. E incorpora, por sua vez, as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes”. Não obstante, as palavras ainda são usadas para estabelecer vínculos em todas as mídias; afinal, como diz Larossa (2020, p. 17), “o homem é um vivente com palavra”, “se dá em palavra, está tecido de palavras”.

Nessa esteira de pensamento, devemos considerar que a palavra nasce do corpo e, por isso, é essencialmente um meio primário de comunicação. A palavra falada é a reprodução da voz, “o sopro que emana do corpo” (Baitello, 2019a, p. 64). Quando falamos, o corpo como um todo age, reage e se movimenta, quer na

¹¹ Escritor russo (1831-1895).

escolha das palavras e seus significados, quer na entonação, na musicalidade e na emotividade da voz. Já a palavra escrita é um gesto do movimento desse corpo (pensemos na mão que escreve ou na ponta dos dedos que digitam).

La palabra es el medio primario por excelencia. Los seres humanos se distinguen de los demás animales por la palabra, por la capacidad de hablar. La génesis de la palabra corre pareja con el proceso de hominización. Es producto de la cooperación y la solidaridad. Fueron éstas las que pusieron en pie a los antepasados directos del hombre, las que dieron origen al lenguaje (Romano, 2004)¹².

Tendo em vista a citada cumulatividade dos meios, todas as mídias, inclusive as digitais, sempre se referem a corpos (recorde-se Harry Pross e a premissa de que toda comunicação começa e termina no corpo). Na frente (ou por trás) dos aparelhos existem corpos que operam, pensam e projetam tais aparelhos. Existem corpos que falam, sentem, escutam e sobretudo atribuem significado através dos seus múltiplos sentidos às palavras trocadas – palavras, aliás, que se dirigem e se destinam a corpos. Portanto, é através do corpo que compreendemos o mundo, um corpo que não é apenas biológico, mas também cultural e que se modifica de acordo com a historicidade e o ambiente.

Mas, se é inegável que o corpo está na base de toda comunicação, também é inegável que o corpo enquanto mídia se altera a cada alteração da cultura e da sociedade da qual faz parte. Porque falar em corpo é falar em uma complexa intersecção entre natureza biofísica, natureza social e cultura. Assim, muito além de ser uma mídia, o corpo é também um texto que tem registrada em si uma enorme quantidade de informações, desde a história da vida no universo até a história cultural do homem, do homo faber, do homo sapiens, do homo ludens e do homo demens (Baitello, 1999, p. 4).

Como decorrência, a palavra como mídia deve ser pensada em diálogo com o ambiente (Baitello, 2010, 2018, 2019a). E o que vem a ser o ambiente? Baitello explica o ambiente lançando mão, uma vez mais, da etimologia:

“Ambiente”, do latim “*ambiens/ambientis*” é participio presente do verbo “ambire”, significando “andar ao redor, cercar, rodear”. A raiz indo-europeia “*ambhi-*” (significando “em volta de”) também dá origem ao radical grego “*anfi*” (de “anfíbio” e “anfiteatro”), significando de um lado e de outro. Definido por Houaiss, “ambiente” é “tudo que rodeia os seres vivos e/ou as

¹² “A palavra é o meio primário por excelência. Os seres humanos se distinguem de outros animais pela palavra, pela capacidade de falar. A gênese da palavra corre paralela com o processo de hominização. É produto da cooperação e da solidariedade. Foram estas que colocaram os ancestrais diretos do homem em pé, que deram origem à linguagem” (tradução livre da autora).

coisas” (Baitello, 2018, p. 76).

O ambiente é o entorno, o que está ao redor do objeto. Baitello (2019a) acrescenta que o entorno e o objeto estão conectados, uma vez que o objeto pertence a um ambiente e é influenciado por esse mesmo ambiente. O ambiente está dentro e fora de nós e, para a sua caracterização, Baitello (2010) esclarece que é preciso disponibilidade, a intencionalidade de erigir vínculos. A propósito dessa intencionalidade, o autor cita o filósofo japonês Tetsuro Watsuji (1889-1960), que a definiu como “um estar fora de si mesmo, um existir voltado para o outro” (Watsuji, 2006, p. 26 *apud* Baitello, 2010, p. 83).

Tetsuro nos apresenta três grandes ambientidades que geram três grandes ecossistemas culturais ou padrões de cultura: a ambientalidade monçônica, a ambientalidade desértica e a ambientalidade pastoril. Na ambientalidade monçônica, o homem é parte da natureza; na ambientalidade desértica, o homem luta contra a natureza ou a natureza combate o homem e ele tem que lutar para sobreviver; e na ambientalidade pastoril, o homem se alia com a previsibilidade da natureza. Cada ambientalidade cria divindades de um tipo específico e direciona a ação humana de uma maneira distinta (Serva; Guimarães, 2022, p. 132-133).

Por isso, ambientes são determinantes das ações humanas e dos preceitos culturais que estão integrados nos mesmos ambientes. Assim, “uma cultura da palavra escrita constrói ambientes adequados às temporalidades da leitura” (Baitello, 2018, p. 77). Na atualidade, por exemplo, temos visto florescer muitos clubes de leitura; a própria autora faz parte de um que reúne exclusivamente mulheres com disponibilidade e intencionalidade para a troca de experiências literárias, por meio de um grupo de WhatsApp e um encontro mensal híbrido, presencial e on-line. É um espaço de intercâmbio que cria conexões e vínculos em torno da palavra escrita e da leitura. A palavra, de fato, é uma importante mídia capaz de produzir ambientes, razão pela qual é imprescindível entendermos o ambiente em que hoje ela está inserida, porque esse ambiente é determinante no manejo e na apresentação da palavra.

1.3. A ambiência da palavra

Joan Fontcuberta¹³ inicia seu livro *La Furia de las imágenes* (2020) afirmando

¹³ Fotógrafo, escritor, crítico, curador e docente natural de Barcelona (1955-).

que padecemos de uma inflação de imagens sem precedentes. De fato, com o advento das máquinas reprodutoras – a denominada era da reprodutibilidade técnica (Benjamin, 2012) –, as imagens passam a ser produzidas em larga escala e a circular em velocidade vertiginosa. A materialidade cede lugar à visibilidade, as imagens se transformam em produto e agora valem pela profusão de olhares que despertam, compelindo tudo a se tornar visível – afinal, “o invisível não existe, pois não possui valor expositivo algum, não chama atenção” (Han, 2019, p. 34). O excesso e a hipervisibilidade resultam no esgotamento do olhar e numa crise de visibilidade; as imagens perdem a magia e seu potencial de impacto e tornam-se opacas de sentido (Baitello, 2014).

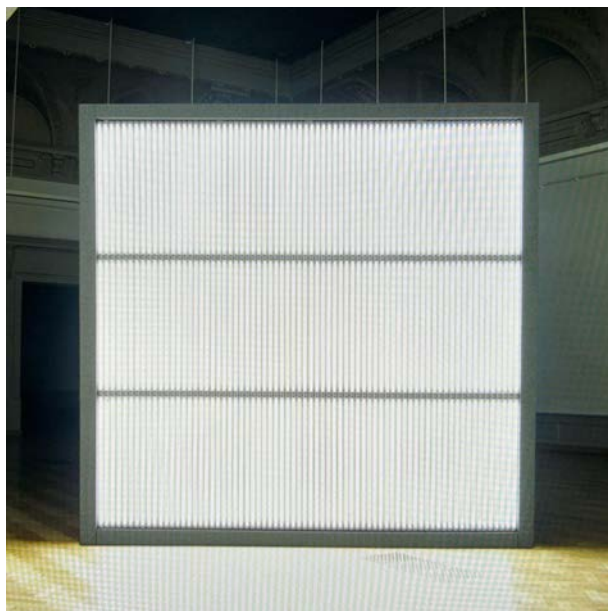
Nesse cenário, as palavras são frequentemente usadas para contextualizar imagens, especialmente no campo artístico tal qual faz Alfredo Jaar¹⁴. Para Jaar, as imagens são construções que resvalam na ambivalência e podem ser instrumentos de controle ou de libertação, em função do que alguns de seus trabalhos se valem de textos e palavras para trazer visibilidade ao que deliberadamente não é dito ou é ocultado pelas imagens.

Em “O som do silêncio” (2006), por meio de palavras, Alfredo Jaar coloca em evidência uma única imagem, consistente de uma fotografia feita por Kevin Carter¹⁵, que foi desmedidamente exposta pela mídia à época de sua realização. O trabalho é apresentado em uma grande caixa e, do lado de fora, uma forte luz branca ofusca os visitantes que se aproximam.

Figura 1 – Detalhe de “O som do silêncio”, de Alfredo Jaar

¹⁴ Artista, arquiteto e cineasta chileno (1956-).

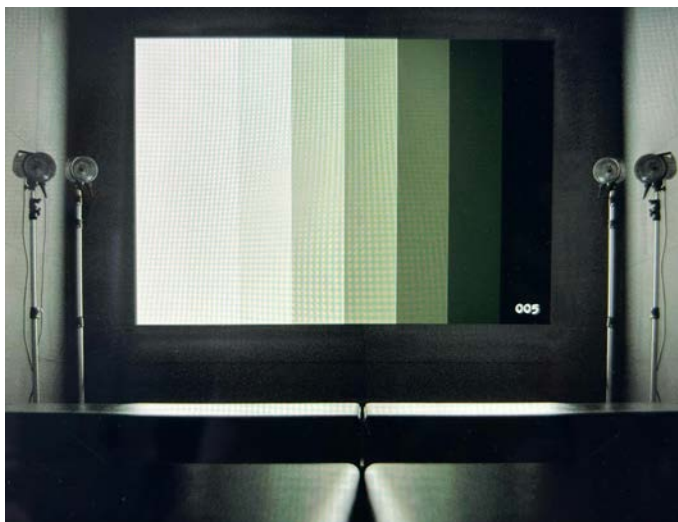
¹⁵ Fotojornalista sul-africano (1960-1994). Em 1993, Carter tirou uma fotografia retratando a fome no Sudão. A fotografia foi adquirida pelo jornal *The New York Times* e ganhou o prêmio Pulitzer em 1994.



Crédito: Alfredo Jaar (2023). Disponível em: <https://alfredojaar.net/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

No interior, um vídeo narra silenciosamente, durante oito minutos, com palavras escritas na cor branca sobre fundo preto, a história por trás da foto e a história do próprio fotógrafo. A fotografia foi tirada em 1993 e retrata uma criança sudanesa desnutrida, arrastando-se com dificuldade no chão para chegar a um centro de distribuição de alimentos da Organização das Nações Unidas (ONU) enquanto é espreitada por um abutre. O fotógrafo tirou várias fotos antes de espantar o abutre de perto da criança, razão pela qual foi duramente criticado; algum tempo depois, se suicidou. O silêncio do filme é interrompido por um instante com o disparo de dois flashes, que ofuscam o espectador ao mesmo tempo que mostram de relance a referida fotografia, para, em seguida, concluir a narrativa informando que a foto agora pertence a um banco de imagens privado. Dessa maneira, Alfredo Jaar desvela com palavras uma imagem opaca pela overdose de exposição, palavras que dialogam com o contexto e a historicidade dessa imagem.

Figura 2 – Detalhe de “O som do silêncio”, de Alfredo Jaar



Crédito: Alfredo Jaar (2023). Disponível em:
<https://alfredojaar.net/>. Acesso em: 26 jan. 2023.

O crescimento exorbitante de imagens é também de palavras, afinal, insista-se, toda palavra é uma imagem. A mídia terciária amplia exponencialmente a difusão de imagens e palavras que, agora, preenchem todos os espaços. Elas se infiltram pela pele, espalham-se pelos poros e tomam de sobressalto nossas vidas – e, com os dispositivos móveis que carregamos acoplados dia e noite, tornam-se praticamente extensões do próprio corpo. O filósofo coreano Byung-Chul Han (1959-) diz que esses dispositivos móveis são bem mais do que simples telefones: são verdadeiros meios de “imagem e informação”.

O telefone celular que carregamos hoje em nossos bolsos não tem o *peso do destino*. É prático e leve. Nós o temos sob controle na palma da mão, em sentido literal. O destino é aquele poder estranho que nos imobiliza. A mensagem como a voz do destino também nos dá pouca liberdade. A própria *mobilidade* do *smartphone* nos dá uma sensação de liberdade. Seu toque não assusta ninguém. Nada sobre o telefone celular nos força a uma passividade desamparada. Ninguém está entregue à *voz do outro* [...] O *smartphone* difere do telefone celular convencional por não ser apenas um telefone, mas antes de tudo um meio de imagem e informação (Han, 2022b, p. 42-43, 45)¹⁶.

No *habitat* da exposição e do excesso, imagens e palavras são essencialmente distribuídas por mecanismos midiáticos, uma vez que o ambiente da atualidade é mediático, conforme Baitello (2019a).

O pensamento ecológico da imagem pressupõe a consideração de um entorno que, por sua vez, é declaradamente mediático. Quem distribui a

¹⁶ Os destaques em itálico constam da tradução.

imagem hoje são os mecanismos midiáticos, toda a mídia, desde revistas, jornais, televisão, imagens sonoras pelo rádio, música e, claro, todos derivados da internet. Ora, seu ambiente é totalmente mediático. [...]

É um ambiente que valoriza a exposição, que dá à imagem mediática uma capilaridade imensa graças a todos os seus aparatos. A própria imagem artística de obras de outras épocas também se submete ao critério da imagem mediática. [...] Com isso, podemos dizer que a noção de imagem mediática não obedece a um critério imanente, mas a um critério ambiental. Diferentemente da imagem estética (reclusa no ambiente artístico), a mediática não vale por si mesma, mas tem um valor deslocado, dirigido à percepção. Logo, um valor transcendente, que está além da própria obra (Oliveira; Viviani, 2018, p. 119).

É, ainda, o ambiente da capilaridade (Baitello, 2010), majoritariamente pautado por meios terciários de comunicação, que surgem com a eletricidade e transportam apenas o sinal elétrico através de aparatos, um que codifica (emissor) e outro que decodifica (receptor) a mensagem. Os meios elétricos ampliam o alcance de distribuição das mensagens, subtraindo distâncias e afetando o olhar, prognóstico lançado por Aby Warburg em 1923, em palestra ministrada como condição para sua alta médica do Sanatório Bellevue, em Kreuzlingen, na Suíça. Naquela ocasião, Warburg traçou uma analogia simbólica entre a serpente da cultura indígena e o raio capturado pela eletricidade nas cidades, argumentando que os fios elétricos afetam o espaço de reflexão. O ambiente da capilaridade é, assim, o da instantaneidade proporcionada pela eletricidade, tal qual o raio na natureza (Baitello, 2010).

O relâmpago capturado na fiação, a eletricidade cativa, engendra uma cultura que acaba com o paganismo. O que põe em seu lugar? As forças da natureza não são mais vistas na escala antropomórfica ou biomórfica, mas como ondas intermináveis, no mais das vezes invisíveis e submetidas a um aperto de botão do homem. Munida delas, a cultura da era das máquinas destrói o que a ciência natural, brotada do mito, arduamente conquistou: o espaço de devoção, que se transformou no espaço de reflexão.

O Prometeu moderno, tal como o Ícaro moderno – Franklin, o apanhador de raios, e os irmãos Wright, que inventaram a aeronave governável –, são justamente os destruidores daquele fatídico sentimento de distância que ameaça reconduzir o globo terrestre ao caos. O telegrama e o telefone destroem o cosmos. Na luta pelo vínculo espiritualizado entre o homem e o mundo ao redor, o pensamento mítico e o simbólico criaram o espaço ou como de devoção, ou como de reflexão, que é roubado pela ligação elétrica instantânea, caso uma humanidade disciplinada não restabeleça os escrúpulos da consciência (Warburg, 2015, p. 253).

Acrescente-se que, com o desenvolvimento dos aparatos, especialmente a tecnologia *Wi-Fi*, que permite a conexão e a transferência de informações e mensagens por redes sem fios (*wireless*), hoje esse ambiente é igualmente da capilaridade eólica, segundo Baitello (2010). Agora, palavras e imagens nos

alcançam nos lugares mais longínquos e a qualquer tempo e, mesmo quando distribuídas virtualmente, podem extrapolar esse ambiente e adentrar o mundo físico através dos dispositivos móveis em reuniões familiares, mesas de bar, jantares entre amigos e outros.

Capilaridade significa entrar em qualquer fresta, entrar em qualquer mínimo espaço, porque é de uma capilaridade eólica, que se transmite pelo vento, pelas nuvens posso acessar e mandar agora uma imagem do celular para outro celular, sem nenhum fio ligado, apenas pelo ar, pelo vento, pelas ondas. A capilaridade eólica é importante para a comunicação de massas de hoje, vivemos em uma era de capilaridade elétrica e eólica. Antes, a capilaridade da mídia impressa envolvia levar o livro e o papel até lá. Isto limitava o acesso, já que o transporte do objeto físico é penoso e caro. A capilaridade eólica significa que podemos ser alcançados a qualquer momento e em qualquer lugar por meio de aparatos que portamos conosco em todos os lugares (Baitello, 2019a, p. 69).

Assim, os meios terciários, impulsionados pela tecnologia digital, eliminam o distanciamento, essencial para o processamento da mensagem e para o pensamento reflexivo. “A desconstrução da distância espacial acompanha a erosão da distância mental” (Han, 2018, p. 12). Na ambiência da capilaridade elétrica e eólica do mediático, o espaço, portanto, é o da proximidade, esvaindo-se o tempo lento introduzido pela mídia secundária.

A lentidão é o que alimenta a reflexão, notadamente com os gestos de escrever e ler que demandam o cifrar e o decifrar. De acordo com Vilém Flusser (2010), os textos escritos são uma sequência de cifras, ou seja, de letras ou outros sinais gráficos, compostos por um código alfabético que requer a decifração no ato da leitura. É o tempo da “lenta languidez do ler”, conforme Baitello (2012, p. 62), ao citar uma expressão usada por Pross sobre o livro de Flusser acerca da escrita. Ao escrever, alinhamos as letras e os sinais gráficos, interpondo espaços, parágrafos e pontuações que funcionam como interrupções e pausas as quais permitem a introspecção, a demora, a contemplação e a análise. Ademais, os textos escritos da mídia secundária são perenes e feitos para perdurar além da vida. “O tempo lento da escrita e da leitura permite alongar a percepção do tempo de vida” (Baitello, 2001, p. 5).

O provérbio latino *verba volant, scripta manent* tem dois significados. Um é que as palavras que dizemos em voz alta têm o poder de alçar voo, enquanto as que estão escritas permanecem incólumes na página; o outro é que as palavras ditas se desvanecem no ar, enquanto as escritas adquirem

vida nova quando um leitor as invoca (Manguel, 2020, p. 34).

Muito embora a palavra ainda seja utilizada no formato tradicional, sobre suportes físicos, é no formato virtual que encontramos a maior parte das palavras na contemporaneidade. Muitos dos processos comunicacionais e da mediação se dão essencialmente por dispositivos e meios eletrônicos, sobretudo computadores e dispositivos móveis, em plataformas de redes sociais como o Instagram, o Facebook, o WhatsApp, dentre outras. Esses ambientes são determinantes para o manejo da palavra e proporcionam novos espaços de escrita. Então, além de compreender a palavra dentro da ambiência da capilaridade mediática, devemos igualmente entendê-la dentro do ambiente das redes sociais, notadamente porque o presente estudo tem por foco o Instagram.

Nas redes, as palavras são permeadas pela linguagem da hipermídia, uma tecnologia que permite conexões entre diferentes mídias, unidades e informações. A hipermídia combina o hipertexto com a multimídia. “O hipertexto é um documento digital composto por diferentes blocos de informações interconectadas. Essas informações são amarradas por meio de elos associativos, os *links*” (Leão, 2005, p. 15). Quando o hipertexto se junta à multimídia, que reúne vários meios para transmitir as informações, os elos associativos e as conexões deixam de ser exclusivamente textuais e podem incluir outras linguagens. Por conseguinte, no universo das redes sociais, palavras se mesclam com imagens, vídeos e sons num hibridismo de linguagens visuais, sonoras e verbais, que trazem diversas possibilidades de experiências sensoriais.

A linguagem tende para a informalidade, com uma aura de intimidade – quiçá uma tentativa de identificação com o outro distante. A escrita se aproxima da oralidade. É comum o uso de abreviações e reduções de palavras e o emprego de neologismos e coloquialismos, além de expressões em letras maiúsculas¹⁷ e dos populares *emojis*¹⁸ usados para transmitir ideias ou sentimentos. Os textos são passíveis de modificações e edições pelos autores e de comentários pelos usuários.

Como as redes são mídias da efemeridade, as palavras produzidas nesse ambiente são formuladas para serem consumidas em curtos intervalos de tempo.

¹⁷ As letras maiúsculas geralmente são usadas para comunicar alguma mensagem em voz alta, como se o emissor estivesse gritando.

¹⁸ *Emojis* são pictogramas e ideogramas, ou seja, imagens e símbolos, usados juntamente com as palavras ou no lugar delas.

Em função disso, predominam os textos concisos, fluidos e de fácil leitura, mesmo porque eles precisam disputar o espaço e a atenção dos usuários com uma enxurrada de inúmeros outros textos e imagens. E como tudo é veloz, é possível que seus leitores não consigam se aprofundar nos respectivos conteúdos.

Diante da capilaridade desse meio, as palavras se propagam velozmente e podem gerar discussões acaloradas e até cancelamentos – um fenômeno típico das redes sociais, que sabota e exclui, temporária ou provisoriamente, quem diz ou assume comportamento considerado incorreto ou que não é mais aceito. “Uma informação ou um conteúdo, mesmo com significância muito pequena, se espalha rapidamente na internet como uma epidemia ou pandemia. Nenhuma outra mídia é capaz desse contágio virtual (Han, 2018, p. 99).

A leitura também é diferente nas redes. Apesar de a escrita utilizada, denominada “digital”, ser formada por um código bidimensional, ela ainda é lida na integralidade a partir de letras em sua superfície, exigindo uma decodificação. No entanto, a leitura frequentemente não é linear, uma vez que os usuários podem “saltar” ou “navegar” em diferentes conteúdos de modo aleatório por meio de *links*, como, por exemplo, outros perfis da mesma rede social marcados no corpo do próprio texto pelo autor ou nos comentários pelos leitores.

O ambiente do mediático exige então constante exposição, que reduz o tempo da leitura e da decifração em prol da produção de conteúdo. A visibilidade nas redes demanda uma intensa produtividade. Tudo é feito para a rápida ingestão; todos passam a ser potenciais produtores de informação e podem disseminar palavras em busca de *likes*. Assim, palavras são lançadas num ritmo desmesurado e, com o alcance da mídia terciária, conquistam um imenso poder multiplicador.

Neste capítulo, a partir de uma acepção ampla, aproximamos a palavra da imagem, tomando como base o pensamento de Aby Warburg, para entendê-la como uma ponte que estabelece conexões e vínculos e possui a capacidade de produzir ambientes. A palavra é vista como uma importante mídia, essencialmente um meio primário de comunicação, em diálogo com o ambiente, que, na atualidade, é um ambiente mediático de capilaridade elétrica e eólica segundo Baitello (2019a), o qual produz palavras com particularidades específicas, como aquelas geradas nas redes sociais. Como discutiremos aqui a palavra no Instagram de Lilia Moritz Schwarcz, temos que olhar também para a própria plataforma da rede social e para as características do seu perfil, o que faremos a seguir.

2 A PALAVRA DO CORPO

No capítulo anterior, delimitamos o corpo da palavra versada e, agora, devemos olhar para a palavra a partir do corpo (objeto) da pesquisa, que compreende o Instagram de Lilia Schwarcz.

Vivemos numa época em que a maior parte das palavras é produzida por meios eletrônicos, e muitos dos processos comunicacionais ocorrem em plataformas de redes sociais, como o Instagram. Nessa perspectiva, o Brasil ocupa a segunda posição dos países que mais passam horas em redes sociais, e o Instagram é a terceira rede mais utilizada. Além disso, professores, acadêmicos, pesquisadores e intelectuais, tais como Lilia Schwarcz, têm ingressado nas redes sociais para ampliar o alcance de suas palavras a um público maior.

Nesses espaços, a palavra é empregada com uma roupagem diversa e, segundo as especificidades da mídia terciária e do meio digital, atravessada pela hipermídia com a hibridização de tecnologias e de linguagens. Desse modo, para discutirmos a palavra no Instagram, antes precisamos entender as particularidades desse ambiente. Assim, apresentaremos um panorama da rede social, percorrendo sucintamente o trajeto que parte do seu surgimento até as principais funcionalidades e os elementos maquínicos (algoritmos), a fim de entender a ambiência na qual a palavra de Lilia Schwarcz se manifesta – uma ambiência que reúne palavras e imagens e congrega uma variedade de conteúdos e linguagens, permitindo que textos se misturem a imagens, vídeos e sons.

Na sequência, trataremos do perfil de Lilia Schwarcz, englobando aspectos como quem é ela, o tipo de conta que possui no Instagram e o número de seguidores, a forma como os conteúdos são apresentados e organizados, o modo como ela atua na rede social e as métricas de desempenho no aplicativo. Esclarecemos que em nenhum momento tratamos Lilia Schwarcz como influenciadora digital (*digital influencer*) ou usamos essa expressão, porque entendemos que o termo hoje está atrelado aos produtores de conteúdo que auferem rendimentos com as atividades nas redes sociais, o que não é o caso.

Ao final, abordaremos as características da palavra no perfil de Lilia. Em seu Instagram, a palavra surge como protagonista associada a uma multiplicidade de linguagens e de recursos visuais, sonoros e verbais. Ela se vale da palavra falada, imagética e escrita, com ênfase nesta última. A palavra escrita aparece em todas as

publicações através de textos que destoam do padrão da rede social, pois são longos, densos e próximos da formalidade. As palavras são analíticas e usadas como mídias para contextualizar notícias e imagens (o que com frequência Lilia chama de “ler imagens” ou “de olho na foto”). A partir do acompanhamento e do mapeamento do perfil, investigaremos o uso da palavra por Lilia Schwarcz e sua capacidade de produzir um ambiente no Instagram.

2.1 O Instagram

O Instagram foi concebido pelo estadunidense Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger e lançado ao público em outubro de 2010. O aplicativo surgiu como um *software* para dispositivos móveis de produção e compartilhamento de fotos na proporção quadrada, com filtros pré-definidos para edição das imagens antes da divulgação. O nome Instagram resultou da junção dos termos em inglês *instant camera* (câmera instantânea) e *telegram* (telegrama), que traduzem a publicação instantânea de fotos semelhante às Polaroids¹⁹ e retrata “a ideia de velocidade na comunicação” (Frier, 2021, p. 48). As fotos eram exibidas aos usuários num único fluxo, que seguia a ordem cronológica de publicação.

Em sua estreia, o Instagram fez um estrondoso sucesso: no primeiro dia, 25 mil pessoas utilizaram o aplicativo; ao fim da primeira semana, esse número alcançou os 100 mil (Frier, 2021). Na época, o programa estava disponível apenas para os dispositivos com sistema operacional iOS – os usuários do iPhone, da Apple. Decorridos dois anos do lançamento, o Instagram atingia 100 milhões de pessoas (Colvara, 2022)²⁰; atualmente, conta com dois bilhões de usuários²¹.

Em abril de 2012, o Instagram introduziu a versão para aparelhos Android (Frier, 2021) e, logo depois, foi adquirido pelo Facebook (hoje Grupo Meta) pelo valor anunciado de US\$ 1 bilhão. Na sequência, passou por diversas mudanças, dentre as quais as mais significativas foram as versões para a *web* e para Windows Phone, a liberação do compartilhamento de vídeos e da publicação de fotos em

¹⁹ Câmera fotográfica lançada em 1948, que revelava as fotos instantaneamente.

²⁰ Colvara cita dados divulgados na revista *PCWorld* de 2013, disponíveis em: <https://www.pcworld.com/article/456530/facebook-says-it-has-90-million-monthly-active-users.html>. Acesso em: 08 maio 2023.

²¹ Disponível em: <https://web.facebook.com/zuck/posts/10114757947396911>. Acesso em: 08 maio 2023.

diversos formatos (e não apenas quadrado) e a permissão de anúncios e publicidade.

Há tempos o Instagram deixou de ser o aplicativo das fotos quadradas do princípio. Não é novidade que os vídeos estão em alta, inclusive para fazer frente a outras plataformas – como o seu concorrente chinês TikTok, uma rede de compartilhamento de vídeos de curta duração. Tanto é que, em junho de 2021, o diretor executivo Adam Mosseri anunciou²² que o Instagram iria voltar-se para conteúdos de entretenimento, publicidade e principalmente vídeos. A ênfase na entrega dos vídeos gerou ampla repercussão e descontentamento, especialmente perante o público mais antigo, e fez com que o Instagram voltasse atrás, garantindo que em 2023 irá equilibrar os dois formatos (fotos e vídeos)²³.

Sem embargo das mudanças de direcionamento, o fato é que hoje o Instagram não é somente um aplicativo de compartilhamento de fotos, mas um lugar de imagens e de palavras, com uma variedade de conteúdos e de linguagens. Nesse universo, marcado pela hipermídia – que integra diferentes mídias –, imagens estáticas ou em movimento compartilham o espaço com palavras orais, escritas ou imagéticas e com elementos gráficos, sonoros e pictogramas.

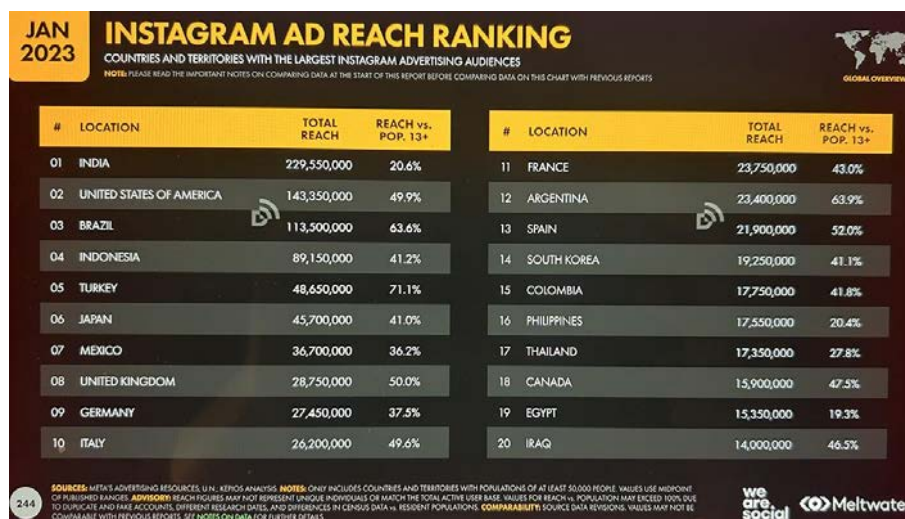
De acordo com o relatório *Digital*, publicado pela agência We Are Social em conjunto com a empresa Meltwater²⁴ em janeiro de 2023, o Brasil está entre os países que mais acessam a internet: em média, 9 h 32 min por dia, considerando internautas de 16 a 64 anos de idade. Nesse contexto, somos o segundo país no mundo que mais gasta horas em redes sociais – 3 h 46 min por dia, com 152,4 milhões de usuários. O Instagram é a terceira rede social mais utilizada no país, com 113,5 milhões de clientes. É relevante descrever algumas de suas principais funcionalidades para discutirmos adiante o objeto de pesquisa.

Figura 3 – Tempo diário de acesso à internet

²² Disponível em: https://www.instagram.com/p/CQwNfFBjr5A/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 08 maio 2023.

²³ ALVES, Paula. Chefe do Instagram admite que plataforma focou demais em vídeos. *Tecnoblog*, 23 jan. 2023. Disponível em <https://tecnoblog.net/noticias/2023/01/23/chefe-do-instagram-admite-que-plataforma-focou-demais-em-videos/>. Acesso em: 08 maio 2023.

²⁴ Disponível em <https://wearesocial.com/uk/blog/2023/01/digital-2023/> e <https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil>. Acesso em: 08 maio 2023.



Fonte: <https://wearesocial.com/uk/blog/2023/01/digital-2023/>. Acesso em: 08 maio 2023.

Ao ingressar no aplicativo, primeiro é necessário criar um perfil pessoal e escolher o nome de usuário. Por padrão, a conta do usuário menor de 16 anos é privada, e ele pode optar por uma conta pública – ao passo que, para os maiores de 16 anos, a conta é pública e há a opção de torná-la privada²⁵. Na opção privada, somente quem for aprovado pelo titular pode seguir a conta e ter acesso às publicações. Já na pública, qualquer usuário, inclusive desconhecido do titular, pode seguir o perfil e interagir com o conteúdo. Uma vez aberta a conta, o usuário pode manter o perfil pessoal ou alterá-lo para um perfil profissional (figura 6), que é uma conta empresarial ou de criador de conteúdos com acesso a ferramentas específicas disponibilizadas pelo aplicativo – tais como criação de anúncios ou de *posts* patrocinados e acesso à loja do Instagram e às métricas do perfil. As contas profissionais são sempre contas públicas.

Figura 6 – Tipo de perfil do Instagram

²⁵ Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/instagram/517073653436611#>. Acesso em: 31 maio 2023.



Fonte: captura de tela do Instagram da autora (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/ju_arruda/. Acesso em: 15 mai. 2023.

Abaixo do nome, vem a *bio*, que pode incluir dados como a descrição do perfil, informações de contato do titular ou uma URL com o *link* para uma página externa, tal qual o *website* pessoal. Na rede, o usuário pode compartilhar fotos ou vídeos, seguir outras contas, curtir, comentar e compartilhar publicações de perfis públicos. Os conteúdos podem ser publicados em um ou mais recursos que a plataforma oferece: o *feed*, os *stories* e o *reels*.

O *feed* é uma espécie de mostruário, no qual aparecem todas as publicações (*posts*) feitas por uma conta em ordem cronológica. O conteúdo publicado pelo usuário no *feed* pode vir acompanhado de uma legenda ou de um texto escrito. O *feed* é também a página principal, exibida ao entrar no aplicativo, na qual aparecem, na ordem definida pelo algoritmo, as publicações recentes dos perfis seguidos pelo usuário e as publicações sugeridas pela rede social e patrocinadas, que são aqueles conteúdos pagos e impulsionados para alcançar um número maior de pessoas. O usuário pode modificar a visibilidade da linha do tempo do seu *feed* e alterar para os modos “seguindo” ou “favoritos”, mas deve fazê-lo manualmente e toda vez que

entrar no aplicativo. O modo “seguindo” mostra apenas publicações das contas seguidas; já o “favoritos” permite ao usuário filtrar e criar uma lista das contas mais importantes – ambos seguem a ordem cronológica.

O *reels* permite a publicação de vídeos e, atualmente, é uma das ferramentas mais eficazes para aumentar o alcance da conta²⁶. Os vídeos são gravados na própria plataforma com as respectivas ferramentas de edição e, neste caso, não devem ultrapassar 90 segundos – ou podem ser carregados da galeria do celular, com até 15 minutos de duração. Eles aparecem em um ícone específico do *reels* e, se o usuário publicá-los no *feed*, são mostrados também na página principal do perfil²⁷.

O *stories* possibilita ao usuário compartilhar fotos ou vídeos em tela cheia, que ficam disponíveis por apenas 24 horas. Caso o usuário queira manter o conteúdo por mais tempo, ele pode publicá-lo como destaque no perfil. Os *stories* podem conter palavras ou frases curtas e são bastante utilizados para enquetes e caixas de perguntas, que aumentam o engajamento na rede. As transmissões ao vivo de uma conta, as denominadas *lives*, aparecem destacadas na aba do *stories* no momento que acontecem.

Além disso, existe a aba “explorar”, que mostra publicações de contas não seguidas pelo usuário – mas que estão de acordo com suas preferências de consumo de conteúdo na rede social, as quais, por sua vez, são definidas pelo algoritmo. A ferramenta “explorar” permite buscar contas ou termos, além das conhecidas *hashtags*. As *hashtags* são *links*, formados por palavras ou expressões precedidas do símbolo # (jogo da velha), usados para categorizar as publicações da conta e direcionar os usuários para temas específicos, inclusive em outras páginas. O uso das *hashtags* pode aumentar o engajamento, trazendo um número maior de pessoas para o perfil, e facilitar a descoberta de novas contas.

A rede social permite distintos modos de interação entre os usuários e com os respectivos conteúdos, que vão desde curtir (o famoso *like*) a comentar, compartilhar e salvar os *posts* (respectivamente representados pelos símbolos de coração, balão, avião e bandeira, conforme figura 7). A opção compartilhar pode ser concretizada

²⁶ DARRIGRAND, Roger. O que é o Instagram Reels? 5 motivos para você começar a usar! *Hotmart*, 23 mar. 2023. Disponível em: <https://hotmart.com/pt-br/blog/instagram-reels>. Acesso em: 09 maio 2023.

²⁷ Conforme informações do próprio Instagram, disponíveis em: <https://about.instagram.com/pt-br/features/reels>. Acesso em: 09 maio 2023.

mediante o envio da publicação por mensagem privada (*direct*) a outras pessoas, adicionando a publicação ao *stories* ou ainda copiando ou exportando o *link* para o computador ou outras redes sociais.

Figura 7 – Modos de interação no Instagram

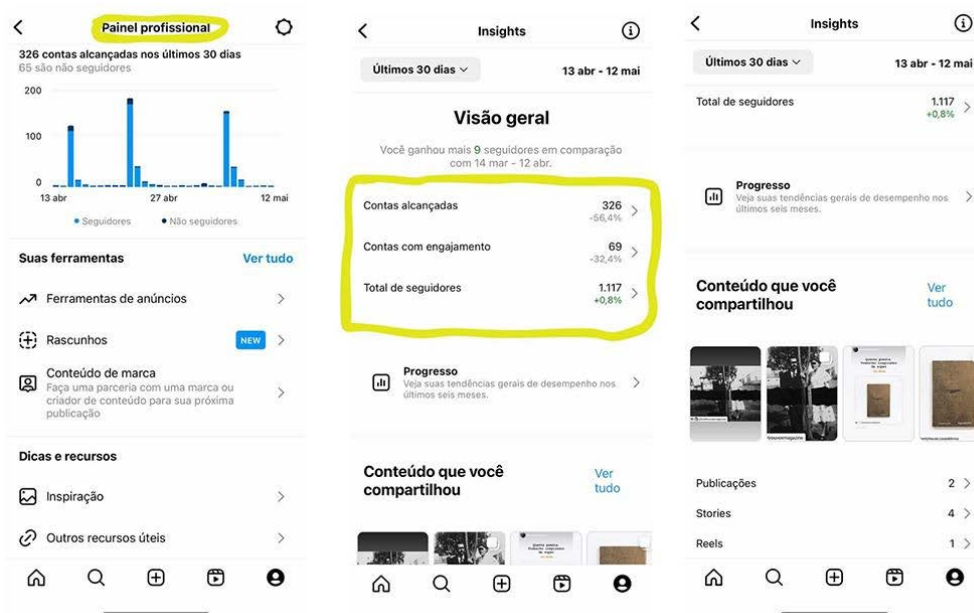


Fonte: captura de tela do Instagram da autora (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/ju_arruda/. Acesso em: 15 mai. 2023.

Além de proporcionar conexões, o Instagram tornou-se também um espaço para criação e difusão de conteúdo, divulgação e venda de produtos e marcas e para entretenimento (Colvara, 2022). Nesse contexto, a rede social disponibiliza para os perfis profissionais o *insights* (figura 7), ferramenta bastante utilizada por empresas e produtores de conteúdo que coleta e analisa os dados da conta. Ela funciona como um indicador de desempenho e auxilia no monitoramento e no planejamento estratégico; assim, caso determinado conteúdo tenha alcance menor que outro, é possível reforçar aquele que obteve melhor resultado. A seguir, é possível visualizar uma amostra extraída do perfil da autora. O *insights* tanto pode apresentar uma visão geral do desempenho da conta (figura 8) quanto pode trazer

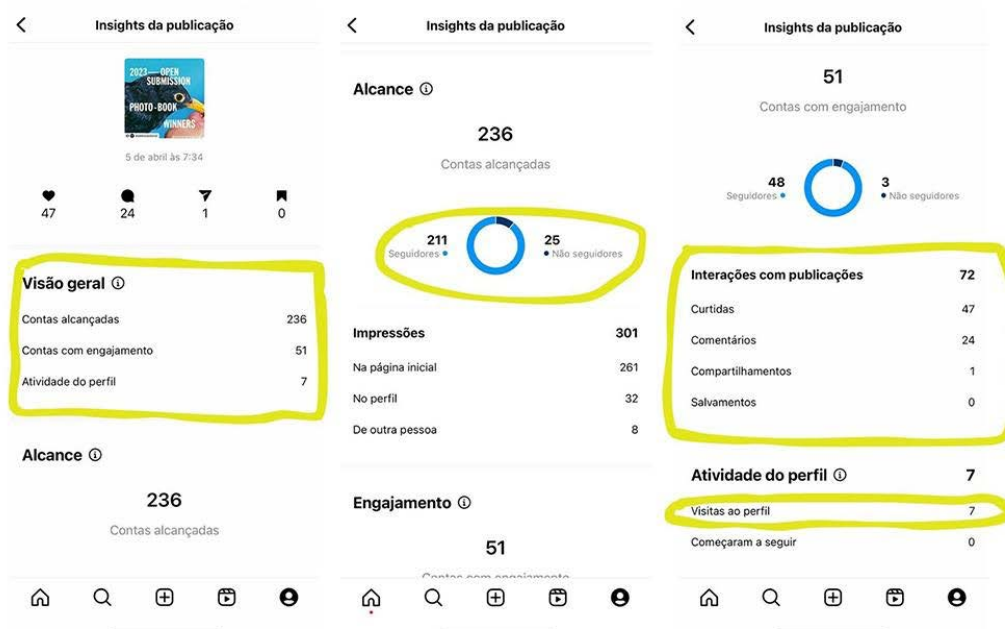
uma visão específica do desempenho de cada publicação (figura 9). Nesta última opção, é possível acompanhar se a publicação foi exibida no *feed* de outras pessoas, se apareceu na aba “explorar”, se visitaram o conteúdo do perfil, além de mostrar o número de interações dos usuários.

Figura 8 – Visão geral da ferramenta *insights*



Fonte: capturas de telas do Instagram da autora (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/ju_arruda/. Acesso em: 15 maio 2023.

Figura 9 – Visão específica da ferramenta *insights*



Fonte: capturas de telas do Instagram da autora (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/ju_arruda/. Acesso em: 15 maio 2023.

No Instagram, a visibilidade é determinada pelo engajamento, que corresponde à quantidade de curtidas, comentários, compartilhamentos e usuários que clicam no perfil, notadamente no conteúdo produzido. Nesse particular, o usuário que deseja gerar mais tráfego para o seu perfil pode pagar ao Instagram pelo impulsionamento do *post*²⁸. Muitas pessoas confundem engajamento com monetização. A monetização implica gerar receita através do conteúdo do perfil e pode ser construída a partir de uma base engajada, que viabiliza que as ações do titular influenciem a decisão de compra dos seguidores, como ocorre com os influenciadores digitais. É importante esclarecer que o Instagram não remunera os titulares dos perfis pelo número de seguidores, de publicações ou de visualizações dos vídeos no *reels* (tal qual faz o YouTube). Eventuais receitas advêm das parcerias comerciais efetuadas diretamente pelos titulares com marcas e empresas para divulgação dos respectivos produtos ou serviços.

O objetivo principal do Instagram (e de qualquer rede social) é reter a audiência. Quanto mais tempo o usuário permanecer na rede e interagir com os conteúdos, melhor. Com essa finalidade, o Instagram “opera seguindo regras específicas, desenhadas por algoritmos”, que “são comandos automatizados que executam uma ação” (Colvara, 2022, p. 36, 42). O Instagram adotou o algoritmo em março de 2016²⁹, que acabou com a ordem cronológica das publicações e priorizou conteúdos de acordo com os interesses de cada usuário, numa estratégia (segundo eles) de personalização das informações. Os algoritmos definem o que se vê e o que não se vê na rede social e mostram conteúdos com base em suposições sobre os usuários, determinadas pelos critérios coletados que não são escolhidos por esses mesmos usuários, porque algoritmos são projetados para aumentar as métricas e o engajamento. Segundo Eli Pariser (2012, p. 14), “esses mecanismos [os algoritmos]³⁰ criam um universo de informações exclusivo para cada um de nós”, o que ele denomina de “bolha dos filtros”, e alteram a forma “como nos deparamos

²⁸ Disponível em https://business.instagram.com/advertising?locale=pt_BR e https://help.instagram.com/1060398584390711/?helpref=related_articles. Acesso em: 15 maio 2023.

²⁹ INSTAGRAM cria ordem de relevância no *feed* de fotos, igual ao Facebook. *TechTudo*, 16 mar. 2013. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2016/03/instagram-adota-ordem-de-relevancia-no-feed-estilo-facebook.ghtml#>. Acesso em: 10 maio 2023.

³⁰ Observação entre colchetes da autora.

com ideias e informações”. Esse universo é “um lugar confortável, povoado por nossas pessoas, coisas e ideias preferidas” (Pariser, 2012, p. 16).

O modo como o algoritmo opera nunca foi suficientemente explicitado. Em junho de 2021³¹, Adam Mosseri falou acerca do tema em um vídeo no qual explica que o Instagram não aplica um único algoritmo, mas sim diversos deles, um para cada parte do aplicativo, baseados em como as pessoas utilizam cada ferramenta³². Para categorizar o conteúdo mostrado no *feed* e no *stories*, onde a maioria das publicações exibidas é de contas seguidas pelo usuário e de anúncios, ele explica que o Instagram coleta informações – denominadas “sinais” – sobre as postagens e sobre as pessoas que fizeram essas postagens e seus interesses. Os sinais incluem tudo, até se a postagem foi feita pelo celular ou pela *web*; os mais relevantes para a classificação em tais ferramentas são os seguintes: a popularidade da postagem, a relevância da pessoa que postou, a atividade e o histórico de navegação e interação do usuário na rede (para entender seus interesses). A partir disso, o algoritmo fixa métricas de previsibilidade de o usuário interagir com a postagem, que consideram a possibilidade de a pessoa gastar alguns segundos (tempo) para ver, comentar, curtir e compartilhar o *post*, assim como clicar no perfil do autor da publicação.

Na aba “explorar” e no *reels*, onde a maior parte das publicações vem de contas que geralmente o usuário não segue, os sinais são definidos de outro modo. Em “explorar”, o Instagram considera as postagens com as quais a pessoa interagiu anteriormente (o que curtiu, comentou ou salvou), aplicando métricas de previsibilidade que se apoiam na popularidade do *post*, no histórico de interação do usuário, em sua atividade anterior e nas informações sobre quem postou (por exemplo, quantas pessoas interagiram com a postagem nas últimas semanas). Já no *reels*, o foco da plataforma é o entretenimento – e a classificação do conteúdo considera a probabilidade de o usuário assistir aos vídeos até o final e depois visitar a página daquele perfil, o que faz com que as métricas se apoiem não só na atividade e no histórico de interação e nas informações de quem postou, como também no próprio conteúdo do vídeo (incluindo a qualidade e a popularidade).

³¹ Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CQdxvdNJ_sC/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 11 maio 2023.

³² Disponível em: <https://about.instagram.com/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-instagram-works>. Acesso em: 11 maio 2023.

Bem se nota que, para cada parte do aplicativo, os critérios para a exibição dos conteúdos são diversos. Além disso, os sinais e as métricas de previsibilidade mudam de tempos em tempos, segundo o próprio Instagram. Entretanto, os conteúdos engajados e os conteúdos que retêm a audiência e fazem com que as pessoas curtam, compartilhem e salvem os *posts* são favorecidos e impulsionados pela rede social.

Os algoritmos seguem todos esses sinais apontados por Adam Mosseri. No entanto, desconhecemos o seu funcionamento por completo, afinal, não podemos perder de vista que os algoritmos se ajustam ao contexto para o qual são programados e aprendem com os padrões e as interações dos usuários³³ – e que, ademais, o Instagram é uma empresa com diretrizes e interesses econômicos exclusivos. Ao ingressarmos na rede, fornecemos uma série de dados e informações pessoais. Cada usuário deve consentir com os termos de uso do Instagram antes de começar a usar o aplicativo, termos esses que “podem ser entendidos quase como um contrato social entre o usuário e a plataforma, mas a assinatura é dada automaticamente a partir do momento em que o usuário cria sua conta” (Colvara, 2022, p. 44). Os termos podem ser encontrados ao final da página da versão do aplicativo para *web*, onde estão as condições e os moldes do produto oferecido – porque é disso que se trata, um produto. O Instagram é um produto, e longe de ser gratuito, uma vez que se apoia nos anúncios veiculados a partir dos dados coletados dos usuários quando entram na plataforma e toda vez que usam o aplicativo.

Em vez de pagar pelo uso do Instagram, ao usar o Serviço previsto nestes Termos, você reconhece que poderemos veicular anúncios a você que empresas e organizações nos pagam para promover dentro e fora dos Produtos das Empresas da Meta. Usamos seus dados pessoais, como informações sobre atividades e interesses, para veicular anúncios que são mais relevantes para você.

Veiculamos anúncios úteis e relevantes sem que os anunciantes saibam quem você é. Não vendemos seus dados pessoais. Permitimos que os anunciantes nos informem, por exemplo, a meta de negócios e o tipo de público que desejam alcançar com o anúncio. Em seguida, veiculamos o anúncio para pessoas que podem estar interessadas.

Também oferecemos aos anunciantes relatórios sobre o desempenho dos anúncios para ajudá-los a entender como as pessoas estão interagindo com o conteúdo dentro e fora do Instagram. Por exemplo, fornecemos dados demográficos e informações de interesse gerais aos anunciantes para ajudá-los a entender melhor o público deles. Não compartilhamos informações que identifiquem você diretamente (como seu nome ou

³³ Denominado *machine learning*, uma área da inteligência artificial que programa os computadores por meio de algoritmos para identificar e aprender padrões a partir de dados abundantes e fazer previsões, de modo que passam a desempenhar as tarefas de forma autônoma.

endereço de email, que alguém poderia usar para entrar em contato com você ou identificar quem você é), a menos que você nos dê permissão específica.

É possível que você veja conteúdo de marca no Instagram publicado por proprietários de contas que promovem produtos ou serviços baseados em um relacionamento comercial com o parceiro de negócios mencionado em tal conteúdo (Instagram, 2022)³⁴.

Em troca dessas informações, os algoritmos realizam uma curadoria de conteúdos não solicitada pelos usuários, a fim de atender aos interesses de um grande grupo da área de tecnologia (Grupo Meta) que, com suas inovações e produtos, tem significativa influência e impacto na sociedade, na economia e na cultura. Quem nunca ouviu, por exemplo, a expressão “instagramável”? Atualmente, a estética do instagramável está presente em lugares, produtos, roupas e até mesmo nos alimentos, influenciando toda uma geração de jovens e de adultos.

Toda essa atividade entrou de cima para baixo em nossa sociedade, afetando-nos, não importando se usamos o Instagram ou não. As empresas que querem nossa atenção – de hotéis e restaurantes a grandes marcas de consumo – mudam o jeito como projetam seus espaços e como comercializam seus produtos, ajustando suas estratégias para atender à nova forma visual de nos comunicarmos, a fim de serem dignas de ser fotografadas para o Instagram. Observando como espaços comerciais, produtos e até residências são projetados, podemos ver o impacto do Instagram, de uma maneira tal que não nos permite enxergar facilmente o mesmo sobre o Facebook ou o Twitter (Frier, 2021, p. 15-16).

Aqui, não se pretende estudar como os algoritmos operam ou influenciam na criação de bolhas (Pariser, 2012), longe disso: pretende-se olhar para um desses espaços constituídos na rede social, o perfil de Lilia Schwarcz. A influência dos algoritmos no número de seguidores, na disseminação do conteúdo – enfim, no próprio perfil – não será desprezada, mas esses mecanismos não afetam a presente investigação; em razão disso, serão mencionados, mas não aprofundados. Uma vez concebido brevemente o funcionamento da rede social, devemos olhar para as características do Instagram de Lilia Schwarcz, uma vez que esta pesquisa tem por objeto a palavra no seu perfil.

2.2 O perfil de Lilia Schwarcz

³⁴ Disponível em: <https://help.instagram.com/581066165581870/>. Acesso em: 10 maio 2023.

Antes de tudo, devemos compreender quem é Lilia Schwarcz e o seu lugar de fala na rede social Instagram, na qual se apresenta “como antropóloga, historiadora, professora da USP e de Princeton, curadora convidada do Masp”, conforme descrição extraída da *bio* de seu perfil.

Com efeito, Lilia Katri Moritz Schwarcz, nascida em São Paulo (SP) em 27 de dezembro de 1957³⁵, é graduada em História (Universidade de São Paulo – USP, 1980) e tem mestrado (Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, 1986) e doutorado (USP, 1993) em Antropologia Social. Foi professora visitante nas universidades de Leiden, Oxford, Brown e Columbia. Desde 2005, é professora titular no Departamento de Antropologia da USP, onde atua nas seguintes linhas de pesquisa: Antropologia das Populações Afro-brasileiras, História do Brasil, Antropologia Urbana, Teoria Antropológica, Fundamentos e Crítica das Artes. É também professora visitante em Princeton (EUA) desde 2011 e uma das fundadoras e sócias da Companhia das Letras, uma das maiores editoras de livros no Brasil. Além disso, Lilia é curadora adjunta do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), pesquisadora sênior do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), colunista do jornal *Nexo* e autora de diversos livros, como *As Barbas do Imperador*, ganhador do prêmio literário Jabuti de Literatura em 1999.

No Instagram, Lilia Schwarcz mantém um perfil profissional público e aberto (@liliaschwarcz)³⁶. Ela ingressou no aplicativo em novembro de 2016; inicialmente, utilizava a rede para divulgar as exposições do Masp e as próprias fotografias – e passou a postar mais conteúdo no contexto da eleição do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), conforme entrevista concedida à autora (apêndice A). A partir de então, seu perfil atraiu milhares de pessoas e, atualmente, conta com 513 mil seguidores (na data de 16 de maio de 2023).

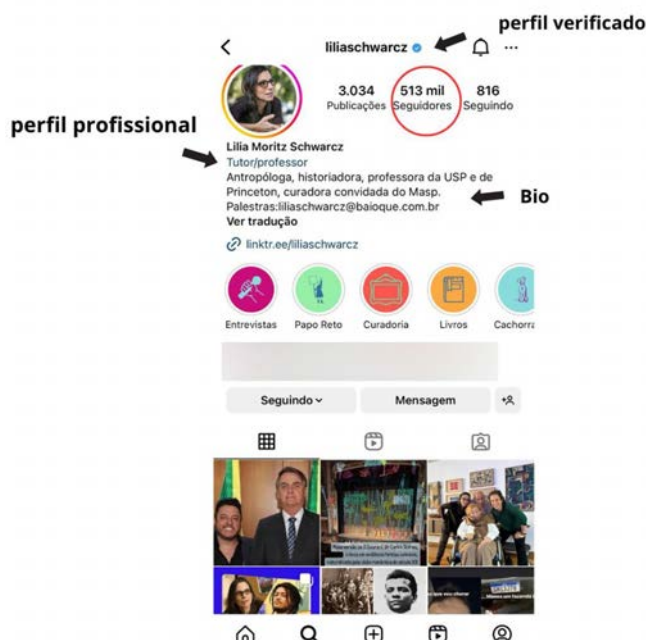
Por manter um perfil profissional, Lilia Schwarcz tem acesso à ferramenta *insights*, já explicada anteriormente, e pode acompanhar o desempenho da conta e de cada publicação. Ademais, seu perfil possui o selo de verificação do Instagram,

³⁵ Conforme informações obtidas nos *sites* da própria Lilia Schwarcz, da USP, da Enciclopédia Itaú Cultural e da plataforma Lattes, disponíveis em: <https://www.liliaschwarcz.com.br/conteudos/visualizar/Biografia2>, <https://antropologia.fflch.usp.br/node/620>, <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa6542/lilia-moritz-schwarcz> e <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do>. Acesso em: 15 maio 2023.

³⁶ Disponível em <https://www.instagram.com/liliaschwarcz/>. Acesso em: 11 jan. 2023.

que atesta autenticidade e relevância. Para obter o selo, o usuário precisa atender a alguns requisitos, preenchidos por Lilia, dentre os quais o de impacto cultural do perfil e o de notabilidade na rede social.

Figura 10 – Perfil de Lilia Schwarcz



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em: <https://www.instagram.com/liliaschwarcz/>. Acesso em: 16 maio 2023.

É bom frisar que Lilia Schwarcz afirma que continua a exercer as atividades acadêmicas³⁷, além das outras funções, conciliando todas as atribuições com a atividade nas redes sociais. Apesar de manter conta em outras plataformas, como Twitter e YouTube, ela prioriza o Instagram porque lhe permite “aliar a imagem com um texto, um texto breve, mas um texto informativo” e por ser “uma rede mais *friendly*, mais amiga, com mais comentários, onde se forma mais uma rede, uma rede de trocas mesmo” (Schwarcz, 2022b). Lilia Schwarcz diz que passou a atuar nas redes porque compreendeu a possibilidade de sair do seu “lugar protegido” na universidade³⁸ para alcançar um público maior. Ela entende que o Instagram pode ser um ambiente de diálogo e, nesse sentido, pode qualificar o debate com boa

³⁷ Em entrevista a Hélio Goldstein no programa “Papo de Arte”, disponível em: <https://culturaemcasa.com.br/video/lilia-schwarcz/>. Acesso em: 09 fev.2023.

³⁸ Em entrevista ao podcast “Uma Estrangeira”, de Gabrielle Oliveira, disponível em: <https://youtu.be/MCoymQQVMUw>. Acesso em: 08 fev. 2023.

informação (termo cunhado por ela), especialmente na época atual, tomada por uma onda retrógrada que constrói a polarização nesses espaços virtuais. Ela considera essa prática uma atividade de vigilância ativa e cidadã.

Se a internet tem um lado muito raivoso, de intolerância, ela pode também ter um lado muito democrático mesmo, de gente que quer debater. Você pode qualificar o debate.

Eu tentei transformar o meu Instagram em um ambiente de diálogo: são pessoas que vêm em busca de conteúdo, são pessoas participativas, o nível dos comentários é muito alto. São extremamente carinhosas, mas também muito críticas. [...]

Neste sentido, as redes vêm sendo um ambiente de construção de afetos divididos e isso é muito grave. Por isso, acredito que é preciso que pessoas com outros projetos ocupem as redes, para mostrar como as redes podem ser espaço para troca de informação qualificada, documentada (Schwarcz, 2020a).

É uma atividade republicana minha, eu considero uma atividade cidadã, porque, no momento que a gente vive, com esse recuo, ou seja, com esses governos retrógrados de ultradireita, quer me parecer que a cidadania precisa ser uma cidadania ativa e vigilante; que aqueles que, nesse momento, se abstém de participar, de alguma maneira, involuntariamente, estão contribuindo para esse processo de apequenamento da democracia. Então, as redes sociais podem ser muitas coisas, mas também podem ser um veículo mais horizontal dos professores, acadêmicos como eu, chegarem a um público mais amplo e ouvirem críticas também, e também podem ser veículos de comunicação de grande massa, sobretudo nesses momentos em que a democracia está correndo um grande perigo no país. Assim como eu não desconheço que as redes podem ser muito ruins, podem ser formas de cancelamento, podem ser formas de mentira também. Mas, não nos é dada essa opção nesse contexto. Na minha opinião, é preciso que a Academia invada e ocupe com boa informação as redes sociais (Schwarcz, 2022b).

No perfil, Lília Schwarcz oferece uma espécie de curadoria de informações previamente selecionadas por ela. Em conversa com Gabrielle Oliveira, no *podcast* “Uma Estrangeira”³⁹, ela conta que um dos critérios para selecionar os conteúdos publicados no Instagram é o de trazer notícias em destaque na mídia. Contudo, o tempo e a forma de entrega das notícias são diversos dos meios de comunicação tradicionais. De fato, em muitas postagens, as notícias são analisadas por Lília Schwarcz depois de um ou dois dias da divulgação dos fatos. No *podcast* “Uma Estrangeira”, ela diz que no início entregava as análises rapidamente, tão logo eram divulgadas; no transcorrer do processo, passou a fazê-lo sem pressa, porque poderia entregar conteúdo “com mais qualidade”.

³⁹ Disponível em: <https://youtu.be/MCoymQQVMUw>. Acesso em: 08 fev. 2023.

[...] eu também me políciei, porque, antes, eu queria dar essa notícia urgente super rápido... não, eu não tenho essa obrigação sabe? Eu não tenho como eu te disse eu não sou uma influencer no sentido de viver disso, então eu não preciso dar primeiro do que os outros a notícia, é melhor que eu de melhor a notícia, com mais qualidade. Então, isso também foi um aprendizado de como fazer. (Schwarcz, 2021a).

Além disso, ela também traz a análise de imagens visuais atuais e/ou históricas, levando para o ambiente das redes a *expertise* que afirma ter adquirido no meio acadêmico.

Eu seleciono a cada dia uma notícia, meus amigos jornalistas dizem que o que eu faço é uma curadoria de jornalismo, mas eu também gosto muito de analisar imagens, essa é uma *expertise* minha que eu conheci graças a Academia e eu também utilizo muito o que eu aprendi na História e na Antropologia, ou seja, a definição de conceitos, o conhecimento rigoroso, mas que precisa ser comunicado nessas redes de uma forma mais leve (Schwarcz, 2022b).

É a própria Lilia quem escolhe o assunto, o critério e a forma (inclusive a linguagem) como vai publicá-lo. Em suas palavras, “o meu Instagram é totalmente independente” (Schwarcz, 2022b). Logicamente, a curadoria de informações traduzida nos *posts* tem cunho subjetivo, uma vez que reflete seu viés político (bem claro e definido, de esquerda) e pessoal, influenciado por seu repertório e seu entorno, sem falar nas características do próprio meio, pautado pelas conexões estabelecidas entre usuários e algoritmos.

Mas, sou eu que escolho o conteúdo e o critério é meu, o meu Instagram é totalmente independente, eu não me considero uma *influencer* porque não tem ninguém que me financie não é? Então sou eu que decido, eu que determino que notícia eu quero dar ou não e essa é uma grande facilidade no meu caso, porque eu não preciso dar explicações a ninguém e aqueles que me seguem sabem que sou eu que faço essa curadoria (Schwarcz, 2022b).

Com o tempo e o aumento de seguidores, notadamente a partir de 2020, verificamos que Lilia Schwarcz se organizou no manejo do perfil (ela afirma que aprendeu a usar o Instagram⁴⁰) e passou a atuar de forma mais profissional, conforme mapeamento efetuado pela autora (anexos A e B) tendo por base o acompanhamento das postagens durante certo período que será explicado mais adiante. Na gestão do conteúdo, ela adotou uma identidade visual para

⁴⁰ Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/entrevistas/historia/a-minha-geracao-falhou>. Acesso em: 13 jun. 2022.

determinados temas e padronizou procedimentos, deixando para trás a usuária ingênua do princípio, que desconhecia que a resposta a um seguidor poderia ser vista pelos demais.

Na época da eleição do Bolsonaro, por um acaso, fiz um post sobre o nosso atual ministro da Ciência, que se apresenta como o ministro astronauta. Eu tenho um pouco essa verve irônica e falei que ele era o ministro astronauta que vende travessieiros. Tive uma reação tremenda. Como sou um pouco teimosa, achei que tinha de responder às pessoas, e foi a primeira vez que deparei com coisas como letra maiúscula, símbolos de bomba. Para entender a minha ignorância àquela época, eu não sabia que se respondesse a uma mensagem para uma pessoa todo mundo ia ver, e quando os meus filhos falaram “Ó mãe, você está se dando bem no Instagram!”, eu falei: “Como vocês estão vendo a minha correspondência? Estão entrando na minha privacidade!” [...] (Schwarcz, 2022a).

Assim, as mensagens escritas ganharam artes gráficas personalizadas, e os vídeos receberam *thumbnails*⁴¹ e designações como “*shorts*”, “aulas” e “ler imagens” (ver infográfico do anexo A) – embora posteriormente ela tenha abandonado algumas dessas nomeações e unificado os procedimentos. Lilia Schwarcz adotou os termos “de olho na foto” ou “ler imagem” para grande parte dos *posts* de análise de imagens, lançou a série *Inimigo Público da República* e passou a repetir palavras e expressões usadas com maior frequência durante o período eleitoral em 2022, tais como “outubro está logo ali”, “não passará” e “aí, Jair?”. Acreditamos que esses artifícios contribuem para a personalização do perfil e auxiliam na visualização e no engajamento da conta.

Verificamos ainda que Lilia Schwarcz não percorreu sozinha esse caminho. Ao que parece, ela recebe suporte de uma empresa da área de produção de conteúdo, a Baioque. O suporte não se refere à escolha dos assuntos ou à leitura dos comentários e às respostas aos seguidores, porque isso ela mesma faz; refere-se, sobretudo, à produção dos vídeos e das artes gráficas, como se constata pelo *site*⁴² da Baioque. Acreditamos que o suporte também se refira à orientação e ao aconselhamento acerca do funcionamento do Instagram – tanto que, no *post* celebrando 500 mil seguidores⁴³, ela agradece à Baioque pelo trabalho conjunto.

⁴¹ *Thumbnails* são imagens em miniatura, uma espécie de “capas”, usadas para facilitar o reconhecimento de conteúdos e as buscas na internet.

⁴² Disponível em <https://baioque.com.br/trabalhos/lilia-schwarcz/>. Acesso em: 16 maio 2023.

⁴³ Disponível em:

https://www.instagram.com/reel/CrBTv0bp23U/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 16 maio 2023.

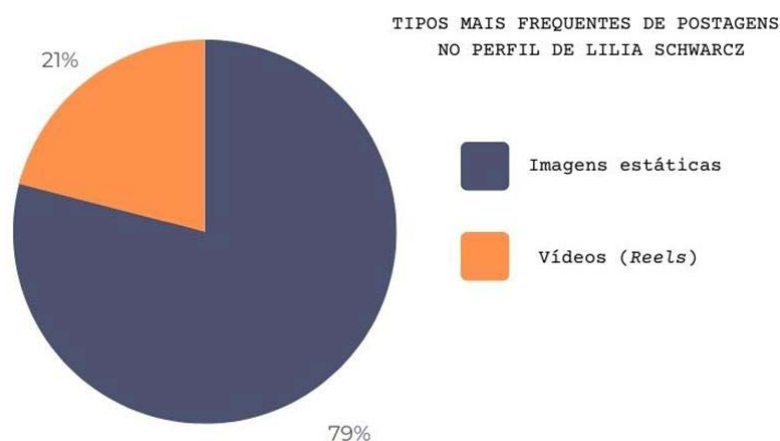
Figura 11 – Post de agradecimento aos 500 mil seguidores



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/reel/CrBTv0bp23U/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 17 maio 2023.

Atualmente, a atuação de Lilia Schwarcz está longe de ser despretensiosa: ela usa todos os recursos oferecidos pelo aplicativo – *stories*, *reels* e *feed* – e diversifica os tipos de postagens, ora publicando imagens estáticas, ora vídeos, muito embora priorize as primeiras, que aparecem na forma de fotografias, ilustrações, caricaturas e palavras apresentadas como imagens.

Gráfico 1 – Tipos de postagens mais frequentes no perfil de Lilia Schwarcz



Fonte: elaborado pela autora a partir de dados extraídos com o Keyhole – período de apuração: 20/05/2023 a 20/06/2023.

Além disso, Lilia faz publicações com constância, quase diariamente. Nos *stories*, ela costuma divulgar eventos culturais, publicar *posts* de seguidores que mencionam seus conteúdos, trechos de vídeos e entrevistas, dentre outros. Os vídeos (*reels*), muitos deles exibidos com uma identidade visual (*thumbnails*), são bem produzidos e publicados também no *feed*; por essa razão, aparecem na página principal do perfil e vêm acompanhados de textos. Mas é no *feed* que ela traz a maior parte do conteúdo, sempre por meio da palavra associada a uma multiplicidade de recursos – visuais, sonoros e verbais –, porque trazem “um carácter de comunicação menos monótono” e que “surpreende mais a sua comunidade de seguidores”, conforme entrevista à autora (Schwarcz, 2022b). O *feed* do perfil exhibe sua identidade e, por mais que o ambiente das redes seja dinâmico, Lilia mantém um estilo próprio que a destaca desde o princípio perante o público, traduzido essencialmente na palavra e nos seus textos.

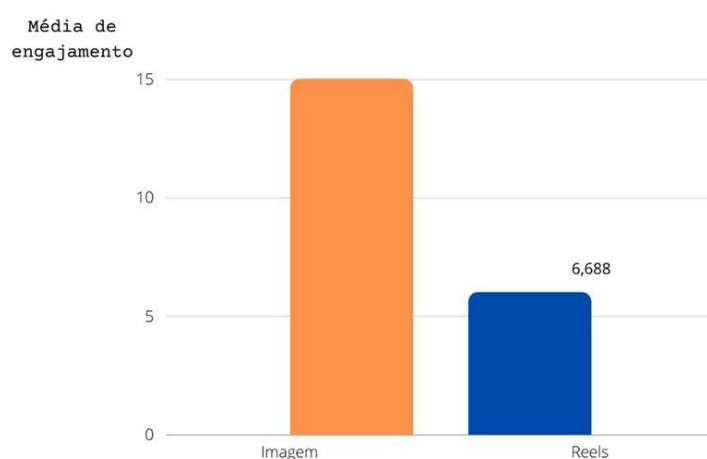
Lilia Schwarcz possui boas métricas na rede social e uma média considerável de interações nas postagens. No período de 19 de maio a 19 de junho de 2023, por exemplo, ela teve uma média de engajamento de 2,36%⁴⁴ segundo o Social Blade⁴⁵, uma plataforma gratuita de gestão de mídias sociais, o que é considerado bom para o Instagram. Não obstante, Lilia raramente usa *hashtags* e tampouco faz *posts* patrocinados para marcas ou empresas, que concorrem para o impulsionamento da conta. No máximo, encontramos *posts* dos seus livros nos períodos dos respectivos lançamentos, mas sem qualquer loja para aquisição no aplicativo. Por certo que um

⁴⁴ Número calculado com base nas 16 últimas imagens, segundo o Social Blade.

⁴⁵ Disponível em: <http://socialblade.com>. Acesso em: 20 jun. 2023.

conjunto de outros fatores atua para o engajamento, tais como o significativo número de curtidas, comentários (inclusive dela) e compartilhamentos dos *posts* (nos *stories*, Lilia constantemente reposta *posts* de usuários que compartilham seus conteúdos), além da escolha de temas em evidência como objeto das publicações e a constância dessas publicações em todas as partes do aplicativo (*feed*, *stories* e *reels*). As postagens de imagens estáticas possuem uma taxa maior de engajamento do que a dos vídeos.

Gráfico 2 – Média de engajamento por tipo de postagem



Fonte: elaborado pela autora a partir de dados extraídos com o Keyhole – período de apuração: 20/05/2023 a 20/06/2023.

Considerando que Lilia efetua publicações periodicamente, usa todos os recursos do aplicativo, escolhe conteúdos destacados e gera expressiva interação, é bem possível que sua conta tenha boa visibilidade na rede social. Lembremos que os algoritmos priorizam conteúdos que engajam e retêm a audiência, com comentários e compartilhamentos. Se muitos usuários interagem com as suas publicações, os conteúdos ganham destaque na aba “explorar”, alcançando também não seguidores (que podem se converter em seguidores) e, quanto maior o número de pessoas, mais os conteúdos são mostrados. A visibilidade virtual provavelmente aumenta a visibilidade externa e rende convites para a participação em programas e entrevistas em outras mídias, que, por sua vez, devolvem (em menor escala) público e novos seguidores para a rede social. Encontramos, assim, comentários de usuários que dizem ter chegado ao perfil de Lilia Schwarcz em função de sua

participação em programas como “Roda Viva”⁴⁶ e “Manhattan Connection”, ambos da *TV Cultura*.

O Instagram de Lilia Schwarcz é um perfil com boa performance. Contudo, independentemente do desempenho, o que discutimos é o uso da palavra, que provoca interações para além dos *likes* e *emojis* e devolve comentários igualmente centrados na palavra. O número de comentários no perfil é significativo até mesmo nas postagens não tão engajadas, segundo dados do Keyhole⁴⁷, outra plataforma para gestão de mídias sociais. Abrindo cada uma das respectivas publicações, verificamos que não são apenas comentários com *emojis*, mas a grande maioria é composta de comentários elaborados com palavras e frases inteiras. Em vista disso, como abordamos a palavra como mídia, precisamos entender as particularidades da palavra no Instagram de Lilia Schwarcz, o que faremos a seguir.

2.3 A palavra no Instagram de Lilia

Lilia Schwarcz utiliza várias linguagens, mas prioriza a palavra, especialmente a palavra escrita, possivelmente devido à sua posição como acadêmica e autora de diversos livros. Tanto é assim que, em entrevista à autora, afirma que foi socializada como professora “a utilizar bem as palavras” (Schwarcz, 2022b), logicamente que não só as escritas, porque professores corriqueiramente se valem da oratória. Lilia Schwarcz é afetada pela palavra e também pela leitura. Na conversa mantida com o ator, diretor, produtor e roteirista Fábio Porchat, no projeto “Livro Aberto”⁴⁸, em novembro de 2021, quando indagada sobre a importância de ler, diz que a leitura tira as pessoas do seu lugar e as coloca em situações que talvez nunca experimentassem na realidade – e arremata: “Um bom livro é um *ticket* para uma vida saudável, mais democrática, mais plural e mais generosa” (Schwarcz, 2021b). As práticas da palavra e da leitura se mostram visíveis no seu Instagram.

Logo, no perfil de Lilia Schwarcz, a palavra aparece como protagonista associada a uma diversidade de recursos visuais, sonoros e verbais. É possível conferir na figura abaixo que ela usa palavras até mesmo sobre imagens e como se fossem imagens visuais.

⁴⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eU_BxcEuXro. Acesso em: 04 jun. 2022.

⁴⁷ Disponível em <https://keyhole.co>. Acessos em: 17 abr. 2023 e 18 jun. 2023.

⁴⁸ Disponível em <https://youtu.be/AQ5J1p-rXoQ>. Acesso em: 23 maio 2023.

Figura 12 – Amostra do uso da palavra no perfil de Lilia Schwarcz



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em: <https://www.instagram.com/liliaschwarcz/>. Acesso em: 28 maio 2023.

A propósito, Lilia se vale das palavras falada, imagética e escrita. A palavra falada é usada nos vídeos (*reels*), e a imagética é usada como ícone (imagem). Já a palavra escrita ganha destaque nos textos que surgem em todos os *posts* e pode vir combinada com as duas anteriores. Os textos são apresentados essencialmente da seguinte forma: texto e vídeo (palavra escrita e oral), texto e imagem (palavra escrita e imagem), texto e palavra-imagem (palavra escrita e palavra-imagem). No anexo B, trazemos algumas amostras dessas combinações da palavra.

Quando Lilia se vale da palavra oral, os vídeos, sejam dela ou de terceiros, são publicados no *reels* e também no *feed* – portanto, vêm acompanhados de um texto. O conteúdo do texto, via de regra, diverge da fala no vídeo, o que leva os usuários a uma dupla leitura ou à leitura de apenas um deles. Quando associa textos com imagens, as imagens ocasionalmente vêm acrescidas de sinais, elementos

gráficos, palavras ou frases sobrepostas com questionamentos, provocações ou ares de ironia, com a finalidade de evidenciar detalhes ou reforçar a escrita. Por fim, quando explora a visualidade das letras, as palavras aparecem como ícones (imagens) e convocam à leitura dos textos.

Aqui, nos deteremos nas palavras falada e escrita. Em ambas, Lilia Schwarcz usa da palavra analítica, ou seja, não traz simplesmente conteúdos, mas o faz por meio da análise. Ela entende que “a palavra tem um papel multiplicador nas redes sociais” – e realmente tem, diante do alcance da mídia terciária – e que, por isso, é preciso ofertar informações fundamentadas, qualificadas ou, como ela diz, “boas informações” (Schwarcz, 2022b). Não desconhecemos que a “boa informação” passa por perspectivas subjetivas da professora, como a seleção do conteúdo e das fontes consultadas e a análise em si, que são determinadas por fatores culturais, sociais, políticos e econômicos do seu entorno. A despeito disso, na forma e na estrutura, é uma palavra analítica, empregada nos textos e nos vídeos para contextualizar notícias e imagens visuais.

Como o foco do perfil é a palavra, Lilia Schwarcz é cuidadosa no seu uso. Nesse particular, não nos referimos ao mérito dos conteúdos, se são ou não apropriados ou se deveriam ou não ser abordados por ela, porque isso se mostra irrelevante para a pesquisa. O cuidado a que nos referimos se traduz na disposição da palavra e, quando escrita, do próprio texto – como a escolha da linguagem e do vocabulário –, na congruência da apresentação e na sumarização das informações escolhidas como conteúdo, tanto que as corrige “quando alguém explica que há algum equívoco” (Schwarcz, 2022b). Lilia entende que, mesmo nas redes, as palavras devem ser usadas adequadamente e tenta “fazer textos muito fechados, muito cuidados, textos curtos [comparado com o padrão acadêmico]⁴⁹” (Schwarcz, 2022b).

Eu acho que a palavra tem um papel multiplicador nas redes sociais, tanto para o bem quanto para o mal, ou seja, para más informações e eu tento oferecer informações que são de alguma maneira contextualizadas, cruzadas, ou seja, boas informações, que não partem de meras suposições ou então da má intenção mesmo. As palavras não são inocentes assim como as imagens também não são (Schwarcz, 2022b).

⁴⁹ Observação entre colchetes da autora.

Acima de tudo, a ênfase é na palavra escrita, que aparece em todas as publicações. Seus textos fogem do padrão da rede social, porque são extensos, densos e próximos da formalidade. De fato, são textos que contam com muitos caracteres e frequentemente exigem que se role a barra da página para que sejam lidos na integralidade. Contrariamente, o Instagram é uma mídia de efemeridades na qual prevalecem os textos concisos e fluidos, rapidamente digeridos e substituídos por novos conteúdos a fim de manter a audiência e a visibilidade (basta lembrar da ideia de velocidade na comunicação que advém do próprio nome Instagram). Ademais, como já mencionado, os textos de seu perfil não se limitam a trazer os conteúdos, mas agregam análises e informações contextualizadas sobre eles. Por fim, são textos elaborados de acordo com as normas gramaticais e ortográficas, sem abreviações, reduções de palavras ou emprego de *emojis*, distanciando-se da linguagem informal das redes (exceto pelo uso da linguagem neutra)⁵⁰.

Eu acho que a sociedade mudou e os veículos de comunicação mudaram. Não me parece que a imprensa publicada continue sendo o único meio de divulgação importante.

Os intelectuais, os críticos e as pessoas que querem, de fato, entrar neste debate de forma democrática, vão ter que aprender a lidar com esta nova linguagem. Na internet, você tem que escrever muito menos do que os intelectuais escrevem.

Depois, precisamos ser generosos. Temos que nos adequar. E não é uma questão de simplificar, porque as pessoas que me seguem não são simplistas, mas precisamos aprender a ser mais diretos (Schwarcz, 2020a).

Assim, os usuários que chegam ao perfil de Lilia Schwarcz enfrentam a leitura de textos longos e estruturados, que alinham convencionalmente letras (maiúsculas e minúsculas) e sinais com espaços e pontuações, tal como na mídia secundária. Seus leitores devem ter disponibilidade e intencionalidade para a leitura – e não uma leitura qualquer, pois seus textos, conquanto sejam diretos e comunicados “de uma forma mais leve” (Schwarcz, 2022b), não são simples, mas textos consistentes e coesos.

[...] eu também utilizo muito o que eu aprendi na História e na Antropologia, ou seja, a definição de conceitos, o conhecimento rigoroso, mas que precisa ser comunicado nessas redes de uma forma mais leve. No meu entender, a leveza não quer dizer simplicidade, muitas vezes é mais complexo falar coisas simples de maneira fácil do que o oposto. Então, eu venho aprendendo muito, eu já escrevia muito em jornais. Eu também participo da editora Companhia das Letras, então leio todo tipo de original. Tenho uma

⁵⁰ Nas postagens, Lilia Schwarcz adota os termos “todas”, “todos” e “todes”.

coluna no Nexa e passei a escrever livros para um público maior além dos livros acadêmicos. Então, eu acho que isso é um treino. Um treino que nós da Academia precisamos fazer no sentido de sair da bolha e passar a nos comunicarmos para um público maior (Schwarcz, 2022b).

O conteúdo demanda leitura; a maioria dos seguidores lê o que foi postado e muitos devolvem comentários tão extensos e densos quanto os textos de Lilia Schwarcz. Os leitores usam da palavra escrita; alguns seguem o estilo da professora e empregam uma linguagem formal, com muitos caracteres e igualmente sem abreviações e *emojis*. A palavra está presente, portanto, em ambos os lados. Nesse contexto, o acompanhamento do perfil pela autora indica que uma parte identificável⁵¹ do seu público é afeto (muito embora não se limite) à palavra – como jornalistas, escritores, artistas, professores, dentre outros.

Mas será que essa palavra é uma mídia capaz de constituir um ambiente? A hipótese de pesquisa centra-se no entendimento de que as particularidades da palavra de Lilia Schwarcz produzem um ambiente nesse espaço. A suposição é de que o emprego de uma palavra analítica e majoritariamente escrita cria componentes diferenciados de leitura.

É, portanto, nesse ambiente da mídia terciária das redes sociais, que mescla elementos humanos e maquínicos, que devemos compreender a palavra como mídia – um espaço que congrega uma variedade de linguagens e permite que palavras se misturem a imagens e a outros elementos por meio de distintas ferramentas e, depois, irrompam segundo critérios definidos pelo próprio meio, incluindo algoritmos –, sobretudo no Instagram de Lilia Schwarcz, que prioriza a palavra e reúne um significativo público em torno dela, uma palavra que é analítica, tanto na forma oral quanto escrita, com ênfase nesta última, apresentada através de textos que presumivelmente encorajam a leitura e, por conseguinte, uma decifração mais atenta e demorada.

⁵¹ Somente os perfis públicos ou os perfis privados que mostram a descrição na *bio* permitem tal identificação.

3 A PALAVRA-PAISAGEM NO INSTAGRAM DE LILIA SCHWARCZ

Neste capítulo, debateremos a palavra como mídia no Instagram de Lilia Schwarcz a fim de refletirmos se as particularidades dessa palavra catalisam um ambiente cultural específico. O fenômeno foi analisado no contexto da mídia terciária e das redes sociais. As informações foram coletadas diretamente do ambiente a partir de múltiplas categorias de dados, como os *posts* do perfil, as interações dos usuários e as informações de *sites* de análise de mídias sociais, além de entrevistas.

A metodologia de trabalho contemplou a observação do objeto numa perspectiva empírica e considerou diversas fases e procedimentos. A autora já seguia o perfil de Lilia Schwarcz no Instagram; no entanto, não acompanhava assiduamente as postagens e passou a fazê-lo a partir de janeiro de 2022. A data inicial para observação foi fixada em 25 de novembro de 2018, ocasião em que a professora fez um *post*⁵² sobre o então ministro da Ciência e Tecnologia do governo do ex-presidente Jair Bolsonaro (2019-2022), que gerou aumento do engajamento⁵³ e encerrou em junho de 2023. No período delimitado, mapeamos as formas de utilização da palavra e do próprio Instagram por Lilia Schwarcz e chegamos às informações consolidadas nos anexos A e B.

Com base nos dados obtidos, estabelecemos um novo recorte para o período, compreendido entre 2020 e 2023. O ano de 2020 foi escolhido porque constatamos que, a partir de então, a professora passou a fazer uso do Instagram de modo mais organizado. Em seguida, analisamos o conteúdo desse período e fizemos uma triagem de amostras de publicações por ano, o que resultou num total de 55 amostras que foram novamente avaliadas, agora em profundidade, sobretudo no que tange às interações dos usuários. Para o ano de 2020, utilizamos apenas duas amostras, sendo que uma compreende três publicações com grande repercussão e bastante material para estudo.

O processo envolveu um último refinamento com a redução das amostras para 19, cujos conteúdos foram pormenorizadamente revistos e examinados. Na triagem e no refinamento das amostras, utilizamos como critério a escolha de

⁵² Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bqn-TRRnVh0/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 12 jan. 2023.

⁵³ Disponível em: <https://www.brzcontent.com.br/entrevista-lilia-schwarcz-analisa-o-carater-antagonico-das-redes-sociais/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

publicações que contemplassem a variedade de combinações da palavra e de conteúdos no perfil de Lilia Schwarcz. Assim, selecionamos para estudo amostras de vídeo e texto, foto e texto, foto com elementos gráficos e texto, foto com frases sobrepostas e texto – e que englobassem conteúdos tanto de análise de notícias quanto de imagens.

Tabela 1 – Recorte das amostras analisadas

Ano	Amostras por ano	Refinamento das amostras
2020	2	1
2021	20	7
2022	21	7
2023	12	4

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Nas publicações, investigamos os *posts* com foco nos textos, nas imagens e nos comentários dos usuários, por entendermos que tais comentários traduzem palavras e experiências de corpos eventualmente constituidoras de ambientes. Devido ao número elevado de comentários e à impossibilidade de lê-los na totalidade (a própria plataforma limita o acesso), fizemos a extração manual dos comentários considerados mais relevantes para responder à pergunta-problema e selecionamos alguns outros que constam do anexo C. Optamos por fazê-lo manualmente para selecionar conteúdos a partir das percepções sensoriais dos usuários e para trazer um corpo a mais para o objeto de pesquisa, o da autora. Adotamos a terminologia “usuário/usuária” ao invés de “seguidor/seguidora”, uma vez que o perfil de Lilia Schwarcz é aberto e público, e qualquer pessoa pode interagir nas publicações, mesmo os não seguidores. Os nomes dos usuários foram encobertos e/ou substituídos por letras a fim de preservar suas individualidades.

O conteúdo dos *posts* e dos comentários foi analisado em conjunto com as informações obtidas em entrevistas. Durante todo o período de investigação, acompanhamos as entrevistas de Lilia Schwarcz para periódicos e mídias diversas, assim como suas participações em *podcasts* e canais do YouTube, e selecionamos para análise documental aquelas entrevistas nas quais a professora fala sobre sua atuação nas redes sociais, em especial o Instagram. Além disso, consideramos a

entrevista concedida à autora por intermédio de áudios encaminhados por WhatsApp, em resposta às perguntas que lhe foram formuladas por escrito (apêndice A). Por fim, levamos em conta também os dados de desempenho do perfil obtidos com o auxílio das ferramentas de análise de mídias sociais Social Blade e Keyhole. É importante esclarecer que em nenhum momento interrompemos a observação do fenômeno, sempre acrescentando ao processo informações atualizadas que pudessem contribuir para o resultado final da pesquisa, uma vez que entendemos o objeto e o próprio ambiente das redes sociais como ativo e em constante transformação.

Todas as informações foram examinadas à luz da pergunta “a palavra no Instagram de Lilia Schwarcz produz um ambiente?” e do enfrentamento do quadro de fatores-problema, tais como: o uso de uma palavra essencialmente escrita e analítica em um ambiente efêmero, as interações entre corpos e a mediação de aparelhos, a influência dos algoritmos, as particularidades da mídia terciária e as especificidades do Instagram. O método empírico permitiu enfrentar de forma dinâmica esses fatores e acompanhar a mutabilidade e a volatilidade do ambiente. A partir dos dados, verificamos no material reunido alguns fenômenos comuns no perfil de Lilia Schwarcz: a palavra escrita e a temporalidade de leitura e de produção de novas palavras; a palavra analítica e as críticas e reflexões nos comentários; e a permeabilidade da palavra para o debate e para outros ambientes.

Com efeito, o destaque no Instagram de Lilia Schwarcz é a palavra escrita por meio de uma linguagem formal e sem abreviações. O perfil possui um elevado número de comentários em cada postagem, e neles encontramos uma expressiva quantidade de palavras estruturadas e algumas simplificações de grafia. Os usuários, por sua vez, leem os conteúdos, que são compartilhados por Lilia Schwarcz através da análise em textos extensos e densos que, aparentemente, trazem uma experiência de leitura mais duradoura. Os usuários também criticam e refletem sobre tais conteúdos e acompanham as reverberações dentro e fora da rede social. A palavra de Lilia Schwarcz não é uníssona e existe dissonância entre a professora e os usuários, assim como entre os próprios usuários; é uma palavra porosa que se alastra para outros ambientes que possuem temporalidades distintas.

Nos tópicos a seguir, abordaremos os fenômenos observados, valendo-nos de algumas das amostras de publicações que foram analisadas, e debateremos se o emprego da palavra analítica e escrita cria componentes diferenciados de leitura que

constroem um ambiente. Todos os comentários foram extraídos do perfil de Lilia Schwarcz, assim como as imagens obtidas por capturas de tela na versão *mobile* do aplicativo e fotografias na versão *web*.

3.1 Uma paisagem da escrita e da leitura

Como explanado anteriormente, a ênfase no Instagram de Lilia Schwarcz é na palavra escrita, que aparece em todas as publicações. Os textos escritos são uma sequência de cifras, ou seja, de letras e sinais gráficos, compostos por um código alfabético que precisa ser decifrado pelo gesto da leitura. O código alfabético é apreendido na infância, presencialmente em uma sala de aula, com um(a) professor(a) “que tem um corpo, uma aura, uma presença física” e possivelmente com quem “as crianças acabam sempre desenvolvendo uma relação afetiva”, conforme Baitello (Cagliari; Oliveira, 2022, p. 8). Além de habilidades cognitivas, a alfabetização demanda habilidades motoras, frequentemente desenvolvidas com as mãos (corpo), e o uso de lápis, borracha e papel para o desenho das primeiras letras. O aprendizado, portanto, envolve meios de comunicação primários e secundários.

No ambiente digital, a escrita difere daquela estudada na escola, pois escrevemos com o auxílio de um computador ou de um dispositivo móvel, apertando teclas com as pontas dos dedos (no caso dos dispositivos móveis, aparências de teclas) que formam imagens de letras na tela a partir de um programa do aparelho e de códigos bidimensionais. Essas imagens, denominadas técnicas, são, na realidade, abstrações formadas por construções de pontos que oferecem a ilusão de superfícies (Flusser, 2019).

As tecnoimagens não são mais uma superfície, mas a construção conceitual de um plano por meio da constelação de grânulos, de pontos de dimensão desprezível, mas que, reunidos, oferecem a ilusão de uma superfície, um mosaico de pedrinhas. “Cálculo” significava em latim “pedrinha” e “calcular” quer dizer “operar com pedrinhas”. As pedrinhas minúsculas se aglutinaram no espaço plano formando a ilusão de imagens. (Baitello, 2010, p. 54).

“Parece não haver quase ou absolutamente nenhum futuro para a escrita, no sentido de sequência de letras e de outros sinais gráficos. Hoje em dia, há códigos que transmitem melhor a informação do que o dos sinais gráficos” (Flusser, 2010, p.

13). Com essa afirmação quase cética, Vilém Flusser inicia seu livro acerca da escrita; embora muitos a interpretem como uma predição sobre o fim da escrita, o que o autor sugere é que a cultura das imagens técnicas altera a forma como experienciamos e vemos o mundo. Segundo ele, “não mais vivenciamos, conhecemos e valorizamos o mundo graças a linhas escritas, mas agora graças a superfícies imaginadas” (Flusser, 2019, p. 9). Os códigos e as imagens técnicas da mídia digital formam um outro ambiente e exigem um método crítico e uma forma de pensar totalmente diversos, o que não implica a exclusão dos ambientes e dos modos de pensamento precedentes, como a própria escrita. Segundo Baitello (FAPCOM, 2013), os ambientes se acumulam e não jogamos fora as experiências e os aprendizados que vivemos em tais espaços.

A escrita “digital” possui particularidades distintas da manuscrita, aquela apreendida com o corpo na infância. Os textos digitais igualmente demandam o cifrar e o decifrar, agora mediados por aparelhos. Apesar disso, as palavras (ou imagens técnicas de palavras) continuam sendo lidas na superfície como letras e traduzidas auditivamente no cérebro no ato da leitura, porque “as letras são sinais para sons pronunciados, o texto alfabético é uma partitura de um anunciado acústico: ele torna o som visível” (Flusser, 2010, p. 44). Por trás dos aparelhos, existem corpos, que são os responsáveis pela leitura e pela tradução auditiva das palavras, assim como por lhes atribuir uma significação simbólica. Portanto, mesmo que o cifrar e o decifrar sejam realizados com o intermédio de aparelhos, são feitos por corpos, uma vez que, independentemente da mídia e do ambiente, sempre há um corpo no começo e no fim de todo processo de comunicação, conforme Baitello ao citar Harry Pross (2010).

As palavras no Instagram de Lilia Schwarcz são então escritas por um corpo e lidas por outros corpos – organismos que escrevem, leem e pensam diferentemente nesse espaço, mas que carregam para a paisagem digital as experiências e as histórias pregressas apreendidas em outros ambientes das mídias primária e secundária, porque “um corpo é o registro das histórias de si mesmo e de todos os outros corpos, oferecendo a um ambiente comunicacional a profundidade e a densidade das camadas mais profundas do seu tempo e dos outros tempos” (Baitello, 2008, p. 102).

Dado que o Instagram é uma mídia de efemeridade, nesse ambiente, as palavras são escritas para serem consumidas rapidamente, em função do que

predominam os textos breves e concisos. As palavras usualmente aparecem abreviadas ou simplificadas (como “vc” para você, “q” para que, “qdo” para quando, “tbm” para também), grafadas informalmente em letras minúsculas mesmo no início de frases ou integralmente em maiúsculas. Além disso, as palavras são constantemente substituídas por *emojis* ou pictogramas⁵⁴, que viabilizam a comunicação universal de sentimentos e emoções. A descomplicação da linguagem é, possivelmente, uma tentativa de aproximação das pessoas num ambiente marcado pela mediação de aparelhos e pelo distanciamento físico dos corpos.

[...] a capacidade de penetração do mundo e das percepções veiculadas pela escrita alfabética, está em declínio. Declina evidentemente a escrita alfabética elaborada, mas não a escrita como um todo, que se contamina e transforma regressivamente em escrita neopictogramática ou em alfabetos neoideogramáticos, de fácil assimilação, mais amigáveis ao tempo veloz, menos exigentes na sua aprendizagem, mais simples na sua imediatez e sobretudo aptos a gerar leitores com crescente simplicidade (Baitello, 2010, p. 109-110).

Embora utilize um linguajar mais enxuto comparado ao acadêmico, a escrita de Lilia Schwarcz difere sobremaneira desse estilo, uma vez que os textos possuem muitos caracteres e são extensos para o padrão do Instagram. Ela possui um estilo próprio que a identifica nessa paisagem: o “textão”. E não é um “textão” qualquer: Lilia Schwarcz usa da palavra analítica, frequentemente na forma escrita e expressa numa linguagem direta e formal, alinhando convencionalmente letras e sinais com espaços e pontuações, sem quaisquer abreviações de palavras ou *emojis*.

O número de interações dos usuários em cada postagem é significativo. No período compreendido entre 19 de maio e 19 de junho de 2023, ela recebeu uma média de 456 comentários, conforme dados obtidos junto à plataforma Social Blade. Quando abrimos a leitura desses comentários, constatamos que grande parte deles é composta de frases e textos, e não simplesmente *emojis* e pictogramas. Os usuários do perfil reagem com palavras, ou seja, despendem tempo com a escrita, inclusive com “textões” como os de Lilia, sem (ou com poucos) termos abreviados. Certamente que também esbarramos com comentários compostos apenas de *emojis* e expressões simplificadas, mas sobretudo os comentários estruturados se destacam – e, aqui, nos referimos tanto aos comentários que empregam

⁵⁴ Pictogramas são criados a partir de sinais de pontuação, números ou caracteres – por exemplo “:-)” para expressar alegria.

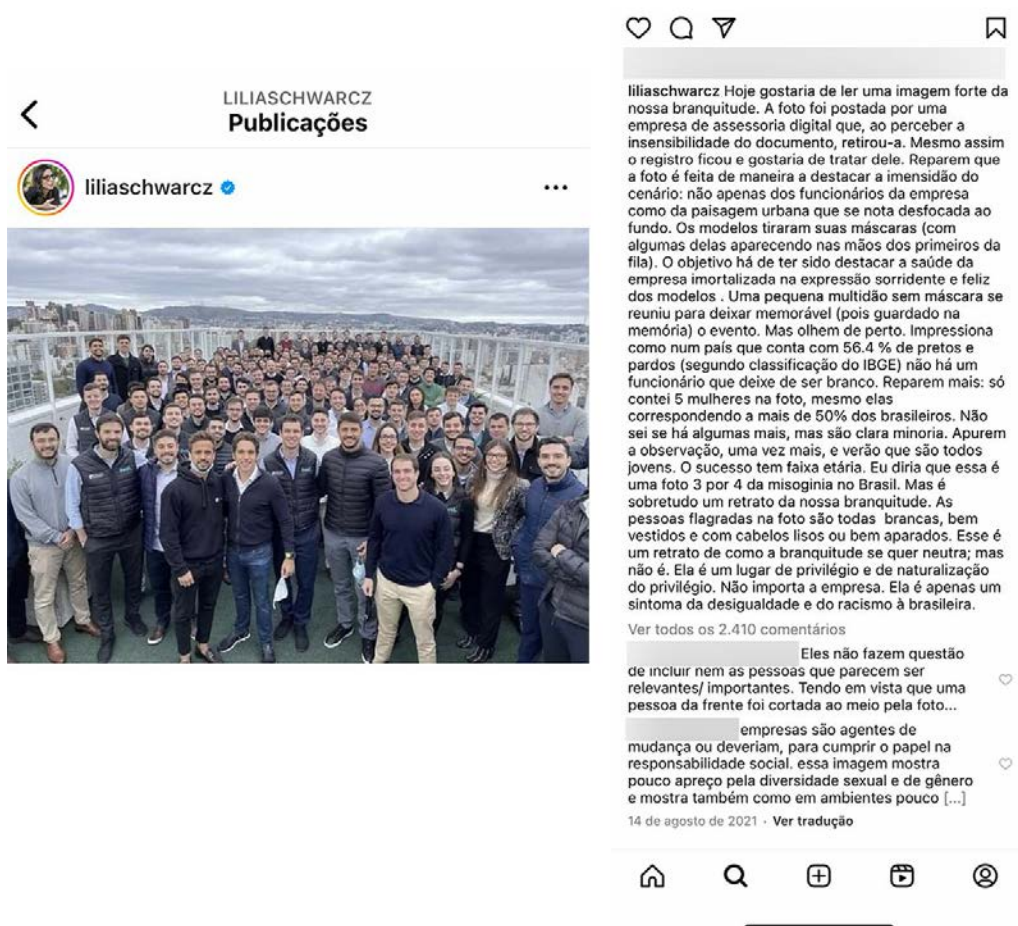
exclusivamente a linguagem formal quanto aos que combinam a linguagem formal com algumas simplificações de palavras.

O *post* de 14 de agosto de 2021 (doravante *post* XP) é um exemplo dessas características da palavra escrita no Instagram de Lilia Schwarcz. Nele, ela traz uma análise sobre uma fotografia publicada em 13 de agosto⁵⁵ no Instagram da Ável⁵⁶, prestadora de serviços da XP Investimentos, que gerou inúmeros comentários negativos naquele perfil e na rede social. O texto de Lilia examina a falta de diversidade na foto, em que não há mulheres ou negros – num contexto em que mais da metade da população nacional é composta justamente de mulheres e de pretos e pardos. Ao trazer dados e informações que exibem uma realidade distinta da retratada na foto, Lilia tenta mostrar que a imagem reflete a desigualdade e o racismo no país. O *post* teve 2410 comentários.

Figura 13 – *Post* XP

⁵⁵ AMADO, Guilherme. Empresa ligada a XP tenta gerir crise por falta de negros e mulheres; veja vídeo. *Metrópoles*, 13 ago. 2021. Disponível em: <https://www.metropoles.com/colunas/guilherme-amado/empresa-ligada-a-xp-tenta-gerir-crise-por-falta-de-negros-e-mulheres-veja-video>. Acesso em: 09 jun. 2023.

⁵⁶ Disponível em: <https://www.instagram.com/avel.me/>. Acesso em: 09 jun. 2023.



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSj0jjYnGxY/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRlODBiNWFiZA==. Acesso em: 08 jun. 2023.

A escrita é cuidadosa na disposição das palavras e observa a linguagem formal, com letras maiúsculas assinalando o início dos períodos e sinais de pontuação, como o ponto e a vírgula. O texto foi publicado um dia após a viralização da foto e, logo no início, Lilia Schwarcz avisa que a imagem não se encontra mais disponível no perfil originário. Abaixo, dois exemplos de comentários: o primeiro, estruturado numa linguagem mais solene (usuário “A”); o segundo, com algumas simplificações de palavras (usuário “B”).

USUÁRIO A. Me permita acrescentar uma observação. Nas minhas aulas de fotografia, costumo dizer aos alunos que tão importante quanto o que você enquadra numa foto, é o que deixa de fora. Sua perfeita análise levanta todo um mundo real deixado de fora desse “quadro branco”. Dito isso, acrescento que ainda “de fora da foto” podemos pensar nos clientes dessa empresa, que por ação direta, ditam os padrões da assessoria e indiretamente também deixam de fora tantos e todos nós.

USUÁRIO B. Desculpe mas não concordo...lamento mas essa observação está absolutamente distorcida e é totalmente tendenciosa. Vc é

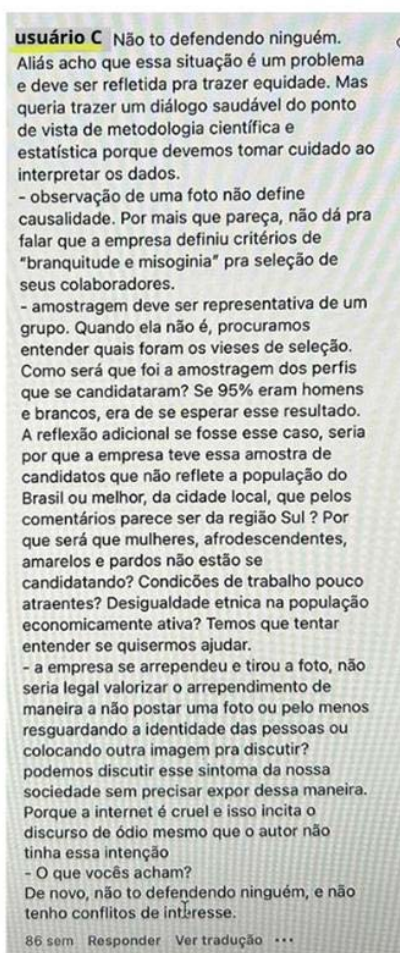
absurdamente inteligente e lhe sigo aqui nesta rede incondicionalmente, mas...não. É muito possível que eu não tenha entendido as suas palavras, hj estou cansado...vou ler novamente pela 3a vez...acho que passou do ponto. Gostaria de ver/ler exemplos diferentes e de ações de quem já pratica, realmente, a igualdade...de sexo, cor, raça...etc...

USUÁRIO B [comentando no seu próprio comentário para completar o raciocínio anterior]⁵⁷. veja...não estou dizendo que é mentira!...de maneira alguma. Estou dizendo que está exagerado. (Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSj0jjYnGxY/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 08 jun. 2023).

O usuário “A” não só usa uma escrita que atenta às normas ortográficas, como também é formal na escolha das palavras, o que se reflete na frase “me permita acrescentar uma observação” ou na expressão “dito isso”. Por outro lado, apesar das simplificações de grafia – “vc” (você), “hj” (hoje) e “3a” (terceira) –, o usuário “B” escolhe um vocabulário apurado, espelhado em termos como “distorcida”, “tendenciosa” e “incondicionalmente”, além de fazer uso da acentuação e da pontuação, inclusive reticências. As reticências indicam um pensamento não concluído, como se a pessoa ainda estivesse concatenando ideias – aqui, possivelmente utilizadas numa tentativa de aproximação da linguagem falada à presencial. Verifica-se, no caso do usuário “B”, uma combinação da linguagem formal com elementos de informalidade típicos da escrita “digital”, uma particularidade comum no Instagram de Lilia Schwarcz, que aparentemente aponta para usuários adeptos da palavra escrita e, ao mesmo tempo, atravessados pelas características do ambiente.

Figura 14 – Exemplo de comentário com “textão”

⁵⁷ Observação entre colchetes da autora.



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSj0jjYnGxY/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRlODBiNWFiZA=. Acesso em: 04 jun. 2023.

A seu turno, a predominância da palavra escrita demanda decifração, pois mesmo no ambiente digital as palavras precisam ser lidas por se mostrarem como letras. Ler é muito mais do que decifrar um código alfabético. A palavra ler, do latim *legere*, significa “selecionar”, “escolher”⁵⁸. Ler, portanto, é uma prática, uma ação, uma escolha, inclusive do que será lido e de como será lido. No Instagram, os usuários podem reviver os conteúdos, inclusive em momentos distintos da temporalidade das postagens. Enquanto os conteúdos perdurarem na rede e a própria rede existir, é possível ler e reler os *posts* quantas vezes quiser ou, ainda, salvar o respectivo conteúdo para ler ou reler posteriormente. A leitura na tela –

⁵⁸ Disponível em: <https://origemdapalavra.com.br/palavras/ler/>. Acesso em: 29 jun. 2023.

especialmente nas redes sociais, onde tudo é efêmero – por vezes é rápida e superficial; a releitura permite o aprofundamento, além de possibilitar a construção de novos sentidos e significados para o que foi lido. No *post* XP, o usuário “B” diz que vai ler novamente, pela terceira vez, o texto da professora. Rer ler é ler de novo, e quem lê de novo, em princípio, conhece o assunto – e, por isso, pode adentrar outras camadas de leitura. Ao discordar da análise da professora, o usuário “B” lê o texto repetidamente, quiçá num esforço de se convencer dos argumentos dela, tanto que afirma: “é muito possível que eu não tenha entendido as suas palavras” – e arremata “hj estou cansado”, algo como “estou cansado e talvez não esteja entendendo, então vou ler novamente”.

No perfil de Lilia Schwarcz, verificamos que a maioria dos usuários leem os conteúdos. Como diz a professora, “[...], nas redes, o meu texto é considerado um textão, e as pessoas leem. Vejo nos comentários que não leem apenas o começo ou o final” (Schwarcz, 2022a). A palavra é combinada a fotos ou vídeos, o que demanda a leitura das palavras escritas e igualmente das imagens visuais. Ao que tudo indica, os usuários leem ambos os conteúdos, porque discutem aspectos específicos dos textos e das imagens. É uma leitura que seleciona e decifra as palavras e as imagens de múltiplas maneiras em conteúdos previamente escolhidos pela professora e publicados no perfil.

Os textos de Lilia Schwarcz possuem um ritmo próprio e se apresentam em linhas, com letras maiúsculas e sinais de pontuação que delimitam frases e períodos. Em decorrência disso, são textos que podem ser lidos linearmente, seguindo a disposição das palavras do começo ao fim, numa sequência lógica. Sabemos que, mesmo na leitura linear, os olhos desenvolvem movimentos de fixação e movimentos sacádicos (Carmo, 2014), ou seja, se fixam em alguns pontos e saltam para outros. Entendemos como leitura linear aquela que absorve o conteúdo usando ambos os movimentos, mas que não é fragmentada ou interrompida, como é usual no meio digital. Evidente que, no Instagram de Lilia Schwarcz, ocorre também a fragmentação; é possível que o leitor salte para as imagens visuais que acompanham os textos da professora e realize uma leitura circular. Afinal, nesse meio, as imagens oferecem a ilusão de superfícies e promovem “um novo olhar e uma nova percepção do tempo, um tempo circular que permite ao observador retornar sempre a um ponto inicial” (Baitello, 2010, p. 53).

Uma forma de ler, contudo, não anula a outra, de modo que o leitor pode executar um trajeto de leitura para o texto escrito e outro para a imagem visual. São duas formas distintas de construção de sentido para o mesmo conteúdo, que coexistem e até colaboram entre si, e é perfeitamente possível que ambas se manifestem em conjunto, inclusive inconscientemente. Aprendemos na infância a leitura linear e ela não desaparece simplesmente porque usamos dispositivos eletrônicos. Ao contrário, ela persiste na memória como o eixo inicial do aprendizado dos gestos de escrever e de ler, mesmo porque, como ensina Boris Cyrulnik⁵⁹, “o cérebro de um ser humano é inteiramente esculpido pelo seu ambiente: fetal, depois familiar, social, ambiental e cultural” (2022). As experiências então moldam os indivíduos e carregamos para a paisagem digital todos os aprendizados de escrita e de leitura pregressos.

No *post XP*, alguns usuários se detiveram na leitura da imagem, ao passo que outros foram mais a fundo na leitura do conteúdo. Aqueles que se detiveram na imagem encontraram detalhes despercebidos por Lilia, como os usuários que apontaram mulheres e negros (parcos) ao fundo da foto. De outro lado, os que se aprofundaram estabeleceram outras associações, como os usuários que conectaram a imagem à obra “Operários” (1933), de Tarsila do Amaral⁶⁰. Aliás, no perfil de Lilia Schwarcz, é comum encontrarmos associações dos conteúdos a leituras – o que também pode indicar um público afeto à leitura de referências literárias, artísticas, jornalísticas e acadêmicas, como Clarice Lispector, George Orwell, Angela Davis, Roland Barthes, Mikhail Bakhtin, só para citar algumas.

USUÁRIA D. Entretanto, vejo, ao fundo, na última fila, embora em proporção diminuta, alguns negros. Tem que ampliar a foto, colocar uma lupa, mas eles estão lá.

USUÁRIA E. Releitura triste de “Operários” de Tarsila do Amaral.

USUÁRIO F. Tarsila do Amaral deve estar se revirando no túmulo. Quem deixou que reinventassem - porcamente - sua obra de arte?! Ou, considerando a real intenção de Tarsila, fizeram o certo: contrapuseram a miscegenação dos Operários à branquitude cheia de requinte dos donos das fábricas. Isso seria um ótimo tema para a redação do ENEM. Resta saber quem tiraria 1000: o jovem branco privilegiado de escola particular ou o preto favelado de escola pública. Um suco de Brasil! (Disponível em: https://www.instagram.com/p/CSj0jjYnGxY/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 08 jun. 2023).

⁵⁹ Neurologista, psiquiatra, psicanalista e um dos fundadores do Grupo de Etologia Humana (1937-).

⁶⁰ Pintora brasileira (1886-1973).

Nessa linha de raciocínio, devemos considerar ainda que as palavras são atravessadas pela hipermídia nas redes sociais e podem mesclar-se a imagens, vídeos e sons, num hibridismo de linguagens e de experiências sensoriais. Lembremos que Lilia Schwarcz usa deliberadamente de uma multiplicidade de recursos e combina textos escritos com vídeos ou imagens visuais (fotos, ilustrações, caricaturas), estas últimas com frequência acrescidas de sinais, elementos gráficos, palavras ou frases sobrepostas. Ocasionalmente, encontramos a multiplicidade de linguagens na mesma postagem, como nas publicações em que a professora utiliza vídeo e texto com conteúdos distintos para analisar a mesma imagem.

A propósito, vejamos o *post* de 27 de agosto de 2021, sobre uma fotografia que reflete a volta do grupo islâmico Talibã ao poder no Afeganistão, após a retirada das tropas norte-americanas do país (doravante *post* Afeganistão). A retomada do poder deu-se em 15 de agosto de 2021, mesmo dia da foto, e desconhecemos a data em que a imagem foi divulgada, mas possivelmente o *post* não coincide com a exposição, porque foi publicado doze dias depois. Na publicação, Lilia Schwarcz usa da palavra oral e da palavra escrita para analisar a imagem através de um vídeo não legendado e um texto que destacam detalhes da foto. O teor da fala no vídeo é diverso do texto, engendrando mais de uma possibilidade de leitura para o mesmo conteúdo. O *post* teve 1.199 comentários e o vídeo (*reels*) totalizou 246 mil visualizações.

Figura 15 – *Post* Afeganistão



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CTFC3latrxE/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 08 jun. 2023.

O vídeo possui uma capa (*thumbnail*) e é bem produzido, o que talvez explique o elevado número de visualizações⁶¹. Nele, a foto e partes dela são exibidas juntamente com a fala da professora, seus gestos e expressões corporais. O movimento da câmera do vídeo é utilizado como recurso para se aproximar de nuances da imagem e caminhar sobre a fotografia, enquanto a professora explica o contexto. Lilia Schwarcz argumenta que a foto pretende transmitir a concepção de que tudo ocorreu da forma que está lá, como se o fotógrafo quisesse que nos sentíssemos “irmanados” e “de alguma maneira refletidos nessa imagem”. Na sequência, Lilia evidencia que, apesar de a foto retratar um projeto que sela a paz, existem muitas armas no local, e que a imagem pretende passar a ideia de que as pessoas presentes, “todos homens”, estão rezando; enfatiza, ainda, o quadro na parede, que, de acordo com ela, pretende justificar o domínio do islã “mesmo num tempo passado”. Lilia Schwarcz diz que alguns homens denunciam a foto e observam o fotógrafo – “como se nos observassem porque nós estamos no lugar do fotógrafo” – e destaca que um deles está filmando o episódio (nesse momento, o

⁶¹ Recorde-se que os algoritmos privilegiam vídeos bem construídos, conforme explanado no capítulo dois.

movimento do vídeo se concentra no fragmento da foto que mostra o tal homem com o celular apontado para a cena). Ao final, ela afirma que os detalhes são reveladores de que “as fotos são fabricadas” e, citando Susan Sontag⁶², que “as fotos nasceram para mentir” e acabam, por isso mesmo e segundo Lilia, contando uma verdade.

Já no texto escrito que acompanha o vídeo, Lilia Schwarcz adota uma linguagem com frases definidas por pausas assinaladas pela pontuação e uma organização em parágrafos, razão pela qual acreditamos que o texto foi escrito em outro aplicativo, como o “notas”, e depois copiado e colado para a rede social, uma vez que o Instagram não dispõe de recurso para a divisão da escrita em parágrafos. No texto, Lilia não menciona as armas, o homem que filma e tampouco Susan Sontag, embora fale dos homens “rezando” e do quadro. A escrita nos parece mais concisa que a palavra analítica falada, mas o texto não exclui o cerne da análise, que são os homens que “encaram o fotógrafo” e delatam, segundo ela, que “fotos do poder são sempre fabricadas para produzir verdades sobre os novos regimes”.

Tanto no vídeo quanto no texto Lilia Schwarcz utiliza palavras para contextualizar e desmontar a construção da imagem (o que ela denomina “ler imagem”), porque entende que imagens não são inocentes, tal qual o artista Alfredo Jaar na obra “O som do silêncio” (2006), citada no capítulo um. Apesar de os dois trazerem fotografias em evidência na mídia e questionarem suas invisibilidades, o prisma de ambos é diverso. Enquanto Jaar se vale de metáforas e sutilezas para questionar invisibilidades, Lilia se vale de palavras diretas, como se fosse uma aula, o que não é de se estranhar, afinal, ela é professora. Enquanto Jaar mostra a imagem de relance e nas entrelinhas, Lilia exhibe quase ininterruptamente a foto no vídeo. Enquanto Jaar enfatiza o contexto e a historicidade da foto e do próprio fotógrafo, Lilia esquadrinha os detalhes e a composição da imagem. Enquanto o trabalho de Jaar é exposto em mostras presenciais, cuja visibilidade em grande parte depende do comparecimento físico do público, a análise de Lilia é apresentada em uma rede social, cuja visibilidade depende do comparecimento virtual dos usuários através de curtidas e comentários movimentados por corpos e algoritmos.

O *post* Afeganistão pode ser lido de diversas maneiras pelos usuários. O leitor visual pode se concentrar na imagem, nas expressões e nos gestos corporais da professora no vídeo – ou na visualidade do próprio texto escrito. O leitor auditivo

⁶² Ensaísta, filósofa e escritora norte-americana (1933-2004).

pode se concentrar na fala de Lilia e na sonoridade de sua voz, como o usuário “G”, que, não obstante tenha sempre lido as análises escritas, prefere o formato em áudio – “ficou melhor e mais prático”. Já o usuário “H” prioriza a visualidade da imagem e diz que olhou a foto inúmeras vezes. No comentário, ele repete as letras “s” e “a” da palavra “nossa”, um recurso comum da escrita “digital” para expressar e reforçar um sentimento – no caso específico, o deslumbre do leitor com a análise de Lilia.

USUÁRIO G. Parabéns, Lilia, por este formato em áudio para analisar as imagens que você faz tão bem! Eu sempre lia as suas análises, mas em áudio ficou melhor e mais prático. Boa noite!

USUÁRIO H. Nosssaaaa que aula, vc me fez voltar a ver a foto inúmeras vezes, e entender melhor o significado da imagem 🍌🍌🍌🍌 (Disponível em: https://www.instagram.com/p/CTFC3latrxE/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 08 jun. 2023).

Voltar ou tornar a ver, como faz o usuário “H”, é uma forma típica de leitura do ambiente digital que pode incentivar outras associações entre as palavras e a imagem e seus elementos ocultos, num constante ir e vir do olhar que circunda os diversos elementos do *post*.

O olho que decifra uma imagem esquadrinha a superfície e estabelece relações reversíveis entre os elementos da imagem. Ele pode percorrer a imagem para trás e para a frente enquanto a decifra. Essa reversibilidade das relações que prevalecem dentro da imagem caracteriza o mundo para aquelas que as usam para seu entendimento, para aqueles que “imaginam” [agora, abstraem porque não são mais imagens tradicionais, mas sim imagens técnicas]⁶³ o mundo. Para essas pessoas, todas as coisas se relacionam entre si de maneira reversível e o seu universo é estruturado pelo “eterno retorno” (Flusser, 2017, p. 137).

O verbo “tornar” vem do latim *tornare* e é associado a dar voltas, girar, segundo o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa* (Cunha, 2010). Ao “tornar a ver”, os leitores podem aperceber-se de outros detalhes, como a usuária “I”, uma jornalista, que nota o alto-falante nas mãos de um dos homens da foto e, no contexto da análise de Lilia Schwarcz, tenta encaixá-lo na reflexão, relacionando-o a uma “ferramenta de contenção” que, na associação estabelecida por ela, parece “impor uma obediência”.

⁶³ Observação entre colchetes da autora.

USUÁRIA I. Professora, tem também nas mãos de um deles, uma espécie de altofalante. Você não comentou sobre este objeto. Fiquei tentando encaixá-lo na reflexão. Assim como as armas representam o controle das pessoas, o altofalante parece ali também uma ferramenta de contenção. Nesse caso, ao invés das balas, as falas, as ordens, o fundamentalismo para ser cumprido através do domínio das mentes, para além do domínio de corpos em territórios dominados. Eu aqui me arriscando na interpretação... mas como sou da área da Comunicação, não poderia deixar de notar o megafone praticamente central na imagem, ao lado do chefão, com se subalterno, servil - o objeto e quem o segura. Assim como o olhar dos integrantes para o fotógrafo nos convoca a estar presentes, o altofalante nas mãos de um deles parece também convocar a nossa escuta, aliás, impor (devido ao aparelho feito para ecoar de um emissor para uma massa de receptores) uma obediência. É como se fosse um emblema da liderança. O poder de falar mais alto e ao longe. Poderia comentar sobre esse item que não foi incluído na sua brilhante análise?

Obrigada! (Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CTFC3latrxE/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 08 jun. 2023).

Por outro lado, existem os usuários que priorizam a visualidade da escrita e o conteúdo do texto, como a usuária “J”, que concorda com a análise de Lília Schwarcz de que imagens são fabricadas, mas acrescenta que toda imagem representa a visão de alguém acerca da realidade. Segundo ela, imagens sempre navegam entre “o ofuscar e o criar verdades”. Logo, uma imagem não precisa necessariamente conter detalhes estrategicamente pensados e inseridos nela, pois uma foto é sempre um recorte da realidade, um recorte subjetivo de alguém que edifica a realidade a partir do seu olhar.

USUÁRIA J. Muito bom!!! É sempre necessário lembrarmos que toda imagem é uma representação da realidade construída a partir do olhar de uma pessoa. E por ser assim, navega entre o ofuscar e o criar verdades...obrigada pela sua fala! (Disponível em: https://www.instagram.com/p/CTFC3latrxE/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 08 jun. 2023).

Enfim, no *post* Afeganistão, os leitores têm muitas possibilidades de leitura: eles conseguem ler primeiro o texto e depois a imagem no vídeo ou vice-versa, conseguem ouvir as palavras no vídeo e ler a imagem juntamente com Lília através do movimento da câmera, conseguem voltar ao texto e ao vídeo quantas vezes desejarem, conseguem salvar ou compartilhar o vídeo e interromper para observar nuances da imagem, dentre outras. São distintas formas de leitura e de percepção do conteúdo, e qualquer delas não exclui as demais. Muito pelo contrário: todas se juntam e permitem que o conteúdo (se o usuário desejar) seja lido mais de uma vez.

O Instagram de Lilia Schwarcz destaca-se pela palavra predominantemente escrita e analítica em textos extensos e marcados por uma linguagem formal, que geram muitas interações e comentários em cada postagem. As palavras são escritas por pontas de dedos e mediadas por aparelhos, mas ainda são corpos que escrevem e comentam essas palavras – o corpo de Lilia Schwarcz e os corpos dos usuários. Se, por um lado, as palavras por vezes aparecem simplificadas nos comentários como um traço da instantaneidade e da celeridade da mídia terciária, grande parte delas se exhibe em vestes elaboradas que seguem o mesmo estilo ditado pela professora. A escrita demanda leitura que, nessa paisagem, pode ocorrer de variadas maneiras, desde uma leitura linear encorajada pela forma como a palavra da professora se apresenta até uma leitura circular encorajada pelo ambiente e pela apresentação dos conteúdos com múltiplas linguagens, lembrando que todas elas podem se dar conjuntamente, na medida em que são corpos que leem e interagem entre si, trazendo para esse espaço os aprendizados pregressos. As experiências propiciadas pela palavra em conjunto com o ambiente são variadas e se traduzem sobretudo numa paisagem de palavras, que cria uma temporalidade de leitura e de mais palavras.

3.2 Uma paisagem da análise crítica

A escrita é um gesto pausado para quem escreve, porque as regras ortográficas impõem intervalos e interrupções em vários lugares do texto, que impelem o escritor a “tomar ar” e levam à contemplação, segundo Vilém Flusser (2010). Por outro lado, para quem lê, a escrita demanda decifração, que igualmente pede lentidão (Baitello, 2014). Em vista disso, um espaço da palavra escrita produz um ambiente lento e duradouro.

Um ducto de escrever ininterrupto, contudo, não é possível, mesmo depois da superação do freio objetivo e material do escrever. As regras ortográficas (sejam lógicas ou sintáticas, ou de acordo com o alfabeto, fonéticas ou musicais) são “cálculos”, quer dizer, elas exigem espaços entre os sinais. Esses espaços são obrigatórios entre as palavras, as frases, os parágrafos e os capítulos. O gesto de escrever é “staccato”, porque o próprio código escrito é granular (“distintivo”) (Flusser, 2010, p. 39).

Mas o que acontece num ambiente de instantaneidade e de fugacidade como o das redes sociais? Na mídia terciária, o tempo é acelerado e afeta a decifração, conforme Baitello:

Enquanto o tempo da mídia primária, que é presencial, é o tempo do aqui e agora; enquanto tempo e espaço criam a presença e o presente, condições indispensáveis para a comunicação primária, e enquanto na mídia secundária o tempo se torna mais lento, na mídia terciária esse tempo se acelera vertiginosamente (2014, p. 48).

Segundo o autor, a escrita e a leitura são instâncias devoradoras. “Quem escreve já devorou outras escritas e quem lê devora a realidade transformada em linha de escrita” (Baitello, 2010, p. 41). A palavra devorar, de acordo com Baitello, advém do Movimento Antropofágico liderado por Oswald de Andrade⁶⁴, que propunha consumir os conteúdos sem se subjugar, recusando “a passividade e a acomodação bem comportadas [sic]” (Baitello, 2010, p. 33). A escrita e a leitura, então, são por si só gestos devoradores que, se praticados com lentidão, permitem o diálogo do leitor consigo mesmo e o pensamento crítico e reflexivo. Como o tempo lento desaparece na mídia terciária, somos devorados pelas imagens e pelas palavras que não deciframos e, assim, alimentamos a produção exponencial de mais imagens e palavras, conforme Baitello e sua teoria da iconofagia (2014).

Nas redes sociais, os estímulos são incontáveis e facilitam a dispersão. Os usuários são continuamente bombardeados com novas informações digeridas apressadamente. O próprio Instagram é um aplicativo para a produção de conteúdos curtos e de rápido consumo. O aplicativo é usado essencialmente em dispositivos móveis que nunca desligam e que carregamos como extensões do corpo para todos os lugares. As informações ficam disponíveis a qualquer tempo e frequentemente interrompem nosso dia a dia e nossa vida. A forma como a palavra é desenhada no Instagram de Lilia Schwarcz aparentemente difere dessa temporalidade. Os conteúdos são trazidos por meio de análises e informações que, segundo a professora, são “de alguma maneira contextualizadas” (Schwarcz, 2022b), e abordam notícias e imagens em destaque na mídia. A palavra analítica é usada nos formatos oral e escrito. O formato escrito é preponderante no perfil e aparece em textos extensos, com muitos caracteres e uma linguagem formal e, por mais acessível e direta que seja a escrita, estão longe de ser rasos. Como corolário, são

⁶⁴ Poeta, escritor, ensaísta e dramaturgo brasileiro (1890-1954).

textos que reivindicam a princípio uma experiência de escrita e de leitura mais duradoura, ainda que minimamente.

Nesse sentido, sem perder de vista que Lilia Schwarcz possui um ritmo intenso e praticamente diário de produção de conteúdo que alimenta os algoritmos e sua visibilidade na rede, as publicações possuem um tempo de entrega diferente do tempo dos meios de comunicação tradicionais. A professora não atua como mídia no sentido de analisar em primeira mão a notícia ou a imagem. Aqui, vale recuperar a entrevista de Lilia Schwarcz para o *podcast* “Uma Estrangeira”⁶⁵, na qual afirma que, no início de sua atuação no Instagram, ela se preocupava em entregar os conteúdos tão logo eram divulgados na mídia e que, no transcorrer do processo, passou a fazê-lo sem pressa, porque entendeu que poderia entregar conteúdos com mais qualidade. Com efeito, os temas são comumente trazidos passado um tempo de sua exibição na mídia, como o *post* XP, que foi publicado no dia seguinte à viralização da foto na rede – tanto que a imagem nem constava mais do perfil original. Já o *post* Afeganistão data de 27 de agosto de 2021, enquanto a foto analisada é do dia 15 – lembramos que o texto foi escrito em outro aplicativo e a professora pode tê-lo feito em um dia, efetuado revisões e ajustes em outro e publicado em momento completamente distinto. O tempo de entrega dos conteúdos evoca de relance o tempo da mídia secundária, particularmente dos jornais impressos (hoje cada vez mais raros) antes do advento da *internet*, que traziam as notícias e chegavam aos leitores no dia seguinte aos fatos. Por fim, o emprego da linguagem formal e os textos longos requerem esforço, coerência e estruturação das palavras, o que igualmente concorre para um tempo diferenciado da escrita, além de permitir que na decifração sejam percorridos sequencialmente, de uma só vez ou em blocos de leitura.

Do ponto de vista dos usuários, encontramos um público com disponibilidade para a palavra e para a leitura. De fato, são usuários que leem os *posts* e as palavras de Lilia Schwarcz, leem os comentários dos demais seguidores e ainda acompanham os desdobramentos dos temas dentro e fora da rede social. E não ficam só nisso, porque comentam (recorde-se do significativo número de comentários por *post*) e muitas vezes criticam os conteúdos, trazendo outras perspectivas e análises acerca dos assuntos apresentados. Como afirma Lilia

⁶⁵ Disponível em <https://youtu.be/MCoymQQVMUw>. Acesso em: 08 fev. 2023.

Schwarcz em entrevista à *BRZ Content*, em outubro de 2020⁶⁶, “as pessoas que me seguem não são simplistas”, são “participativas” e “muito críticas” (Schwarcz, 2020a). Por último, encontramos também comentários de usuários que afirmam aprender e refletir a partir dos conteúdos do perfil, atributos que indicam uma experiência de leitura mais dilatada e profunda.

Eu percebi um fenômeno muito interessante no Instagram, porque tenho um grupo fiel – fiel que eu digo não somente de pessoas que me apoiam, mas que me seguem, fazem sugestões e discutem comigo.
(...) Eu tentei transformar o meu Instagram em um ambiente de diálogo: São pessoas que vêm em busca de conteúdo, são pessoas participativas, o nível dos comentários é muito alto. São extremamente carinhosas, mas também muito críticas (Schwarcz, 2020a).

Vejamos o *post* de 02 de agosto de 2020 sobre o filme *Black is King*, da cantora norte-americana Beyoncé (doravante *post* Beyoncé). Antes, devemos entender que *Black is King* é um filme e igualmente um álbum visual, inspirado nas músicas de *Lion King: The Gift*, lançadas para a nova versão do longa-metragem *O Rei Leão*, da Disney. Muito embora Lilia Schwarcz se refira ao álbum visual, o que de fato ela analisa no *post* Beyoncé é o filme, divulgado mundialmente em 31 de julho de 2020 com exclusividade para a plataforma de *streaming* Disney+.

A análise do filme foi escrita originalmente por Lilia Schwarcz para uma coluna do jornal *Folha de S. Paulo*⁶⁷ (Schwarcz, 2020b) e publicada no mesmo dia do *post* Beyoncé. O texto do jornal é mais extenso e completo que o recorte do Instagram, e o título e o subtítulo da matéria, segundo Lilia, são de autoria da *Folha*. Na versão original, encontramos em maior número as críticas positivas e elogiosas ao filme, excluídas do apanhado trazido para a rede social. É, pois, um conteúdo transmídia, apresentado em diversas plataformas – no caso, o jornal (impresso e digital) e o Instagram. O conteúdo transmídia utiliza mídias diversas para transmitir a mesma mensagem, pressupondo adaptações no conteúdo e na linguagem de uma mídia para outra. Ao trazer a análise do filme para o Instagram, Lilia Schwarcz teve que sumarizar a escrita, até para se adequar ao limite máximo de caracteres imposto pela plataforma, mas no final do texto avisa que a matéria completa pode ser encontrada no caderno Ilustrada da *Folha de S. Paulo*.

⁶⁶ Disponível em <https://www.brzcontent.com.br/entrevista-lilia-schwarcz-analisa-o-carater-antagonico-das-redes-sociais/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

⁶⁷ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/filme-de-beyonce-erra-aoglamorizar-negritude-com-estampa-de-oncinha.shtml>. Acesso em: 02 jul.2023.

O *post* Beyoncé analisa um tema em evidência, superexposto e comentado na mídia nos dias que antecederam à postagem. Na escrita direta e formal, Lilia Schwarcz diz que Beyoncé retoma a clássica história de Hamlet, personagem de Shakespeare, ambientando-a no continente africano. Em seguida, compara a versão de Shakespeare com a versão da Disney do *O Rei Leão*, na qual se baseiam o álbum e o filme de Beyoncé, e afirma que a cantora subverte a narrativa: “Simba vira um menino negro que procura por suas raízes para conseguir sobreviver no mundo racista norte-americano de 2020”. A professora termina o texto questionando a representatividade do filme que, segundo ela, mostra uma “África isolada e perdida no mundo com muitos leopardos e oncinhas”.

Embora o *post* Beyoncé tenha sido publicado dois dias depois do lançamento do filme e, portanto, com uma temporalidade distinta do fato, ao que parece Lilia Schwarcz teve dificuldade na transposição do conteúdo para a rede social. A resenha do Instagram cortou grande parte dos argumentos e das críticas constantes do original; talvez Lilia tenha se estendido demasiadamente na explanação acerca das diferenças das versões de Shakespeare e perdido o fôlego no restante da escrita. Há uma ruptura abrupta na concatenação dos argumentos e na linha de raciocínio, porque Lilia diz que Beyoncé subverte a narrativa e não explica como, limitando-se a afirmar que Simba vira um menino negro “no mundo racista norte-americano de 2020”. Ao mesmo tempo, ela opta por reproduzir quase por inteiro o desfecho (aquele no qual diz a Beyoncé para sair de sua sala de estar) do artigo da *Folha*, que, posteriormente, reconhece como de cunho irônico. O *post* Beyoncé teve 5.635 comentários.

Figura 16 – *Post* Beyoncé



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023).

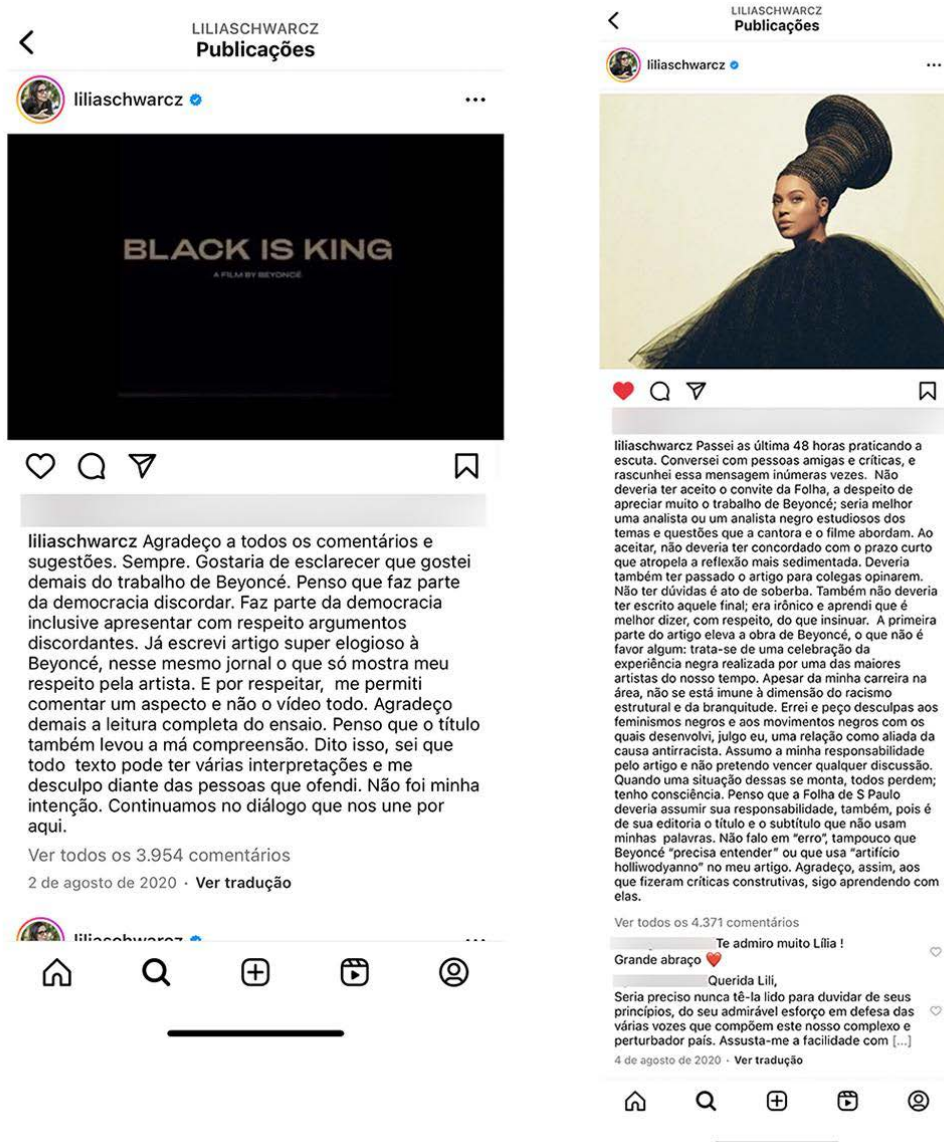
Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CDZezhCn08g/?igshid=MjkzY2Y1YTY=>.

Acesso em: 15 fev. 2023.

As palavras de Lilia Schwarcz geraram ampla repercussão, dentro e fora da rede social. O episódio alcançou o Twitter, onde protagonizou uma controvérsia entre os apoiadores de Beyoncé e os de Lilia, conforme Prado, Allegretti e Giovannini (2021), num comportamento típico de fãs. A comoção foi tamanha que a professora fez mais duas publicações. Na primeira, ocorrida no mesmo dia, ela se retrata genericamente, e na segunda, dois dias depois, assume a responsabilidade pelo artigo, reconhece o erro e enumera os equívocos cometidos. Ambas as postagens se somam à reverberação anterior e produzem, respectivamente, 3954 e 4371 comentários. O episódio fez com que Lilia Schwarcz, conhecida defensora antirracista pelo conjunto de sua obra acadêmica, fosse acusada de racismo estrutural e levou ao seu cancelamento. O cancelamento é “mais do que um ato pontual ou individual, é um linchamento virtual coletivo, que substitui o debate argumentativo por um ataque pessoal a quem proferiu o posicionamento controverso” (Prado; Allegretti; Giovannini, 2021, p. 249). Como as publicações estão interligadas e os comentários se amalgamam (usuários comentam sobre a retratação no *post* da crítica), consideramos as três como uma (todas designadas como *post* Beyoncé) para análise dos conteúdos.

Figura 17 e 18 – Retratações de Lilia Schwarcz



Fonte: capturas de telas do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponíveis em <https://www.instagram.com/p/CDZ9WEKH5aH/?igshid=MjkzY2Y1YTY=> e <https://www.instagram.com/p/CDND7OnkC/?igshid=MjkzY2Y1YTY=>. Acesso em: 15 fev. 2023.

O *post* Beyoncé abrange o conteúdo de duas mídias distintas, numerosas críticas e reverberações, inclusive em outros ambientes. A maioria do público do perfil de Lilia Schwarcz não aparenta ser formada de “funcionários” (Flusser, 2019) – ou seja, meros apertadores de teclas e sujeitos que não pensam por si próprios e, por isso, se contentam em apenas consumir os conteúdos e deixar *likes* e *emojis*. Nesse caso específico, muitos leram o *post* Beyoncé, o artigo da *Folha de S. Paulo* e

os comentários dos demais seguidores, acompanharam os desdobramentos do episódio, comentaram, criticaram a resenha do Instagram e a concepção de Lilia Schwarcz sobre o filme e refletiram a respeito.

Realmente, os usuários sinalizam que leram o *post* Beyoncé porque trazem comentários ora mencionando, ora desaprovando passagens específicas do texto. É bem verdade que muitos desses comentários são de cunho agressivo, com ataques pessoais à Lilia Schwarcz, xingamentos, insultos e impropérios de toda natureza. Entretanto, existem diversos outros comentários educados, que interpelam a professora sobre outras perspectivas de lidar com o tema – a maioria questiona seu “lugar de fala” por não ser negra. Nesse sentido, o comentário da usuária “K” afirma que um dos erros de profissionais como Lilia é “acreditar que possui lugar de fala para tudo”; ela finaliza com um educado “puxão de orelha” na professora: “às vezes é preciso sair um pouco do discurso acadêmico e simplesmente olhar para o que está acontecendo ao seu redor”. Na mesma linha crítica, destaca-se o comentário da usuária “L”, que chama a atenção da professora para a responsabilidade do gesto da escrita diante da repercussão das palavras – e, acrescentamos, especialmente no ambiente das redes. A mídia terciária é a da capilaridade eólica, o que faz com que na *internet* as palavras se propaguem rapidamente. A escala em que atuam hoje nesse espaço tem dimensão e penetração “nunca sonhadas anteriormente”, conforme Baitello (2014, p. 76). A própria Lilia Schwarcz, em entrevista à autora, reconhece que “a palavra tem um papel multiplicador nas redes sociais, tanto para o bem quanto para o mal” (Schwarcz, 2022b). Em decorrência disso, o cuidado com a escolha das palavras e com a escrita precisa ser redobrado, especialmente por parte daqueles que falam para muitos, como a professora; afinal, como disse José Saramago (2010, p. 215), “somos as palavras que usamos”.

USUÁRIA K. Respeito o seu trabalho Lília e inclusive estou lendo um de seus livros agora. Eu admiro a forma de trazer diálogos e viabilizar debates fora de ambientes acadêmicos, os tornando mais mais [sic] acessível. No entanto, acredito que um erro comum entre profissionais com a sua trajetória é acreditar que possui lugar de fala para tudo. As vezes é preciso sair um pouco do discurso acadêmico e simplesmente olhar para o que está acontecendo ao seu redor (o que você fazia muito bem) para poder entender que as vezes mesmo com tantos méritos simplesmente aquele não é o seu lugar de fala, acredito que acima de tudo você como antropóloga deveria refletir sobre isso.

(Disponível em:

<https://www.instagram.com/p/CDZezhCn08g/?igshid=MjkzY2Y1YTY=>.

Acesso em: 15 fev.2023).

USUÁRIA L. Cara Lilia, todos temos responsabilidade sobre o que escrevemos, principalmente quando conhecemos o tamanho da repercussão da nossa letra. Independente de quem faz o convite, é o dono da pena aquele que deve responder pelo pensamento traduzido. Sem dúvida, reconhecer o erro é importante. Ético, no entanto, é evitá-lo. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDeND7OnkC/?igshid=MjkzY2Y1YTY=>. Acesso em: 15 fev.2023).

Além do texto do *post*, nos deparamos com usuários que afirmam ter lido também o artigo completo da *Folha de S. Paulo*; nesse contexto, houve quem criticasse a síntese feita por Lilia Schwarcz para o Instagram e apontasse que o recorte prejudicou a compreensão das palavras e da análise, como as usuárias “M” e “N”, abaixo, que, respectivamente, censuram: “o resumo do insta realmente não favorece” e “essa chamada não diz respeito ao que ele [o texto do jornal]⁶⁸ é”. Referidas usuárias não ficam apenas na leitura do *post* do Instagram e vão atrás do artigo completo do jornal. Elas leram os dois textos e cruzaram as informações antes de criticarem o *post* da professora. Ao conectar palavras de textos diversos, as usuárias “M” e “N” dispensam um tempo mais longo para a decifração e para a contemplação do conteúdo das duas mídias.

USUÁRIA M. Lendo primeiro no insta e depois na Folha a matéria, notei uma grande diferença. O Resumo do insta realmente não favorece, mas tudo se explica melhor na matéria completa!

USUÁRIA N. Poxa, Lilia. Acabei de ler o seu texto e essa chamada não diz respeito ao que ele é. Sim, é um texto em grande parte elogioso e a sua crítica, a meu ver, parecia mais um temor de que o vídeo não representasse a juventude e a população negra atual, por fazer referência a uma ideia de África ainda na visão do colonizador (selvageria). Achei infeliz o tom do comentário de mandá-la sair de sua sala de estar, porque ela fez isso. Ela foi lá, ela trabalhou com pessoal de lá, ela está dando visibilidade a essas pessoas. O retorno é dela também e, acredito eu, que qualquer referência ofensiva ao povo africano não passaria despercebida pelos próprios artistas e produtores do filme, também africanos. Enfim, tirando essa parte, que particularmente achei desrespeitosa ao esforço dela (acho que você poderia ter falado desse olhar do colonizador com menos deboche, mas não do “sair da sala de estar”, que fique certo isso, ok?) o seu texto faz uma análise bem legal. (Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CDZezhCn08g/?igshid=MjkzY2Y1YTY=>. Acesso em: 15 fev.2023).

No total, as três publicações (original e retratações) somam 13.960 comentários. O espaço das redes sociais é o da proximidade, onde iguais se

⁶⁸ Observação entre colchetes da autora.

encontram (Han, 2017) – lembremos do universo das bolhas de Pariser (2012). Um ambiente povoado de ideias e convicções congêneres é um lugar confortável e convidativo, que aumenta a chance de os usuários comentarem as postagens, talvez para reforçar “um sentimento tribal de pertencimento” (Baitello, 2019b, p. 92). Some-se a isso o fato de que Lilia Schwarcz traz conteúdos em evidência, que movimentam os algoritmos e dão visibilidade aos *posts* e sobre os quais os usuários já possuem determinado repertório, dado que possivelmente viram, leram ou escutaram a respeito dos temas em outras mídias. A despeito disso, grande parte dos comentários no perfil de Lilia Schwarcz não é composta de simples comentários. No *post* Beyoncé, por exemplo, existem usuários que dizem que leram as críticas e os comentários dos demais e que refletiram sobre o conteúdo e as discussões suscitadas a partir dele. É impossível afirmar que alguém tenha tomado conhecimento de todos os 13.960 comentários – na verdade um trabalho hercúleo –, mas é provável que os usuários tenham lido uma parcela significativa deles; a própria autora acompanhou e leu muitos desses comentários à época do ocorrido.

Nesse particular, o usuário “O” relata que leu e releu o texto e os comentários e agradece a Lilia Schwarcz pelo texto e “a todos os críticos dele porque promoveram um debate que proporcionou reflexões muito interessantes especialmente sobre o lugar de fala”. A usuária “P”, que se diz professora de História da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde “os estudos sobre africanidade são maioria nas ciências sociais”, afirma que ficou impactada com o caso e que “todo o fato gerado em torno do seu textos [sic], as críticas, sua autocrítica, assim como a autocrítica de muitos” serviram para reflexão de sua parte, e conclui afirmando que o episódio foi um “divisor de águas” no seu pensamento.

USUÁRIO O. Eu li o texto e não interpretei da mesma forma. Achei que não casou a crítica do texto com a minha interpretação. Então li e reli o texto e os comentários. Por que é um homem branco lendo um texto de uma mulher branca? Bem provável. Agradeço a @liliaschwarcz pelo texto e a todos os críticos dele porque promoveram um debate que proporcionou reflexões muito interessantes especialmente sobre o lugar de fala. A expressão (verbal, escrita, visual,...) de qualquer forma é uma tarefa delicada e muito árdua. Nunca sabemos onde o sapato aperta nos pés do outro e como vai doer. Independente da intenção da autora e respeitando a dor de quem se sentiu ofendido, minha gratidão.

USUÁRIA P. @liliaschwarcz, você não sabe quanto impactada fiquei com este caso. Sou professora de História, com formação pela Ufba, local onde os estudos sobre africanidade são maioria nas ciências sociais. Numa época onde “lugar de fala” se quer [sic] era uma expressão, eu já tinha

consciência de que não deveria seguir o caminho sobre tais temáticas. Todo o fato gerado em torno do seu textos [sic], as críticas, sua autocrítica, assim como a autocrítica de muitos, servidão [sic] para muita reflexão da minha parte e são tantas que aqui não caberiam. Te garanto, foi um fato divisor de águas no meu pensamento. Agradeço não somente a você, mas a todos que aqui trouxeram palavras e escrita de reflexão embasada no respeito, pois é isso que queremos, qualquer ser humano que queira de fato um mundo melhor, precisa fazer isso através do respeito. (Disponível em <https://www.instagram.com/p/CDeND7OnekC/?igshid=MjkzY2Y1YTY=>. Acesso em: 15 fev.2023).

Da mesma forma que os usuários acima, encontramos outros que declaram ter acompanhado o episódio de forma reflexiva. Como já referido, os textos da professora são longos e densos para uma mídia social, além de apresentarem conteúdos por meio de análises, em função do que pedem outro tipo de leitura, quiçá mais vigilante e demorada. Ao que parece, a palavra escrita e analítica de Lilia Schwarcz acrescenta uma temporalidade distinta de leitura, que talvez contribua para o aprofundamento dos temas. Mas não é só isso. Nas redes, a escrita é mais direta e acessível, e, somada à capilaridade da mídia terciária, possui um alcance que democratiza o acesso aos conteúdos. Logo, os usuários que possuem disponibilidade para a leitura têm à sua disposição uma gama de diferentes perspectivas nos comentários dos *posts*, especialmente num perfil como o de Lilia, em que os comentários são críticos, afora o acesso a outros perfis da própria rede, o que amplia a possibilidade de construção do senso crítico. Devemos considerar ainda que Lilia Schwarcz traz uma curadoria de notícias e de imagens. Os usuários, um “público fiel”, como diz a professora, declaram que entram no perfil “para saber o que precisam saber” (Schwarcz, 2021a), possivelmente motivados, diante da enxurrada de informações da mídia, pelas análises que trazem informações contextualizadas. No fundo, são corpos, e corpos são predispostos a favorecer aqueles ambientes que suprem suas carências e fragilidades (Baitello, 2008); então, desde logo chegam direcionados, interessados e com disposição para ler, aprender e, por ser um espaço de palavras, explorar e refletir acerca dos conteúdos com os quais se deparam. A portabilidade da palavra igualmente ajuda, porque o Instagram é usado primordialmente em dispositivos móveis que carregamos para todos os lugares, de modo que os temas podem ser discutidos dentro e fora da rede social. O *post* Beyoncé foi debatido em outros perfis, artigos de jornal de acadêmicos e intelectuais do movimento negro, discussões no Twitter e quem sabe até em mesas de bar, restaurantes, salas de aula e outros espaços. A própria Lilia Schwarcz relata

que foi afetada; em entrevista para a *Revista Revestrés*, em dezembro de 2022⁶⁹, ela diz que tentou transformar o episódio “num fenômeno de autoconhecimento e de conhecimento do outro” (Schwarcz, 2023a).

Eventualmente, poder-se-ia argumentar que o *post* Beyoncé gerou esse impacto todo, as críticas e as reflexões por ser um conteúdo transmídia, impulsionado em mídias distintas (jornal e Instagram), ou por analisar uma imagem superexposta – o filme *Black is King* – de uma cantora com grande alcance de público e fortemente ligada aos movimentos negros femininos. Tais fatores podem efetivamente ter contribuído para a repercussão do *post* Beyoncé, porém encontramos no perfil de Lilia Schwarcz usuários que dizem aprender e refletir a partir de outros conteúdos e publicações, o que sugere não ser esse um episódio isolado.

A título de exemplo, o *post* de 19 de janeiro de 2023 sobre uma fotografia da fotojornalista Gabriela Biló, publicada no mesmo dia na capa do jornal *Folha de S. Paulo* (doravante *post* Folha), que traz uma imagem do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva sobreposta a uma vidraça estilhaçada, alvo do vandalismo de 08 de janeiro às sedes dos três poderes em Brasília (DF). A imagem foi feita com a técnica de dupla exposição na própria câmera e, abaixo dela, consta uma legenda em letras miúdas que diz: “Foto feita com múltipla exposição mostra Lula ajeitando a gravata e vidro avariado em ataque”. Ao lado da foto e com letras maiores, a frase: “No foco de Lula, presença militar no Planalto é recorde”. Na postagem, Lilia Schwarcz traz uma foto por inteiro da capa do jornal, mostrando o contexto em que a imagem foi publicada, com a seguinte provocação: “Para que servem as imagens?: ‘trucagem’ ou compromisso com a informação?”. É possível que tenha transcorrido um intervalo de tempo entre o recebimento do jornal e a publicação, já que jornais impressos, como o da imagem publicada pela professora, são normalmente entregues nas primeiras horas do dia. Ou, ainda, que a professora tenha tomado conhecimento da imagem pelo perfil da fotojornalista Gabriela Biló, que publicou a foto um dia antes de ela estampar a capa da *Folha de S. Paulo*.

Figura 19 – *Post* Folha

⁶⁹ Disponível em: <https://revistarevestres.com.br/entrevista/quem-disser-que-sabe-o-que-vai-acontecer-no-brasil-mente/>. Acesso em: 03 jun. 2023.



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CnmWGUrOgey/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 10 jun. 2023.

A escrita de Lilia Schwarcz é formal e está dividida em parágrafos, tal como o *post* Afeganistão. O texto aponta inicialmente para elementos da imagem que, segundo ela, revelam a fragilidade do presidente e um “tiro” que ressoa o suicídio de Getúlio Vargas. A análise pretende mostrar que a *Folha de S. Paulo* usa da imagem como um artifício midiático para vender jornal e argumenta que a foto não pode ser destacada do contexto que envolve a tentativa golpista do 08 de janeiro. O *post* Folha teve 2.611 comentários e, assim como o *post* Beyoncé, causou impacto com diversos compartilhamentos e inúmeras discussões sobre a ética na produção da

foto e sobre a linha editorial do jornal. Discutiremos em detalhes esse *post* no próximo tópico; por ora, nos interessa trazer os comentários dos usuários “Q” e “R” abaixo.

USUÁRIA Q. Antes de ver o seu texto, apareceu no meu Feed a fotografia explicando como fez a foto, curti e achei interessante a técnica. Entretanto, ali mostrava a imagem, fora do contexto em que foi aplicada, ou seja, para mim a foto tinha alguma relação com a depredação feita em Brasília. Só vi a imagem no contexto aqui, imagem e texto, nesse momento minha relação com a foto com a foto se transformou, antes mesmo de ler o seu texto, que traz aspectos da história, afinal essa é a sua área de pesquisa. E você tem razão, texto e imagem comunicam. O texto fala da presença de militares no Planalto e a foto, nesse contexto, aparece como uma bala atingindo o vidro e a possibilidade de acertar o coração de Lula. Na capa do jornal, com o texto ao lado sai do contexto da depredação de Brasília, embora teriam [sic] relação. Li por aqui que você ataca a fotografia, mas fotojornalismo tem uma responsabilidade imensa. Cabe saber o quanto das subjetividades da fotografia estão presentes na foto, mas, sobretudo, qual foi a pauta do jornal. Não existe neutralidade jornalística, e o posicionamento da Folha é notório. Não me prestaria a ler uma matéria como essa, e lamento ver como nosso jornalismo tem se comportado mesmo depois desses últimos quatro anos de ataques à imprensa e à liberdade de expressão. (Disponível em: https://www.instagram.com/p/CnmWGUrOgey/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 10 jun. 2023).

A usuária “Q” diz que teve acesso à foto inicialmente no perfil da fotógrafa Gabriela Biló; porém, depois que viu a imagem em contexto com o escrito do jornal no perfil de Lilia Schwarcz, sua relação com a foto “se transformou”. O fato de Lilia apresentar a análise com a capa do jornal por inteiro permite que a usuária reflita sobre o contexto no qual a imagem foi exposta pelo jornal. A usuária então associa a foto e a “bala atingindo o vidro” com o texto da capa do jornal que fala “da presença de militares no Planalto”, enquanto a análise da professora fala apenas na vidraça estilhaçada e no tiro do suicídio de Getúlio Vargas. Aliás, na mesma publicação, encontramos também o comentário do usuário “R”, que declara que “estava esperando” a resenha da professora sobre a foto, o que mostra o asseverado de que muitos leitores do perfil aguardam pela curadoria e pela análise da professora sobre as notícias e as imagens em destaque na mídia.

USUÁRIO R. Comentei com amigos que estava esperando sua resenha sobre essa foto pra depois discutir a semiótica da razão com eles... não me decepcionastes @liliaschwarcz !!! Parabéns pelo texto! Me sinto contemplado!!! (Disponível em: https://www.instagram.com/p/CnmWGUrOgey/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 10 jun. 2023).

Assim, se no ambiente digital predominam conteúdos fugidios, o formato escrito e analítico da palavra no Instagram de Lilia Schwarcz favorece uma temporalidade diferenciada para a escrita e para a leitura, que aparentemente permite o aprofundamento dos conteúdos. No perfil, os usuários não apenas leem e comentam, mas também criticam e refletem. As redes sociais democratizam o acesso às informações (verídicas e *fake news*) ao mesmo tempo que multiplicam o poder das palavras em virtude da capilaridade e do alcance dessa mídia. Os conteúdos são consumidos em dispositivos móveis que favorecem a portabilidade das palavras para outros ambientes e distintas temporalidades e os usuários do perfil de Lilia Schwarcz demonstram que acompanham os desdobramentos dos temas postados dentro e fora da rede. Lilia Schwarcz analisa temas em evidência na mídia que talvez por si só causem impacto, mas seus leitores mostram que esperam pela curadoria e pela análise específica da professora a respeito, com aparente predisposição para ler e refletir. Acima de tudo, é uma paisagem de palavras analíticas e críticas de ambos os lados, da professora e dos usuários.

3.3 Uma paisagem da porosidade

A escrita exige o cifrar e o decifrar. A palavra “cifra” origina-se do árabe *sifr*, que significa vazio, de onde advém também a palavra “zero”, conforme Vilém Flusser (2010). Segundo o autor, quem escreve devora escritos de outros como leitor, mas também devora seus próprios escritos durante o gesto de escrever e, assim, aprende a decifração a partir da cifração. “O que resta são recipientes vazios. A palavra ‘cifra’ ganha de volta seu sentido original de deserto, quando sabemos que, ao escrever, nós sinalizamos vazios genuínos” (Flusser, 2010, p. 143). No digital, as imagens e palavras são abstrações de pontos, “uma fórmula, um cálculo, um algoritmo” (Baitello, 2010, p. 54). Logo, esse é um ambiente de desertos e vazios, cuja paisagem, “com sua extrema secura, exige que o indivíduo nunca esteja só, mas que exista e aja em tribos” conforme Baitello (2012, p. 67) ao citar Tetsuro Watsuji. Nas redes sociais, as conexões são mediadas por aparatos que afastam fisicamente os corpos e, nesse ambiente desértico, sem corporeidade e nulodimensional (Flusser, 2019), as pessoas procuram tribos de iguais para se relacionar, impulsionando e sendo impulsionadas pelo próprio ambiente com o auxílio de algoritmos que criam bolhas de universos exclusivos. “A lógica da

organização da chamada mídia social reúne pessoas pelos critérios da similaridade, não da diversidade” (Baitello, 2019b, p. 91). Em um ambiente de iguais, os indivíduos se sentem confortáveis para participar e, num espaço de palavras como o perfil de Lilia Schwarcz, se sentem convidados a comentar.

No Instagram da professora, a palavra não é uníssona e tecida em um único sentido, pois encontramos críticas e debates. Como antes evidenciado, as palavras escritas criam uma temporalidade de leitura e produzem outras palavras. Dado que são palavras escritas analíticas e críticas, que se amparam em informações contextualizadas como diz a professora, os usuários aparentemente se sentem estimulados a igualmente analisar, criticar e debater. Deparamo-nos com debates dialógicos e civilizados no perfil, talvez estimulados pela forma crítica e analítica com a qual a professora aborda os conteúdos e pela forma como ela responde aos usuários que divergem de suas análises, sempre direta e educadamente. Os debates se manifestam entre a professora e os usuários, assim como entre os próprios usuários. Nesse contexto, Lilia Schwarcz entende o Instagram como “uma rede mais *friendly*”, onde se forma “uma rede de trocas” (Schwarcz, 2022b), e diz que tentou transformar o seu perfil “em um ambiente de diálogo” (Schwarcz, 2020a).

Ainda assim, não é um espaço exclusivamente dialógico, porque também existem críticas e debates encolerizados, fomentados pela polarização de afetos, como no *post* Beyoncé. Nesse ambiente, a descarga de afetos é imediata (Han, 2018) em virtude da instantaneidade da mídia terciária; não existe o tempo lento da mídia secundária que possibilita o apaziguamento dos ânimos – o tempo na redação de uma carta de outrora, por exemplo. Por outro lado, os códigos culturais, principalmente os ocidentais, têm uma estrutura binária intrínseca, organizada em polaridades que constantemente são assimétricas pela valorização de um dos polos (o negativo) em detrimento do outro, segundo o teórico Ivan Bystrina (1924-2004)⁷⁰. A própria escrita de Lilia Schwarcz se manifesta com um viés subjetivo e político de identificação e valorização de um dos polos (esquerda). Ocorre que, nas redes, os usuários se sentem protegidos pelo distanciamento imposto por aparatos e telas, e, com frequência, por identidades incógnitas e fictícias, o que gera comportamentos agressivos. Aliás, o ambiente em si é permissivo com a discórdia e com tais

⁷⁰ Conforme as aulas da disciplina “Semiótica da Cultura: as ciências da cultura de Aby Warburg”, ministradas pelo professor Norval Baitello Junior, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP.

comportamentos, que são explorados e impulsionados por algoritmos, conforme denunciado por Max Fischer⁷¹ no livro *A máquina do caos* (2023).

A palavra, portanto, é permeável e atravessada pelo ambiente de palavras críticas e analíticas que se traduzem em debates civilizados e em debates encolerizados. O *post* Folha é um exemplo: de um lado, os que defendem a fotografia Gabriela Biló e o uso da técnica de dupla exposição no fotojornalismo – e, aqui, incluem-se os que atribuem o uso malicioso da imagem ao jornal –, e, de outro, os que atacam a fotografia porque entendem que o fotojornalismo trabalha a partir da realidade dos fatos e a técnica da dupla exposição desloca a imagem para o campo artístico.

Nesse *post*, Lilia Schwarcz foi interpelada por usuários que criticam a interpretação semiótica da imagem porque não veem a fragilidade e o “tiro” no coração do presidente apontados por ela e por usuários que entendem o texto como um facilitador para o “linchamento virtual da fotógrafa”. A usuária “S” foi uma das leitoras que interpretou a análise como um “linchamento”. No comentário de cunho agressivo, ela alerta para o alcance das palavras de Lilia Schwarcz quando diz que o *post* Folha teve 30 mil likes e mais de dois mil comentários e que “o seu texto foi o mais compartilhado para embasar o hate alheio”. Na participação no *podcast* “Inteligência Ltda”⁷², em fevereiro de 2023, a professora diz que foi uma das primeiras a escrever sobre a foto, que depois virou um fenômeno (o cancelamento) com o qual não compactua. Embora a professora não desqualifique a fotografia ou a qualidade da foto, na escrita ela diz que tem “muitas dúvidas” sobre a ética da imagem e, no início do texto, cita o nome da fotojornalista Gabriela Biló como autora. Nas redes, a simples menção ao nome permite a busca do perfil de usuário (lembre-se da ferramenta “explorar” do Instagram) e a pessoa é facilmente encontrada quando emprega seu nome real e por inteiro, como a fotógrafa Gabriela Biló, que se identifica no Instagram por @gabriela.bilo⁷³. Sendo um perfil público e aberto como é o dela, num ambiente que promove a disseminação das palavras e o cancelamento e onde a discórdia é engajada por algoritmos, é o mesmo que acender um pavio de pólvora. Ao mesmo tempo, acaso Lilia Schwarcz publicasse a foto sem a menção da autoria, talvez fosse achacada por violação dos direitos autorais da fotógrafa. Aqui,

⁷¹ Repórter investigativo norte-americano e colunista do jornal *The New York Times*.

⁷² Disponível em: <https://www.youtube.com/live/uBYgPVwLdnM?feature=share>. Acesso em: 14 jul. 2023.

⁷³ Disponível em: <https://www.instagram.com/gabriela.bilo/>. Acesso em 13: jul.2023.

abrimos um parêntese para registrar que a professora já havia analisado outra imagem da fotojornalista Gabriela Biló, que foi publicada na capa da *Folha de S. Paulo* logo após o primeiro turno das eleições para presidente da República, em 05 de outubro de 2022⁷⁴. Naquela ocasião, Lilia Schwarcz não fez qualquer menção no texto ao nome da fotógrafa e igualmente denominou de “trucagem” o emprego da imagem pelo jornal. O *post* precedente teve 1449 comentários e não se iguala à repercussão do *post* Folha, talvez pelo contexto e pelo ambiente no qual a foto foi exposta (pouco depois dos ataques de 08 de janeiro). Na postagem de outubro de 2022, a fotógrafa insurgiu-se contra a crítica da professora e defendeu a foto, o que não se repetiu no *post* Folha, apesar de seu nome ter sido citado no texto e ter sido marcado em inúmeros comentários. Ela preferiu fazê-lo em seu próprio perfil através de duas postagens, efetuadas no mesmo dia da publicação do jornal e do *post* da professora.

USUÁRIA S. E aí, os 30 mil likes é mais de 2 mil comentários tão valendo o linchamento da fotógrafa?

O seu texto foi o mais compartilhado para embasar o hate alheio. Se fosse um fotojornalista homem, será que seria tão fácil escrever esse texto questionando o trabalho dele? Fica a dúvida.

LILIASCHWARCZ [respondendo a usuária “S”] eu não ataquei a fotógrafa. Mas sobretudo a folha. E desculpe. Foi oportunismo. Por vezes discordamos e argumentamos. Hate é outra coisa.

USUÁRIA S. “falta de ética” “brincadeira leviana” “imagem perigosa e nada inocente”

Se isso não é um embasamento para um linchamento virtual eu não sei o que é.

USUÁRIA S. Não vi muita menção sobre a responsabilidade da folha, eu li muito sobre a imagem e quem fez a imagem?

É fácil questionar o trabalho de uma mulher, o coro está sempre aguardando para unir. A internet adora execrar mulheres.

Geni que o diga, a tristeza é quando a pedra vem da mão de outras mulheres.

(Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CnmWGUrOgey/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 10 jun. 2023).

No *post* Folha, Lilia Schwarcz então responde sucintamente à usuária “S”, limitando-se a dizer que não atacou a fotógrafa, e sim o jornal, e conclui: “por vezes discordamos e argumentamos. Hate é outra coisa”. A professora não adentra no mérito da crítica acerca do alcance de suas palavras e do engajamento do *post*. Ao

⁷⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CjVGasyu1Ui/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>. Acesso em 10 jun.2023.

que parece pelo texto, não existiu a intenção de criticar ou desvalorizar o trabalho da fotógrafa, mas as palavras proferidas nas redes sociais por vezes ganham proporções inflamadas ainda que seus autores não queiram. Lembremos que palavras são imagens e, como fórmulas da paixão, mobilizam afetos, para o bem e para o mal; nesse ambiente, produzem efeitos praticamente de imediato diante da instantaneidade, da celeridade e da capilaridade da mídia terciária.

Por outro lado, na mesma postagem, nos deparamos também com um debate bastante cortês entre os usuários “T” e “U”. O usuário “T” educadamente discorda do texto de Lilia Schwarcz e defende o fotojornalismo como expressão artística, argumentando que o veículo no qual a foto foi publicada, segundo ele uma mídia burguesa, traz “outra carga de significados à imagem”. O referido comentário teve 37 respostas, inclusive de Lilia Schwarcz, destacando-se, contudo, o comentário da usuária “U”. Esta usuária contra argumenta que fotojornalismo e arte “são esferas políticas da vida humana” e “contêm suas escolhas” e, a partir daí, ela e o usuário “T” passam a interagir ativa e civilizadamente.

USUÁRIO T. A foto é muito bem feita tecnicamente e conceitualmente e obviamente concordo com o fotojornalismo como forma de expressão artística. Contudo, o que eu vejo é que o veículo onde ela foi publicada traz outra carga de significados à imagem, pois saiu em uma mídia burguesa que historicamente é associada a golpes políticos e que trabalhou na construção do antipetismo e relativa sustentação de uma extrema direita. Portanto, certamente ela teria outras interpretações se tivesse saído na mídiaininja, brasil247, cartacapital ou revista fórum, por exemplo.

LILIA SCHWARCZ (respondendo ao usuário “Q”) penso que teria leitura semelhante. Mas claro que a folha e o contexto pioram tudo.

USUÁRIA U. vixiii, discordo de você porque acho que nem fotojornalismo nem arte são técnicas. São esferas políticas da vida humana e, portanto, contém suas escolhas. Não há neutralidade. A Folha escolheu essa montagem técnica. Acho que o 247, a Carta Capital etc não escolheriam essa foto.

USUÁRIA U. veja os comentários de e⁷⁵ aqui abaixo: a pergunta é “é o momento para isso?”, “Para quê?” A Folha sabe o motivo, talvez a fotojornalista não saiba e esteja ainda leviana sobre o uso. Isso quero acreditar, como sempre diz Flavio Dino.

USUÁRIO T. então, eu concordo contigo que o uso foi ruim, desnecessário e vergonhoso até. Mas a defesa é msm da foto, e não do seu uso. E até msm uma defesa do fotojornalismo enquanto expressão artística. As pessoas estão crucificando a fotógrafa e não acho que isso deveria acontecer. Pq a foto se expressa sozinha ou se contextualizar de forma diferente caso fosse vinculada a outro texto e veículo de comunicação.

⁷⁵ Os nomes dos usuários foram deliberadamente ocultados para preservar suas identidades.

USUÁRIA U. pois é, mas é disso que discordo: a foto não fala sozinha... Neste momento, principalmente, ela não pode ser desconectada de seu contexto social e político. Acho que não é preciso ser agressivo com ninguém, mas é preciso ser muito crítico e duro com o veículo de comunicação e com o Editorial da Folha e devemos sim chamar a atenção da fotógrafa para os caminhos ou descaminhos de uma foto - que nunca é APENAS uma foto.

USUÁRIO T. bom, com a folha eu concordo totalmente a crítica. Inclusive não só por isso, está muito claro o que penso sobre este veículo no meu primeiro comentário. Com a fotógrafa eu já não sei, até pq ela já expressou que sua interpretação está relacionada a uma blindagem ao Lula, apesar dos ataques. Se é análise fotográfica que estamos fazendo, é importante ver que o tiro atinge a um vidro e não a pessoa em si, como está claro na imagem. Neste caso específico a imagem está atrelada a um texto, que sim, seu uso foi intencional pela Folha, de alimentar visões direitistas e fomentar ódio ao governo. Mas os usos que se faz da imagem nem sempre está nas mãos dos fotógrafos, já vimos a deturpação de um subtítulo da @liliaschwarcz neste mesmo jornal. E claro, como disse, a foto poderia ter sido usada em outro contexto e teria outra interpretação. Mas, enfim, não precisamos concordar com tudo é claro rrss foi bom conversarmos e trocar estes ponto [sic] de vistas. Obrigado, abçs!

USUÁRIO T [corrigindo erro de grafia do comentário anterior]. *pontos de vista.

USUÁRIA U. claro, não precisamos concordar, o debate é saudável. Só achei mesmo irresponsável, sabe? A fotógrafa sabe pra quem trabalha e sabe o que a foto pode sugerir... E eu realmente considero um pouco temerário que fotos jornalísticas sejam interpretadas fora do contexto, sabe? Apenas pela foto, pela escolha técnica. Fotojornalismo é jornalismo. E jornalismo tem viés, sempre. A pretensa neutralidade é sempre uma armadilha. Mas foi ótimo poder articular ideias e partilhar. Obrigada também! Abracosy (Disponível em: https://www.instagram.com/p/CnmWGUrOgey/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 10 jun. 2023).

O usuário “T” comenta o *post* Folha e acompanha a reverberação externa do episódio, porquanto demonstra, na conversa com a usuária “U”, conhecer a justificativa da fotojornalista Gabriela Biló para a foto – “com a fotógrafa eu já não sei, até pq ela já expressou que sua interpretação está relacionada a uma blindagem do Lula, apesar dos ataques”. Lembremos que ambos os perfis, tanto o de Lilia Schwarcz quanto o da fotógrafa Gabriela Biló, são públicos e abertos e permitem que qualquer usuário navegue pelos conteúdos.

O intercâmbio de mensagens entre os usuários não se encerra com a postagem. No dia seguinte, a usuária “U” retorna ao perfil de Lilia Schwarcz e compartilha com o usuário “T” um *post* de outra conta do Instagram, a de um fotógrafo que também criticou a imagem. Desconhecemos se o tal fotógrafo leu o *post* de Lilia Schwarcz antes de escrever sobre a imagem. O fato é que a imagem

causou polêmica, foi impulsionada pelas palavras da professora, tomou as redes e foi debatida por diversas pessoas. Os usuários “T” e “U” passam então a interagir novamente: o usuário “T” diz que leu a crítica do fotógrafo e discorda “de muito do que ele falou” e, depois, recomenda que a usuária “U” olhe “a retratação dele pelo modo que se dirigiu à fotógrafa”. Agora, a troca de mensagens ganha contornos mais íntimos em uma identificação de proximidade, afinal, ambos fazem parte da mesma “tribo”, o que se reflete especialmente na linguagem (“nossa já li e conversei tanto sobre isso rrrss”, “nossa, eu gostei, acredita?”, além de se designarem pelo primeiro nome “Raphael” e “Clarissa” em determinado momento)⁷⁶. Mas, como a paisagem dos vazios e do deserto das redes é marcada pelo nomadismo (Baitello, 2010), apesar de integrarem a “tribo” do perfil de Lilia Schwarcz, os usuários “T” e “U” vagueiam pela rede e encontram outras opiniões e críticas (nômades integram várias tribos), acessam palavras na página do fotógrafo e discutem no perfil de Lilia Schwarcz; o usuário “T” pede ainda que a usuária “U” acompanhe o desdobramento da crítica do fotógrafo e a sua retratação. As palavras alcançam outros espaços em um movimento de ir e vir promovido tanto pela disponibilidade de leitura crítica dos usuários quanto pelo próprio ambiente que permite a navegação por outros perfis e contribui para a disseminação dos conteúdos.

USUÁRIA U. Raphael, bom dia! Vi um texto interessante de um outro fotógrafo sobre nossas discussões ontem e achei que valia a pena compartilhar. Espero que ache interessante a leitura! Um abraço!
https://www.instagram.com/p/CnmxE3P0rSs/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==

USUÁRIO T. Oi Clarissa, nossa, já li e conversei tanto sobre isso rrrss mas me passa o perfil do fotógrafo, pois não dá para copiar link aqui.

USUÁRIA U. ah, desculpa, achei que dava! É este, veja: talvez você já o conheça! acho que vale a pena! Não é longo, e ele também é fotógrafo e trabalhou na Folha. Por isso achei interessante o ponto de vista e a análise. Um abraço!

USUÁRIO T. ah sim. Já vi essa publicação dele. Eu o conheço enquanto fotógrafo há algum tempo. Ele está em um reality de fotografia chamado Arte na fotografia, do canal Arte 1. Discordo de muito do que ele falou. Inclusive ele questiona a navegação do fotojornalismo no contexto da arte, achei até muito estranha essa colocação dele.

⁷⁶ Esclareça-se que o usuário “T” se identifica na rede usando apenas três letras seguidas da palavra “fotografias”; então, certamente a usuária “U” foi até o seu perfil, que é aberto, para verificar seu primeiro nome por extenso – ao passo que a usuária “U” usa o próprio nome na identificação.

USUÁRIA U. nossa, eu gostei, acredita? Rsrtrs. Bom, desculpa se incomodei, você disse que já discutiu à exaustão. É que achei interessante compartilhar! Um abraço!

USUÁRIO T. sem problemas, obrigado por compartilhar! Abçs!

USUÁRIO T. depois olha a retratação dele pelo modo que se dirigiu à fotógrafa. Só daí dá para ver que não tinha como gostar do texto todo dele.

USUÁRIA U. obrigada, Raphael! Vou ver lá, mas já estou um pouco como você: acho que rendeu demais, sabe? Já estou tentando pensar em pautas mais propositivas da luta. Força pra gente neste momento difícil!

USUÁRIA U. Inclusive acho que realmente as pessoas estão passando de todos os limites com os comentários, né? Uma coisa é discutir em termos teóricos, técnicos, artísticos, políticos, sociais... Outra são comentários abertamente violentos e agressivos. Horrível... Uma tristeza isso tudo.

(Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CnmWGUrOgey/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 10 jun. 2023).

A troca de mensagens entre os dois usuários traz diversos aspectos levantados anteriormente, como o uso de expressões simplificadas na grafia de apenas algumas palavras (“msm” para mesmo ou “pq” para porque, para citar apenas duas), a leitura dos comentários (se a usuária “U” afirma que “as pessoas estão passando de todos os limites com os comentários”, é porque ela mesma leu muitos deles), o acompanhamento dos desdobramentos em outros espaços (no caso, a crítica no perfil do fotógrafo) e a temporalidade distinta (os dois investem tempo com a troca de mensagens e a usuária “U” ainda retorna no dia seguinte).

Outrossim, apuramos que a permeabilidade das palavras de Lilia Schwarcz se expande também para ambientes externos e ganha força em espaços educacionais, talvez pelo fato de ela ser professora. O *post* de 22 de abril de 2022 (doravante *post* aula), a seguir, é um exemplo. Uma vez mais, Lilia Schwarcz se vale da palavra oral e da palavra escrita por meio de um vídeo não legendado e um texto. O conteúdo de ambos é distinto e a fala não corresponde à escrita. A professora usa de uma capa (*thumbnail*) para o vídeo com o título “invasão de 1500” e a denominação “aula”. O vídeo foi produzido com auxílio de uma equipe da Baioque Conteúdo, cujos nomes constam ao final para as funções de edição de imagem, design, coordenação editorial, diretor de jornalismo e diretora de comunicação. O conteúdo foi produzido para o “Canal da Lili” no YouTube, como consta do início do vídeo, e postado nas duas redes sociais (Instagram e YouTube). O vídeo intercala falas de Lilia Schwarcz

com imagens históricas e teve 380 curtidas e 64 mil visualizações no Instagram, bem superior às oito mil visualizações do YouTube.

Figura 20 – *Post aula*



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/p/Ccp4UXol6lv/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 05 jul.2023.

O *post aula* é, como o próprio nome diz, praticamente uma aula sobre o “descobrimento” – na realidade, invasão – do Brasil pelos portugueses. Nele, numa linguagem direta, acessível e didática, a professora diz que a densidade populacional do país à época da chegada dos europeus era semelhante à da Península Ibérica e que 95% das populações indígenas que viviam na costa foram mortas pelos invasores. Nos comentários, muitos usuários, certamente professores, afirmam que compartilharam o vídeo com seus alunos e usaram o conteúdo em suas aulas.

USUÁRIO V. Gostei muito do vídeo! Já postei no grupo da sala de aula dos meus alunos da primeira série do ensino Médio.

USUÁRIA X. Lilian você é maravilhosa. Utiliso [sic] seus vídeos na sala de aula.

USUÁRIO Z. Sei que meu comentário pode nem chegar aos seus ouvidos, mas estou usando em sala para debater esse tema. A proposta é ótima ❤️.
(Disponível em:
https://www.instagram.com/p/Ccp4UXol6lv/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNWFIZA==. Acesso em: 05 jul.2023).

A aparência de “aula” do vídeo sugere o emprego em salas de aula. A propósito, Lilia Schwarcz possui diversos conteúdos com o mesmo aspecto e designados como “aula” (ela adotou essa designação até 2022). Todavia, não são apenas os conteúdos com formato “aula” que são compartilhados em espaços educacionais. No *post* Afeganistão, um dos usuários comenta: “estou estudando esse seu vídeo para falar com alunos de ensino médio em uma aula de sociologia sobre o uso das [sic] imagens e a construção do oriente”. No *post* XP, um professor afirma: “sempre utilizo seus escritos em minhas aulas no ensino médio”, e outra usuária diz: “salvei. Material para discutir em sala de aula”. E os conteúdos do perfil não são apenas usados em salas de aula, como também em vestibulares. No *post* Folha, uma usuária declara: “não é a toa que em vários vestibulares que eu prestei para universidades públicas esse ano tinham textos seus ou em perguntas (assertativas e dissertativas) ou como texto de apoio para redação”. Em entrevista à autora, Lilia Schwarcz (2022b) afirma que,

por conta do Instagram e dessa minha participação nas redes, por exemplo, escrevi um livro como o autoritarismo brasileiro e, nesse ano de 2022, fui comunicada pelo jornal do Enem, o jornal do estudante, que a maior parte das poucas redações do Enem que tiveram a maior nota, acabaram citando textos meus.

No *Guia do Estudante* da Editora Abril, a professora é citada em uma matéria intitulada “Lilia Schwarcz: como explorar as ideias da historiadora na redação”⁷⁷.

A acessibilidade e a comunicação do tempo presente da mídia terciária, particularmente o tempo do “a qualquer instante” dos dispositivos móveis, promove a dispersão das palavras de Lilia Schwarcz para outros ambientes. E aplicativos como o Instagram, que possibilitam que os *posts* sejam salvos e compartilhados, facilitam a propagação dos conteúdos. Entretanto, são os corpos que se apossam das palavras e expandem seu alcance por meio dos compartilhamentos dentro e fora das

⁷⁷ DI SPAGNA, Julia. Lilia Schwarcz: como explorar as ideias da historiadora na redação. *Guia do Estudante*, São Paulo, 06 mar. 2023. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/redacao/lilia-schwarcz-como-explorar-as-ideias-da-historiadora-na-redacao>. Acesso em: 06 jul. 2023.

redes. Afinal, são os corpos que interagem entre si nesse ambiente, atribuem sentido e significado às palavras, e são afetados e impactados por elas. Corpos que, ademais, se relacionam com o ambiente, trazem histórias e experiências precedentes e são atravessados por esse mesmo ambiente, porque indivíduos não são seres compactos e divididos do mundo, conforme Boris Cyrulnik (1997): “O indivíduo é um objeto ao mesmo tempo indivisível e poroso, suficientemente estável para ser o mesmo quanto do biótipo varia e suficientemente poroso para se deixar penetrar, a ponto de se tornar ele mesmo um bocado de meio ambiente” (p. 92). A maioria dos usuários do perfil de Lilia Schwarcz não aparentam ser meros coadjuvantes, mas sim protagonistas porosos, que se contaminam com o ambiente, tomam para si as palavras e carregam para outros lugares, pelo que não podemos tomá-los como “sujeitos hipnógenos” e “despidos de capacidade de autodeterminação”, como diz Baitello (2008, p. 98). As palavras da professora se propagam dentro e fora da rede social: dentro a partir das críticas e dos debates, inclusive polarizados, e fora em decorrência da capilaridade da mídia terciária – porém, nos dois casos, através de pessoas com seus corpos. São palavras que alcançam outros espaços, incluindo a mídia primária – como salas de aula que possuem outra temporalidade, a da presença física, da afetividade e da permanência. As palavras da mídia terciária se expandem para a mídia primária porque, no fundo, impactam corpos bioculturais, cujos gestos e atos estão impregnados de vida e de cultura. Com efeito, a cultura mediática e digital traz mudanças nos comportamentos culturais, como a forma que interagimos e nos comunicamos, agora essencialmente por dispositivos eletrônicos e tecnológicos, e a forma que buscamos conhecimento, sobretudo na *internet*. Mas corpos atuam no mundo físico e, assim, carregam de volta para o ambiente presencial as repercussões e as informações do virtual. São as pessoas com seus corpos, impregnados de cultura, que entram em contato com as palavras de Lilia Schwarcz, que são atravessados e impactados por elas e transportam as palavras para a ambiência primária, onde, segundo Baitello, tais palavras ganham a possibilidade de gerar uma comunicação presencial e de proximidade (FAPCOM, 2013).

Se a paisagem das redes é de vazios e desertos e aproxima os iguais e a formação de tribos, o perfil de Lilia Schwarcz é permeável ao debate estimulado pelo ambiente de palavras críticas e analíticas. Contudo, é um debate que se manifesta em discussões civilizadas e encolerizadas, que repercutem na rede e externamente,

porque palavras são mídias que impactam e, no meio terciário, se disseminam quase instantaneamente. Se a capilaridade da mídia juntamente com a portabilidade dos dispositivos móveis favorece a expansão dos conteúdos, são os corpos que interagem na rede, mediados por aparatos e algoritmos, que carregam as palavras para outras paisagens e temporalidades.

Vimos, neste capítulo, alguns fenômenos recorrentes no perfil de Lilia Schwarcz que apontam para um ambiente da palavra. A palavra, especialmente a escrita, é usada de ambos os lados, tanto pela professora – em textos extensos e densos, combinada a outros recursos – quanto pelos usuários – com algumas simplificações de linguagem. Os conteúdos são apresentados de forma analítica, o que, juntamente com a palavra escrita, produz uma experiência de leitura aparentemente mais duradoura, com usuários que leem as publicações, leem os comentários e acompanham as reverberações dos respectivos conteúdos dentro e fora da rede social. Além disso, propiciam interações significativas com associações, análises e reflexões por parte dos usuários. Por fim, é uma paisagem atravessada pelo debate crítico, que se manifesta entre a professora e os usuários e entre os próprios usuários, e cujos conteúdos se alastram, carregados por corpos porosos, para outros ambientes com temporalidades distintas como a da mídia primária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percorremos o caminho da palavra no Instagram de Lilia Schwarcz. Com esse propósito, inicialmente definimos a concepção de palavra com base no conceito universalizante de imagem de Aby Warburg, para entendê-la como uma mídia capaz de impactar e criar ambientes culturais. Na sequência, estabelecemos os conceitos de mídia e de ambiente tomando de empréstimo as lições de Harry Pross e Baitello, e fixamos as particularidades da ambiência mediática e da capilaridade elétrica e eólica na qual a palavra hoje se insere majoritariamente. Depois, executamos um giro pela rede social Instagram e pelo perfil de Lilia Schwarcz e traçamos as especificidades da palavra da professora. Por fim, a partir de fenômenos recorrentes no Instagram de Lilia Schwarcz, discutimos a existência de um ambiente em torno da palavra nesse espaço.

Lilia Schwarcz prioriza o Instagram como mídia social porque ele permite aliar o texto com a imagem. Observamos que ela não faz um uso ingênuo e despretensioso do aplicativo; pelo contrário, associa a palavra a uma variedade de recursos e realiza publicações com constância e em todas as ferramentas da plataforma – *feed*, *reels* e *stories* –, e isso traz visibilidade para o perfil. A ênfase é na palavra escrita, que se mostra em textos extensos (“textões”) e analíticos, expressos numa linguagem direta e formal, e os conteúdos são apresentados decorrido um tempo dos fatos que analisam, num formato próximo ao da escrita lenta da mídia secundária, o que contribui para uma redação mais ponderada. Quando chegam ao perfil, os usuários se deparam, portanto, com palavras que demandam leitura, e constatamos que eles despendem tempo com os conteúdos, porque leem, comentam, fazem “textões” como os da professora, criticam e refletem. Ao mesmo tempo que o formato da palavra beneficia uma escrita pensada, Lilia Schwarcz mantém um ritmo intenso e quase diário de publicações para manter o engajamento na rede social. O engajamento, por sua vez, traz mais usuários ao perfil e a perspectiva de lerem os textos da professora, considerando que o ambiente aproxima os iguais e o Instagram de Lilia Schwarcz reúne um público de iguais propenso à leitura – tanto que existem muitas associações dos conteúdos com leituras.

As palavras escritas são combinadas com imagens visuais, e os usuários leem tanto os textos quanto as imagens. No tocante a estas últimas, leem

principalmente os conteúdos de análise de imagens incentivados pelos textos escritos da professora. O modo como a escrita é desenhada no perfil de Lilia Schwarcz, alinhando convencionalmente letras com espaços e pontuações, favorece a leitura linear e sequencial dos textos, como apreendido nos ambientes das mídias primária e secundária, e contribui para o pensamento crítico. Em compensação, o ambiente digital, com suas imagens de palavras, encoraja a leitura circular e aos saltos, típica dessa mídia terciária. Se, por um lado, a escrita e a linearidade concorrem para o pensamento crítico e o Instagram de Lilia Schwarcz destaca-se pelos comentários críticos, por outro a circularidade do olhar permite ao usuário lidar (e ler) com a combinação de linguagens do ambiente e do próprio perfil. Verificamos que um conteúdo pode ter o seu entendimento construído por diferentes trajetos que coexistem e colaboram entre si, uma vez que os corpos trazem para essa paisagem experiências de leitura de outros ambientes e os aprendizados, tais quais os meios de comunicação, se somam, conforme vimos com Pross, Baitello e Cyrulnik.

O número de comentários por *post* é significativo e mostra que os usuários não se contentam em apenas consumir os conteúdos e são participativos. A maioria dos comentários é constituída de palavras em vestes estruturadas, incluindo textos extensos e com muitos caracteres, seguindo o estilo da escrita da professora, exceto por algumas simplificações de grafia, o que aponta para um público adepto da escrita, porém atravessado pela informalidade do ambiente. Um público adepto da escrita num espaço de palavras escritas como o perfil de Lilia Schwarcz sente-se inclinado a comentar com palavras, ainda mais temas conhecidos, considerando que a professora traz notícias e imagens em evidência. De outro modo, nesse ambiente de imagens e palavras abstraídas, os corpos buscam por iguais, impulsionados por algoritmos que criam bolhas exclusivas e um lugar acolhedor. Um lugar acolhedor faz com que os usuários se sintam confortáveis para comentar, especialmente num espaço de distanciamento de corpos físicos como as redes sociais, onde comentar pode traduzir o pertencimento ao grupo, além de estabelecer uma relação de proximidade e intimidade com o outro. Um público adepto da escrita num espaço de palavras, com temas conhecidos, num lugar acolhedor que reúne uma tribo de congêneres proporciona muitos comentários. Quanto mais comentários, maior a popularidade e o engajamento do perfil e dos respectivos conteúdos, que atraem usuários leitores, os quais comentam com novas palavras que proporcionam leitura

e mais palavras, numa retroalimentação de palavras, estimulada conjuntamente pela palavra de Lilia Schwarcz e pelo ambiente.

O perfil congrega comentários críticos e reflexões. Os conteúdos são trazidos através de análises e o formato analítico favorece uma experiência de leitura mais duradoura e profunda, e, desse modo, o pensamento crítico e reflexivo, particularmente quando a palavra também é escrita. Os usuários chegam interessados, atrás da curadoria de notícias e imagens e das análises da professora; por conseguinte, já chegam com disposição para ler e, por ser um espaço de palavras analíticas, analisar, criticar e refletir acerca dos conteúdos. Em adição, a capilaridade do Instagram facilita a propagação e o acesso às palavras da professora e a diferentes pontos de vista, uma vez que os usuários podem navegar nos comentários e em outros perfis, beneficiando o consumo crítico dos conteúdos para os usuários com disponibilidade para leitura, ainda mais num perfil de comentários críticos como o dela. A portabilidade dos dispositivos móveis e, portanto, das palavras consumidas neles (lembre-se de que, mesmo sendo possível usar o Instagram nos *desktops*, o formato do aplicativo ainda é voltado para os dispositivos móveis) permite que os temas sejam debatidos e refletidos em outros espaços com distintas temporalidades, como a da conversa cara a cara da mídia primária.

Outrossim, a seleção de conteúdos em destaque na mídia, apresentados por meio de palavras analíticas e escritas, incita o debate, sobretudo num espaço de usuários interativos e críticos, além de concomitantemente impulsionar os algoritmos e a visibilidade do perfil de Lilia Schwarcz. Quanto mais visível o perfil, mais palavras propensas ao debate, quer sejam debates civilizados, quer sejam debates encolerizados, estes últimos promovidos pela polarização de afetos. As discussões polarizadas são fomentadas pela escrita da professora, traçada com um viés subjetivo definido, que reflete a binariedade da estrutura cultural, e igualmente pelo ambiente, responsável pela propagação célere das palavras e por alimentar os debates coléricos. As palavras de Lilia Schwarcz multiplicam-se e disseminam-se nesse espaço favorecidas pelo ambiente e impactam corpos físicos que as carregam para outros ambientes, como o da mencionada mídia primária, onde podem até gerar uma comunicação de presença e de proximidade.

Percebemos que o Instagram de Lilia Schwarcz possui uma temporalidade diferenciada, o que decorre de ambos os lados: da professora, que produz

conteúdos com um tempo de entrega um pouco mais dilatado, e dos usuários, que releem os conteúdos, voltam no dia seguinte, vão atrás de textos externos, como no *post* Beyoncé, e acompanham as controvérsias e as reverberações dos assuntos em outros perfis e mídias, como no *post* Folha. Entendemos que não se configura aqui o tempo longo e pausado da mídia secundária, aquele tempo da escrita manuscrita ou mesmo da leitura impressa. Ainda é o tempo da transitoriedade e da instantaneidade da mídia terciária, mas com uma dilação maior que pode ter relação com a palavra analítica e escrita empregada pela professora dentro do ecossistema das redes.

Em vista disso, concluímos que o Instagram de Lilia Schwarcz é um ambiente de palavras escritas, analíticas e porosas, que produzem novas palavras, notadamente palavras críticas, além de reflexões, debates e palavras que se proliferam para outros ambientes. Esse fenômeno verificado no perfil da professora revela uma ambiência da palavra que propicia a leitura e cria conexões. Desse modo, à luz da pergunta problema “a palavra no Instagram de Lilia Schwarcz produz um ambiente?”, o estudo mostrou que, de fato, as particularidades da palavra no seu perfil contribuem para a criação de um ambiente. A palavra, no formato analítico e escrito, é um diferencial para a formação desse ambiente cultural, mas não é a única responsável por isso. Iniciamos o percurso da pesquisa acreditando que a palavra no Instagram de Lilia Schwarcz seria a geradora desse ambiente. Contudo, no decorrer da investigação, não conseguimos isolar e separar a palavra do meio, como se pode verificar, inclusive, pelas ponderações dos parágrafos precedentes, em que toda e qualquer contribuição da palavra se mostra afetada por alguma contribuição do ambiente e vice-versa. Apuramos, assim, que a palavra e o meio atuam em conjunto para a definição do ambiente, razão pela qual a hipótese de pesquisa não se mostrou inteiramente correta.

Nesse contexto, percebemos que a palavra e o ambiente estão conectados e não podem ser separados. Vimos com Baitello que todo objeto pertence a um ambiente e é influenciado por esse mesmo ambiente, da mesma forma que todo ambiente é determinado pelo objeto. Se a palavra escrita em linguagem formal encoraja a leitura linear, o ambiente contribui para a leitura circular e ambas atuam ao mesmo tempo para a decifração dos conteúdos do perfil de Lilia Schwarcz (lembre-se das combinações da palavra com imagens visuais). Se a palavra analítica encoraja palavras críticas, o ambiente de iguais e de palavras portáteis proporciona muitos comentários. Se a palavra analítica escrita favorece um tempo

mais prolongado de leitura e de reflexão, o ambiente democratiza o acesso dessa palavra a muitos usuários. Se a palavra analítica escrita estimula o debate, o ambiente multiplica o poder dessa palavra e impulsiona a sua disseminação por meio de algoritmos projetados para reter a audiência e aumentar o tempo de permanência dos usuários na rede social. Enfim, se a palavra propicia condições para a construção de um ambiente, a mídia terciária e o próprio Instagram, com suas funcionalidades e particularidades, também contribuem, o que resultou perceptível na análise do perfil de Lilia Schwarcz.

De fato, o objeto de pesquisa e o ambiente estão integrados, porque, na prática, são organismos vivos que interagem no Instagram de Lilia Schwarcz, ainda que mediados por telas e aparatos. Habitamos peles de diversos corpos e um deles é a pele da palavra. A palavra nasce do corpo e, como vimos com Baitello, todo corpo é um catalisador de ambientes, basta a sua presença para gerar o desejo de interação com outros corpos e com o próprio ambiente. No Instagram de Lilia Schwarcz, esse desejo é potencializado pela palavra e favorecido pelo ambiente. Os usuários chegam ao perfil de Lilia Schwarcz porque buscam suas palavras (análises e conteúdos) e interagem com a professora e entre eles, porque chegam predispostos a se relacionar. A palavra no Instagram de Lilia Schwarcz é uma ponte que estabelece conexões que não se restringem exclusivamente a ela e aos usuários, dado que essa palavra se expande para outros espaços. Afinal, são os corpos que são afetados e impactados pelas palavras. São os corpos que leem, escrevem, criticam, debatem e refletem. Os usuários trazem experiências e aprendizados vivenciados em outros ambientes, contaminam-se com o ambiente virtual da rede e carregam as palavras de Lilia Schwarcz para o mundo físico.

Depreendemos, então, que são vários corpos que interagem nesse espaço: o corpo de Lilia Schwarcz com os corpos dos usuários, juntamente com o meio, incluindo o elemento maquínico e o ambiente que se forma ao final da junção de todos eles. Todos esses elementos interagem juntamente com outros fatores determinantes, como a opção pela palavra escrita e analítica, a linguagem formal e os algoritmos. Os algoritmos, por exemplo, são os responsáveis por impulsionar o perfil de Lilia Schwarcz. Eles criam bolhas de iguais, definindo o que será mostrado aos usuários e priorizando conteúdos com base em critérios como o engajamento do *post* e o próprio histórico anterior de navegação dos usuários, dentre outros critérios desconhecidos. Entretanto, os algoritmos só fazem com que os usuários cheguem

ao perfil de Lilia Schwarcz. A disponibilidade para ler e comentar criticamente os conteúdos parte dos próprios usuários e, como vimos no trajeto da pesquisa, os usuários do perfil de Lilia Schwarcz possuem disposição para tanto. São usuários que despendem tempo com a leitura e com a escrita, tanto que o perfil possui muitos comentários. Acreditamos que, como é usual nas redes sociais, também existem usuários seguidores do perfil que se comportam como verdadeiros fãs da professora, a ponto de tomar partido e defendê-la nos embates com outros usuários que divergem das análises e dos conteúdos. Mas seu público não se restringe a isso, porque muitos usuários são críticos e não concordam com tudo o que a professora diz, ainda que alimentados pelo próprio meio e pelos algoritmos.

A investigação do Instagram de Lilia Schwarcz mostrou que existe um ambiente em torno da palavra no seu perfil. Mas a pergunta que surgiu no decorrer do caminho é: até quando a professora vai conseguir manter o formato diferencial da palavra no perfil sem ser consumida pelo ambiente? Se é certo que ela mantém um tempo de escrita diferenciado, ela também precisa gerar conteúdo para manter o engajamento do perfil, como anotamos nas linhas acima. Até quando ela vai conseguir adequar a palavra analítica escrita, que se coaduna com o tempo do ler e refletir, com um ambiente que exige volume e celeridade? Cabe, por fim, perguntar, juntamente com Baitello (2014) e sua teoria da iconofagia, se Lilia Schwarcz ou, melhor dizendo, se o ambiente em torno da palavra a partir do seu perfil (do qual ela faz parte e ajudou a criar) não será devorado pelo tempo acelerado da rede social.

Nesse sentido, para nossa surpresa, no final da pesquisa, verificamos que Lilia Schwarcz lançou um *podcast*, o “Oi, Gente”⁷⁸. Os *podcasts* são conteúdos em áudio e, portanto, envolvem apenas a voz, a palavra falada. Diversamente dos vídeos (*reels*) do Instagram, não possuem imagens visuais e requerem apenas o ouvir, que, segundo Baitello (2014, p. 142), está mais relacionado com o sentir, já que “o som é vibração” e “a vibração opera sobre a pele”, ou seja, diretamente sobre o corpo. Então, posteriormente, pode ser interessante acompanhar a evolução do *podcast*, com a finalidade de aferir se essa nova forma de a professora se comunicar e compartilhar conteúdo vai seguir juntamente com o Instagram e como vai se comportar futuramente o ambiente criado no seu perfil diante da contínua demanda

⁷⁸ Disponível em:

https://www.instagram.com/p/CuKJ_fSrLe9/?utm_source=ig_web_copy_link&igshid=MzRIODBiNW FIZA==. Acesso em: 31 jul. 2023.

por conteúdo da rede social. Igualmente, pode ser pertinente acompanhar outro perfil que também faça uso da palavra de forma semelhante ao de Lilia Schwarcz e comparar os dois ambientes, o que não se mostrou possível no presente percurso, especialmente diante do volume de informações analisado entre *posts* e comentários e o tempo exíguo de duração de um mestrado.

Finalmente, o trajeto investigativo constatou que a palavra em conjunto com o meio produz um ambiente cultural no Instagram de Lilia Schwarcz. Esse ambiente se constrói em torno da palavra e cria uma temporalidade crítica de leitura. Ao final do processo de pesquisa, confirmamos o que diz Baitello (2008), notadamente acerca da complexidade dos processos de comunicação e da necessidade de se olhar para os ambientes, porque, no fundo, todo processo comunicativo envolve corpos, como ensina Harry Pross. Nesse sentido, a análise do Instagram de Lilia Schwarcz mostrou que, ainda que produzida virtualmente, a palavra não pode ser dissociada do corpo, e que todo corpo catalisa um ambiente que, no caso, envolve múltiplos aspectos, como a professora e os usuários, suas histórias e seus aprendizados, as conexões e as interações que se formam entre eles, os aspectos culturais e sociais, além de aparelhos e algoritmos cujo funcionamento não é de todo conhecido.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Moacir. Catálogo da Exposição “Lamento das Imagens” de Alfredo Jaar. São Paulo, 26 ago. – 05 dez. 2021, Sesc Pompeia.

ARRUDA, Juliana Gomide. A palavra corpo-gesto como resistência. **Nnhengatu**, v. 1, n. 6, p. 77-105, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nhengatu/article/view/60815/42046>. Acesso em: 02 maio 2023.

ARTE da palavra. Narrativas do atual, entre oralidades e escritas – com os escritores Ailton Krenak e Evanilton Gonçalves e mediação da escritora e pesquisadora Veronica Stigger. Campinas: SESC Campinas, 24 jun. 2021. 1 vídeo (103 min). Disponível em: <https://youtu.be/AGtJYaXNNp0>. Acesso em: 21 jun. 2022.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A carta, o abismo, o beijo**: os ambientes de imagens entre o artístico e o midiático. São Paulo: Paulus, 2018.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A era da iconofagia**: reflexões sobre a imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.

BAITELLO JUNIOR, Norval. A guerra das imagens da guerra que não terminou nunca. *In*: SERVA, Leão. **A fórmula da emoção na fotografia de guerra**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

BAITELLO JUNIOR, Norval. A imagem mediática. **Paulus**, v. 3, n. 5, p. 61-69, 2019a. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/90/84>. Acesso em: 21 jun. 2022.

BAITELLO JUNIOR, Norval. A mídia antes da máquina. **JB Online**, Caderno de Ideias, 16 out. 1999. Disponível em: http://cisc.org.br/portal/jdownloads/BAITELLO%20JUNIOR%20Norval/a_mdia_antes_da_mquina.pdf. Acesso em: 2 nov. 2022.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **A serpente, a maçã e o holograma**: esboços para uma teoria da mídia. São Paulo: Paulus, 2010.

BAITELLO JUNIOR, Norval. Corpo e imagem: comunicação, ambientes, vínculos. *In*: RODRIGUES, David (org.). **Os valores e as atividades corporais**. São Paulo: Summus, 2008.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **Existências penduradas**: selfies, retratos e outros penduricalhos. Por uma ecologia das imagens. São Leopoldo: Unisinos, 2019b.

BAITELLO JUNIOR, Norval. Incomunicação e imagem. *In*: BAITELLO JUNIOR, Norval *et al.* (org.). **Os meios da incomunicação**. São Paulo: Annablume, CISC, 2005.

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O pensamento sentado**. Sobre glúteos, cadeiras e imagens. 2. reimp. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

BAITELLO JUNIOR, Norval. O tempo lento e o espaço nulo. Mídia primária, secundária e terciária. *In*: FAUSTO NETO, Antônio *et al.* (org.). **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

BAITELLO JUNIOR, Norval. Os sentidos e as redes. Considerações sobre a comunicação presencial na era telemática. *In*: BARBOSA, Marialva *et al.* (org.). **Comunicação em tempo de redes sociais: afetos, emoções, subjetividades**. São Paulo: Intercom, 2013.

BELTING, Hans. **Antropologia da imagem**. Trad. Artur Morão. Lisboa: KKYM + EAUM, 2014.

BELTING, Hans. Imagem, mídia e corpo: uma nova abordagem à iconologia. Trad. Juliano Cappi. **Ghrebh: Revista de Comunicação, Cultura e Teoria da Mídia**, São Paulo, v. 1, n. 8, p. 32-60, jul. 2016. Disponível em: https://www.cisc.org.br/portal/jdownloads/Ghrebh/Ghrebh-%208/04_belting.pdf. Acesso em: 10 jun.2022.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

CAGLIARI, Isabela; OLIVEIRA, Rafaele. Do imaginário ao mundo real: a sinestesia das imagens. Entrevista com Norval Baitello Jr. esmiúça definições e consequências das figuras imagéticas na vida dos seres humanos. **Nnhengatu**. v. 1, n. 6, p. 1-18, 2022. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nhengatu/article/view/58960/41659>. Acesso em: 26 abr. 2023.

CARMO, Michele Picanço do. Leitura e movimentos oculares. **Linguagem e Subjetividade**, dez. 2014. Disponível em: <https://www.pucsp.br/linguagem-e-subjetividade/coluna-leitura-e-movimentos-oculares>. Acesso em: 01 jul. 2023.

COLVARA, Bianca Maciente. **Extremidades em rede: a conexão e a formação de comunidades em ambiente digital**. 2022. 121 p. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CYRULNIK, Boris. **Do sexto sentido: o homem e o encantamento do mundo**. Trad. Ana Rabaça. Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

CYRULNIK, Boris. Os seres humanos são esculpidos pelo ambiente em que vivem. [Entrevista concedida à Catherine Marin]. **Reporterre**, 02 dez. 2022. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/624504-os-seres-humanos-sao-esculpidos-pelo-ambiente-em-que-vivem-entrevista-com-boris-cyrulnik>. Acesso em: 08 jun. 2023.

FAPCOM. VI Simpósio de Comunicação 2013 – Era Digital: novos profissionais para um novo ambiente (1º dia - Parte 1). Conferência “A produção do conhecimento no ambiente digital”, com Gilson Schwartz e Norval Baitello Júnior. São Paulo: FAPCOM, 20 ago. 2013. 1 vídeo (47min59s). Disponível em https://youtu.be/Hr-HDQv_eHs. Acesso em: 26 jun. 2023.

FISCHER, Max. **A máquina do caos**: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo. Trad. Érico Assis. São Paulo: Todavia, 2023.

FLUSSER, Vilém. **A escrita**: há futuro para a escrita? Trad. Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.

FLUSSER, Vilém. **Elogio da superficialidade**: o universo das imagens técnicas. São Paulo: É Realizações, 2019.

FLUSSER, Vilém. Escrever em universo de imagens. **Arquivo Vilém Flusser**, São Paulo, 1985. Disponível em: <http://www.arquivovilemflusser.com.br/vilemflusser>. Acesso em: 10 jun. 2022.

FLUSSER, Vilém. **O mundo codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. Trad. Raquel Abi-Sâmara. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

FRIER, Sarah. **Sem filtro**: os bastidores do Instagram: como uma startup revolucionou nosso estilo de vida. Trad. Sandra Martha Dolinsky. São Paulo: Planeta, 2021.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2022a.

HAN, Byung-Chul. **Não-coisas**: reviravoltas do mundo da vida. Trad. Rafael Rodrigues. Petrópolis: Vozes, 2022b.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Trad. Lucas Machado. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Trad. Enio Paulo Giachini. 3Petrópolis: Vozes, 2017.

LAROSSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *In*: LAROSSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad. Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 5. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LEÃO, Lucia. **O labirinto da hipermídia**: arquitetura e navegação no ciberespaço. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.

MANGUEL, Alberto. **Notas para definição do leitor ideal**. Trad. Rubia Goldoni, Sérgio Molina. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2020.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Trad. Eliane Lisboa. 5.ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

OLIVEIRA, Danielle N. de; VIVIANI, Ana Elisa A. Glossário iconofágico de Norval Baitello Jr. Entrevista com Norval Baitello Jr. **Prometeica - Revista de Filosofia y Ciencias**, v. 17, p. 116–127, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/prometeica/article/view/1695>. Acesso em: 04 jun. 2022.

PARISER, Eli. **O filtro invisível**: o que a internet está escondendo de você. Trad. Diego Alfaro. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

PENIDO, Adriana Gomes. A Biblioteca Warburg e a biblioteca de artista: um possível desdobramento. **Art Research Journal - Revista de Pesquisa em Artes**, v. 9, n. 1, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/artresearchjournal/article/view/29637>. Acesso em: 26 abr. 2023.

PRADO, Jose Luiz A.; ALLEGRETTI, Bruna Luiza de C.; GIOVANNINI, Rafael. Controvérsia Schwarcz/Beyoncé: sociabilidades antagonistas e direito ao debate. **Revista Eco-Pós**, v. 24, n. 2, p. 226-251, 2021. Disponível em: https://ecopos.emnuvens.com.br/eco_pos/article/view/27659. Acesso em: 02 jun. 2023.

RODA Viva | Lilia Schwarcz | 07/09/2020. São Paulo: TV Cultura, Fundação Padre Anchieta, 2020. (1h24min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eU_BxcEuXro. Acesso em: 04 jun. 2022.

ROMANO, Vicente. **Ecología de la comunicación**. Hondarribia: Editorial Hiru, 2004.

SARAMAGO, José. **As palavras de Saramago**. Org. Fernando Gómez Aguilera. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SARAMAGO, José. **As pequenas memórias**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SCHWARCZ, Lilia. “A minha geração falhou”. [Entrevista concedida à] Isabel Lucas. **Revista Quatro Cinco Um**, n. 53, 01 jan. 2022a. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/entrevistas/historia/a-minha-geracao-falhou>. Acesso em: 13 jun. 2022.

SCHWARCZ, Lilia. Entrevista concedida a Juliana Gomide Arruda por *WhatsApp*. São Paulo, 04 abr. 2022b.

SCHWARCZ, Lilia. Filme de Beyoncé erra ao glamorizar negritude com estampa de oncinha. Ilustrada, **Folha de S. Paulo**, 02 ago. 2020b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/08/filme-de-beyonce-erra-ao-glamorizar-negritude-com-estampa-de-oncinha.shtml>. Acesso em: 02 jul. 2023.

SCHWARCZ, Lilia. Lilia Schwarcz analisa o caráter antagônico das redes sociais. [Entrevista concedida à] **BRZ Content**, 15 out. 2020a. Disponível em: <https://www.brzcontent.com.br/entrevista-lilia-schwarcz-analisa-o-carater-antagonico-das-redes-sociais/>. Acesso em: 15 jun. 2022.

SCHWARCZ, Lilia. **Livro aberto**. [Conversa com] Fábio Porchat. 01 nov. 2021b. 1 vídeo (51min44). Disponível em: <https://youtu.be/AQ5J1p-rXoQ>. Acesso em: 23 maio 2023.

SCHWARCZ, Lilia. **Papo de Arte**. [Conversa com] Hélio Goldstein. 18 out.2021c. 1 vídeo (38min24). Disponível em: <https://culturaemcasa.com.br/video/lilia-schwarcz/> . Acesso em: 09 fev.2023.

SCHWARCZ, Lilia. **Podcast Inteligência Ltda**. 24 fev. 2023b. 1 vídeo (2h41min). Disponível em: <https://www.youtube.com/live/uBYgPVwLdnM?feature=share>. Acesso em: 1 mar. 2023.

SCHWARCZ, Lilia. **Podcast Uma Estrangeira**. [Conversa com] Gabriele Oliveira. 19 jun. 2021a. 1 áudio (1h01min). Disponível em: <https://youtu.be/MCoymQQVMUw>. Acesso em: 25 jun. 2022.

SCHWARCZ, Lilia. “Quem disser que sabe o que vai acontecer no Brasil, mente”. [Entrevista concedida à] **Revista Revetres**, v. 52, 26 jan.2023a. Disponível em <https://revistarevestres.com.br/entrevista/quem-disser-que-sabe-o-que-vai-acontecer-no-brasil-mente/>. Acesso em: 03 jun. 2023.

SERVA, Leão; GUIMARÃES, Luciano. Norval Baitello Junior: da iconofagia à ecologia da comunicação – as imagens e o corpo na comunicação e na cultura. **MATRIZES**, v. 16, n. 2, p. 123-133, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/201627>. Acesso em: 28 out. 2022.

TRIGÉSIMA Bienal de São Paulo (#30ªbienal). Ações Educativas. Luis Pérez Oramas: Eco e Narciso. São Paulo: Bienal Educativo, jan. 2012. 1 vídeo (7min02s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8alRYmRm0M8> . Acesso em: 10 jun. 2022.

WARBURG, Aby. **Histórias de fantasma para gente grande**. Escritos, esboços e conferências. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

WATSUJI, Tetsuro. **Antropologia del paisaje**. Climas, culturas y religiones. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2006.

WOLF, Maryanne. **O cérebro no mundo digital**: os desafios da leitura na nossa era. Trad. Rodolfo Ilari, Mayumi Ilari. São Paulo: Contexto, 2019.

APÊNDICE A

Entrevista concedida por Lilia Schwarcz em 04 de abril de 2022 à autora

(perguntas encaminhadas por e-mail e respondidas por Lilia Schwarcz por áudios enviados por WhatsApp e transcritos abaixo)

Juliana Arruda: A professora possui contas no Instagram, Twitter e YouTube. De que modo você enxerga as redes sociais no processo de comunicação com o público, em especial o Instagram?

Lilia Schwarcz: Bom, eu tenho conta sim no Twitter, no Instagram, no YouTube, mas eu uso mais o Instagram, justamente porque o Instagram permite aliar a imagem com um texto, um texto breve, mas um texto informativo. Eu tinha um Instagram mais para usar para o Masp onde sou curadora adjunta para histórias, então eu postava mais imagens e as minhas fotografias e, desde a eleição de Jair Bolsonaro, eu passei a postar informações, notícias, conteúdo propriamente dito no Instagram. Ah, como você pode imaginar, eu não demonizo os processos de comunicação com o público, muito especialmente o Instagram que é uma rede mais *friendly*, mais amiga, com mais comentários, onde se forma mais uma rede, uma rede de trocas mesmo. Eu não acho também que as redes são ingênuas; ao contrário, é preciso saber como se mover nelas, mas eu julgo que nós nos encontramos em um momento com tantas *fake news* e, por outro lado, os setores retrógrados da sociedade se utilizam tanto das redes para difundir mentiras; agora, por exemplo, com relação ao processo eleitoral brasileiro, que é famoso por sua lisura e agilidade. Então, eu considero que é necessário ocupar as redes, sobretudo nesse contexto de governo Jair Bolsonaro e que é um ato de resistência.

Juliana Arruda: Como se dá a seleção e a escolha dos conteúdos que você publica nas redes, particularmente o Instagram?

Lilia Schwarcz: Bom, sou eu mesma que faço a seleção. Eu seleciono a cada dia uma notícia; meus amigos jornalistas dizem que o que eu faço é uma curadoria de

jornalismo. Mas eu também gosto muito de analisar imagens, essa é uma *expertise* minha que eu conheci graças à Academia e também utilizo muito o que eu aprendi na História e na Antropologia, ou seja, a definição de conceitos, o conhecimento rigoroso, mas que precisa ser comunicado nessas redes de uma forma mais leve. No meu entender, a leveza não quer dizer simplicidade, muitas vezes é mais complexo falar coisas simples de maneira fácil do que o oposto. Então, eu venho aprendendo muito; eu já escrevia muito em jornais. Eu também participo da editora Companhia das Letras, então leio todo tipo de original. Tenho uma coluna no *Nexo* e passei a escrever livros para um público maior além dos livros acadêmicos. Então, eu acho que isso é um treino. Um treino que nós da Academia precisamos fazer no sentido de sair da bolha e passar a nos comunicarmos para um público maior. Mas, sou eu que escolho o conteúdo e o critério é meu; o meu Instagram é totalmente independente, eu não me considero uma *influencer* porque não tem ninguém que me financie. Então, sou eu que decido, eu que determino que notícia eu quero dar ou não, e essa é uma grande facilidade no meu caso, porque eu não preciso dar explicações a ninguém e aqueles que me seguem sabem que sou eu que faço essa curadoria.

Juliana Arruda: No Instagram, você dá ênfase ao uso da palavra para divulgação dos conteúdos, seja a palavra falada ou escrita. Como você compreende o papel da palavra nas redes sociais? Qual a razão da escolha por textos escritos?

Lilia Schwarcz: Bom, eu aprendi, fui socializada como professora que sou a utilizar bem as palavras. Eu também considero que eu aprendi a utilizar bem as imagens e de uma forma não ingênua, ou seja, imagens não são ingênuas, elas traduzem concepções, valores, costumes, muitas vezes os produzem. Elas têm uma reflexibilidade e o mesmo acontece com as palavras. Eu, por conta do Instagram e dessa minha participação nas redes, por exemplo, escrevi um livro sobre o autoritarismo brasileiro e, nesse ano de 2022, fui comunicada pelo jornal do Enem, o jornal do estudante, que a maior parte das poucas redações do Enem que tiveram a maior nota, acabaram citando textos meus. Então, isso é um grande elogio na minha opinião. Eu acho que não é porque nós estamos nas redes que vamos usar mal as palavras; ao contrário, eu tento fazer textos muito fechados, muito cuidados, textos curtos e também os corrijo quando alguém explica que há algum equívoco. Eu acho

que a palavra tem um papel multiplicador nas redes sociais, tanto para o bem quanto para o mal, ou seja, para más informações. E eu tento oferecer informações que são de alguma maneira contextualizadas, cruzadas, ou seja, boas informações, que não partem de meras suposições ou então da má intenção mesmo. As palavras não são inocentes assim como as imagens também não são.

Juliana Arruda: No Instagram, você usa múltiplas linguagens e formas, tais como texto escrito e imagem, texto escrito e vídeo, texto escrito e imagem com elementos gráficos, dentre outras. Você acredita que essa multiplicidade de linguagens e formas ajuda a falar para o público e divulgar os conteúdos?

Lilia Schwarcz: Eu acredito muito no poder comunicador das palavras. Eu aprendi a me comunicar na frente de um vídeo. Eu confesso que, a princípio, eu não sabia fazer isso. Foi um aprendizado, tive amigos que me ajudaram a dizer de forma mais direta, de forma mais clara, para não criar mal-entendidos. E eu tento usar uma série de elementos gráficos mesmo, tento variar. Como eu acabo escrevendo todos os dias, então eu uso desde fotos de eventos políticos que eu procuro analisar, até imagens de personagens ou também desenhos, caricaturas, vídeos meus ou de outras pessoas, trechos de entrevistas e acho que isso tudo dá um carácter de comunicação menos monótono e que surpreende mais a sua comunidade de seguidores. Eu acho que, no momento, eu tenho mais de 400 mil seguidores. Eu não me movo por esses números ou por algoritmos, porque eu não ganho nada fazendo esses textos. É uma atividade republicana minha, eu considero uma atividade cidadã, porque, no momento que a gente vive, com esse recuo, ou seja, com esses governos retrógrados de ultradireita, quer me parecer que a cidadania precisa ser uma cidadania ativa e vigilante; que aqueles que, nesse momento, se abstém de participar, de alguma maneira, involuntariamente, estão contribuindo para esse processo de apequenamento da democracia. Então, as redes sociais podem ser muitas coisas, mas também podem ser um veículo mais horizontal dos professores, acadêmicos como eu, chegarem a um público mais amplo e ouvirem críticas também, e também podem ser veículos de comunicação de grande massa, sobretudo nesses momentos em que a democracia está correndo um grande perigo no país. Assim como eu não desconheço que as redes podem ser muito ruins, podem ser formas de cancelamento, podem ser formas de mentira também. Mas,

não nos é dada essa opção nesse contexto. Na minha opinião, é preciso que a Academia invada e ocupe com boa informação as redes sociais. Muito obrigada!

ANEXO A

Evolução no uso das ferramentas do Instagram no perfil de Lilia Shcwarz

Figura 21 – Infográfico do Instagram de Lilia Schwarcz









Fonte: elaborado pela autora com base nos dados extraídos do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em <https://instagram.com/liliaschwarcz>.

Figura 22 – Evolução das chamadas para as *lives*



Figura 23 – Evolução da identidade visual dos vídeos (uso de *thumbnails* e cores)



Figura 24 – Evolução da identidade visual dos textos publicados como imagens



Fonte das figuras 22, 23 e 24: elaboradas pela autora, com base nos dados extraídos do perfil de Lilia Schwarcz (2023). Disponíveis em: <http://instagram.com/liliaschwarcz>.

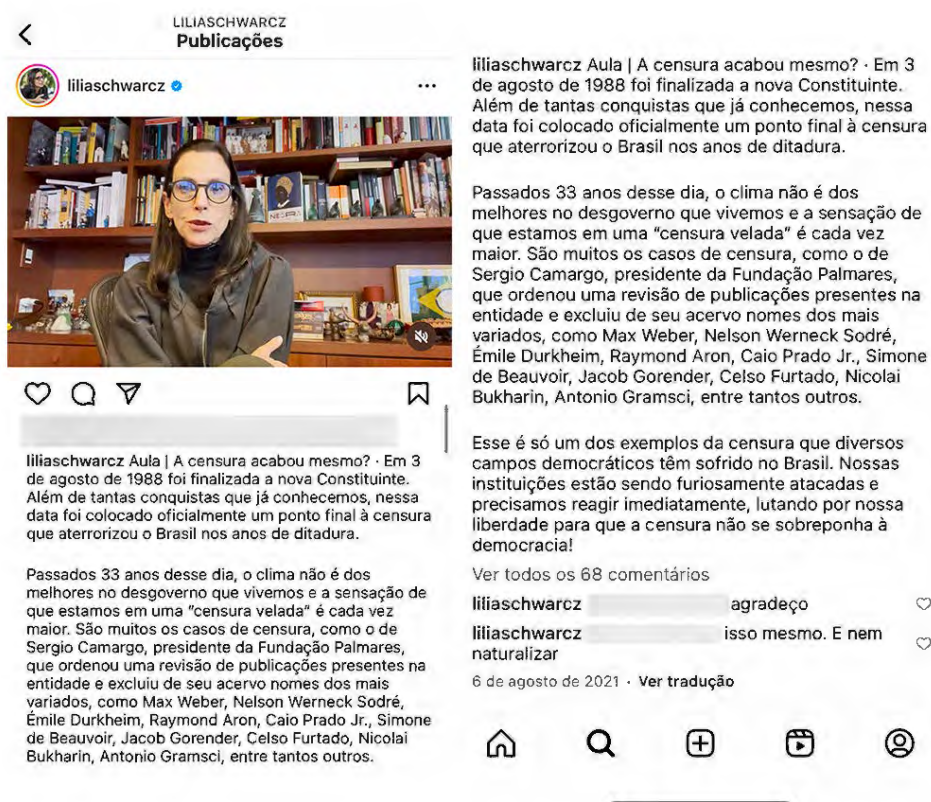
ANEXO B

Combinações da palavra no Instagram de Lilia Schwarcz

1. Texto e vídeo

Publicação de 22 de abril 2022, com vídeo próprio de Lilia Schwarcz, acompanhado de um texto escrito.

Figura 25 – Combinação texto e vídeo



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em:

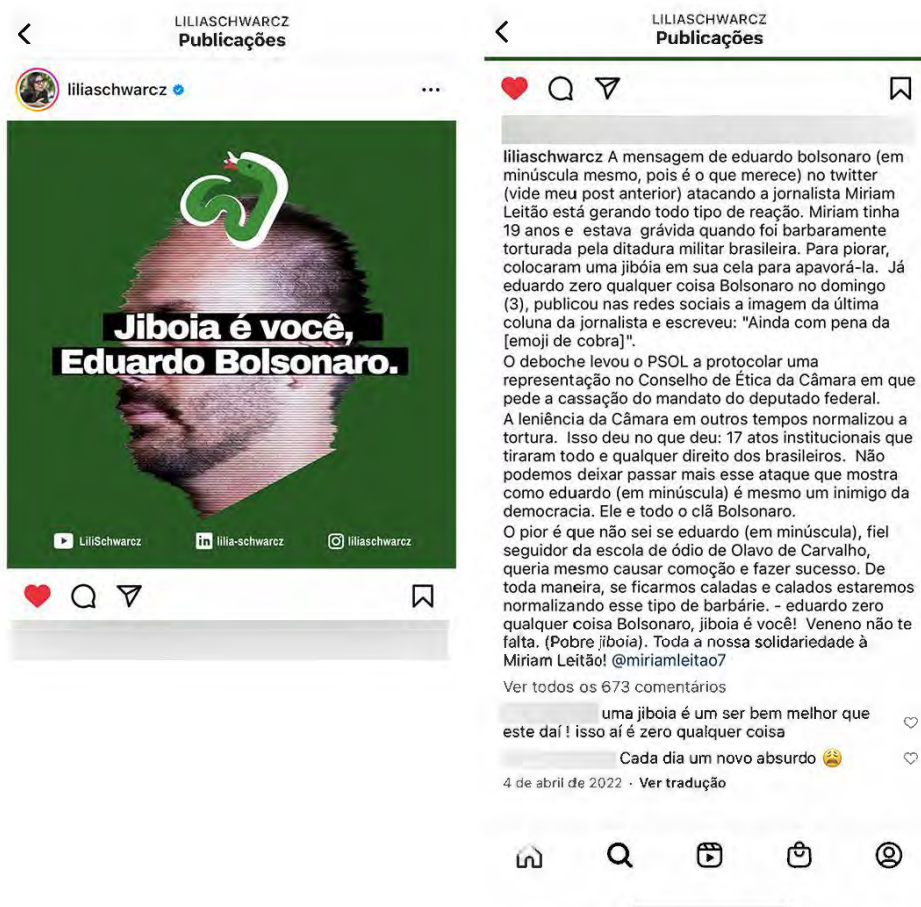
<https://www.instagram.com/tv/CSPvynGrG2l/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>

Acesso em: 28 maio 2023.

2. Texto e imagem

2.1) Publicação de 04 de abril de 2022, com imagem, uma frase sobreposta e uma figura de “cobra”, acompanhadas de um texto.

Figura 26 – Combinação texto e imagem



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/p/Cb82qvALFQY/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 28 maio 2023.

2.2) Publicação de 17 de abril de 2022, com imagens (uma atual e outra histórica) e elementos gráficos inseridos, acompanhados de um texto.

Figura 27 – Combinação texto, imagem e elementos gráficos



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CceQE7frWdU/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 28 maio 2023.

3. Texto e palavra-imagem

Publicação de 24 de março de 2021, com palavras como ícones (palavra-imagem), acompanhadas de um texto.

Figura 28 – Combinação texto e palavra-imagem



Fonte: captura de tela do Instagram de Lilia Schwarcz (2023). Disponível em: https://www.instagram.com/p/CM0VuuznXxk/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 28 maio 2023.

ANEXO C

Amostras de comentários de usuários no perfil de Lilia Schwarcz

Muito grata por esse espaço de reflexão. Um abraço (usuária em *post* de 04 de janeiro de 2021 com comparação de imagem de Jair Bolsonaro com imagem histórica).

Lili, as suas análises de “imagens”, nos atenta para as questões políticas e históricas! Muito obrigada por compartilhar essa precisão dos detalhes nesse momento tão difícil, nos ajuda a sermos mais críticos! (usuária em *post* de 07 de setembro de 2021, sobre uma imagem do desfile de Jair Bolsonaro com Nelson Piquet guiando o carro).

Você é fundamental na formação educacional e uma influência muito positiva de construção de um raciocínio lógico e democrático. Obrigada por fazer parte e contribuir para minhas questões políticas! Sou jovem, aberta à [sic] discussões e totalmente sua fã!!!! (usuária no mesmo *post* de 07 de setembro de 2021).

Tenho 17 anos e sou muito grata a você, por compartilhar todo o seu conhecimento de uma forma simples, de uma forma que eu entenda! Muito obrigada por isso e por favor, não pare! (usuária em *post* de 24 de maio de 2021 com comparação de imagem de Jair Bolsonaro e com imagem histórica).

Estava esperando por sua análise. Inclusive, a professora fala sobre o carisma de líderes autoritários no Sobre o Autoritarismo Brasileiro. Obrigado (usuário no mesmo *post* de 24 de maio de 2021).

Adoro suas colocações! Essas interpretações nos fazem refletir e observar! Ainda bem que falta menos que faltava pra nos livrarmos desse triste cenário! #forabolsonaro (usuária em *post* de 23 de outubro de 2021 sobre uma imagem de Jair Bolsonaro no dia do aviator).

Agradeço, imensamente, por contribuir com a leitura crítica da imagem, isso nos ensina muito! (usuária em *post* de 21 de julho de 2021 sobre uma imagem de Jair Bolsonaro no hospital).

A Internet - redes sociais - tem se tornado cada vez mais um grande vazio. Fico aguardando seus posts para ter algo inteligente para ler e compartilhar!!! (usuário em *post* de 15 de novembro de 2021 sobre a Proclamação da República).

Lilian sempre nos traz fatos e isso é essencial para a construção do conhecimento com bases reais e não “convencionais”. Obrigada professora (usuária no mesmo *post* de 15 de novembro de 2021).

As imagens, quando não codificadas, produzem um efeito devastador (porque não consciente) nas mentes. É como o alimento não digerido: causa um enorme mal estar e, pior, sem que saibamos. Mas, quando devidamente lidas, perdem seu poder de nos afetar e se tornam o que realmente são: imagens ou pequenas montagens da ‘realidade’! Como sempre, a Lilia nos fornece elementos para não nos deixarmos enganar pelas estratégias subliminares do poder! Obrigada! (usuário em *post* de 10 de março de 2021 sobre uma imagem de Jair Bolsonaro sobre um cavalo).

Como sempre, você muito didática. Amo suas explicações e entrevistas. Aprendo muito! Obrigado por ser resistência nessa época tão triste (usuário no mesmo *post* de 10 de março de 2021).

Como instituição escolar agradecemos pela excelência de suas contribuições (usuário - escola em *post* de 29 de setembro de 2021 sobre uma imagem histórica escolhida pela *Folha de S. Paulo* para ilustrar uma coluna).

Um pouco de reflexão e autorreflexão em meio a muitas postagens ilustrativas. Grato por manter nossa mente sã e sempre alerta (usuário no mesmo *post* de 29 de setembro de 2021).

Ler algo com base; conteúdo, respeito e acima de tudo empatia pela causa me faz vir aqui nesta plataforma. São poucos que não se comunicam por emojis, sticckers e

sinais. A redução do pensamento ao “pensamento whatsapp” [sic] tem posto conquistas em riscos [sic] e perdas. Agregador e prazeroso ler seus *posts*. Mais um ano desta data... mais um ano de um país negro com perdas incalculáveis! (usuário em *post* de 20 de novembro de 2021 sobre o Dia da Consciência Negra).

Uso alguns dos seus textos com meus estudantes do ensino básico no Recife! Tem sido muito interessante e de reflexão nas minhas aulas de história (usuário em *post* de 17 de abril de 2022 comparando imagens de Jair Bolsonaro com pintura histórica).

Até salvei para discutir em sala de aula com meus alunos. A imprensa - leia-se jornal Estado de São Paulo - e manutenção do racismo (usuária em *post* de 26.11.2022 sobre uma imagem publicada no jornal *O Estado de São Paulo*).

Eu ampliei a foto várias vezes. Eu acho q para piorar a msg a perversa, a mão q segura a arma é de uma de mulher (usuário no mesmo *post* de 26 de novembro de 2022).

A Palavra nunca é vazia de sentido. Há sempre uma posição tomada, já dizia Bakhtin, quando algo é valorado. O referido jornal toma partido ao toma [sic] a palavra, que no caso é uma imagem. Ao mudar o sentido da imagem, a quem a Folha serve? E com o que está conivente? (usuário em *post* de 05 de outubro de 2022 sobre uma imagem publicada na capa do jornal *Folha de S. Paulo*).

Refletindo sobre o assunto, sua cobertura e as narrativas (sobretudo as ocidentais lideradas pelos interesses dos EUA): por que quando os EUA vão invadir um país para seu interesse bélico, petroleiro e oligárquico, a narrativa ocidental chama de luta contra o terror, mas, quando Putin faz o mesmo, ele é o terrorista? Narrativa do bem contra o mal? Necessidade dos EUA de criar essa áurea [sic] de terror no mundo com ameaça de terceira guerra mundial por medo de perder seu poderio para Rússia e China? Por trás dessa ameaça de guerra da Rússia estão postos muito mais o medo e interesses oligárquicos dos EUA do que a real preocupação com a população da Ucrânia (usuária em *post* de 21 de fevereiro de 2022 sobre a guerra da Ucrânia).

Professora @liliaschwarcz, com todo respeito ao seu valioso trabalho, mas por que você escolheu justamente esta foto para ilustrar sua indignação a esse fato? Caso a publicação não fosse sua, que análise semiótica você faria da foto escolhida? Que conclusão seria tirada de sua análise sobre a mensagem passada por essa foto? (usuária em *post* de 23 de novembro de 2022 sobre a convocação de Alexandre Frota para acompanhar os trabalhos do grupo de transição na área de Cultura).

O contato diário com seu pensamento me permite confirmar e ampliar muitas vezes o meu conhecimento (usuária em *post* de 14 de abril de 2023 comemorando os 500 mil seguidores).

Eu digo sempre que um dos motivos que me fez voltar ao Instagram foi seguir o seu perfil. Sua clareza e lucidez fazem falta (usuário em *post* de 17 de abril de 2023 que comenta uma foto do empresário Thiago Brennand).